

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

REDACÇÃO	Revista do Brasil	138
JOSE' OITICICA	Annibal Theophilo	197
RUBENS DO AMARAL	Manifestações do nacionalismo	218
MONTEIRO LOBATO	O luzeiro agricola	226
LAURA DA FONSECA E SILVA	Versos	235
SERGIO ESPINOLA	A noiva de Oscar Wilde	239
HENRIQUE GEENEN	A philosophia de J. Ingenieros	246
J. A. NOGUEIRA	Paiz de ouro e esmeralda	256
ARTHUR MOTTA	Academia de Letras	263
REDACÇÃO	} Bibliographia	265

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 47 - ANNO IV — VOL. XII — NOVEMBRO, 1919

Redacção e Administração:
RUA BOA VISTA, 52
SÃO PAULO -- Brasil



RESENHA DO MEZ: — VIDA NACIONAL: De 15 a 15 - Nota Mineira — "Faisons commune!" — O monumento da Independencia — A situação demographica do Estado de São Paulo — O ensino no Brasil (Mario Pinto Serva.)

ILLUSTRAÇÕES: Quadros de J. M. Campão — Esculturas de Starace.

CARICATURAS DO MEZ

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS
LETRAS, ARTES, HISTORIA, E ACTUALIDADES

Directores: MONTEIRO LOBATO,
LOURENÇO FILHO.

Secretario: ALARICO F. CAIUBY.

Directores nos Estados:

Rio de Janeiro: José Maria Bello.

Minas Geraes: J. Antonio Nogueira, Belo Horizonte.

Pernambuco: Mario Sette, Recife.

Bahia: J. de Aguiar Costa Pinto, S. Salvador.

Ceará: Antonio Salles, Fortaleza.

R. Grande do Sul: João Pinto da Silva, P. Alegre.

Paraná: Seraphim França, Corityba.

Amazonas: João Baptista de Faria e Souza Manãos

Rio Grande do Norte: Henrique Castriciano, Natal.

Parahyba: Alcides Bezerra, Parahyba.

ASSIGNATURAS

Anno 15\$000

Seis mezes 8\$000

Numero avulso. 1\$500

Assignatura com direito a registro no correio: mais 2\$400 por anno.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52

SAO PAULO

Caixa Postal: 2-B — Telephone, 1603, Central

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS de ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 1/2 WATT

ISOLADORES

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Installações Hydro-Electricas completas, Bondes, Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & Co.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745 - central — S. PAULO

Etablissements **Bloch**

:: Société
Anonyme

au Capital de 4.500.000 francos. ::

Fazendas
e Tecidos

Río de Janeiro
116, R. da Alfandega

S. Paulo - Rua Lib. Badaró, 14

Paris - 26, Cité de Trévise

CASA BRITANNIA

S. PAULO

Macdonald & C.

Moveis Finos
e Tapeçarias

Telephone Central 5019

Rua Libero Badaró N. 59

OFFICINAS E GARAGE MODELO

A. Dias Carneiro



UNICO IMPORTADOR DOS

**Automoveis OVERLAND e
WILLYS KNIGHT**

GRANDE STOCK DE ACCESSORIOS
PARA AUTOMOVEIS.

Deposito permanente dos Pneumaticos
"FISK,"

Mechanica-Pintura-Sellaria

Carrosserie - Vulcanisação -

Electricidade.

EXECUTA-SE QUALQUER ENCOMMENDA
COM RAPIDEZ.

TELEPHONES CENTRAL

ESCRITORIO N. 3479 — GARAGE N. 411

Caixa Postal N. 534 — End. Telegr.: ALDICAR"

RUA 7 DE ABRIL N. 38

Av. São João N. 18 e 20

Canto Libero Badaró

S. PAULO

PEREIRA IGNACIO & C.

INDUSTRIAES

Fabrica de Tecidos PAULISTANA e LUSITANIA nesta Capital, e LUCINDA, na estação de S. Bernardo (S. Paulo Railway).

VENDEDORES DE FIOS DE ALGODÃO CRUS E MERCERISADOS

COMPRADORES de Algodão em caroço em grande escala, com machinas e AGENCIAS nas seguintes localidades todas do Estado de S. Paulo.

Sorocaba, Tatuhy, Piracicaba, Tieté, Avaré, Itapetininga, Pirajú, Porto Feliz, Conchas, Campo Largo, Boituva, Pyramboia, Monte Mór, Nova Odessa, Bernardino de Campos, Bella Vista de Tatuhy.

Grandes negociantes de ALGODÃO EM RAMA neste e nos demais Estados algodoeiros, com Representações e filiaes em AMAZONAS, PARA, PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO, RIO GRANDE DO SUL

ESCRITORIO CENTRAL EM SÃO PAULO:

Rua de São Bento N. 47

Telephones: 1536, 1537, 5296 - Central - Caixa Postal, 931

Proprietarios da conhecida "PLATINA,"
Agua Mineral
Cognominada a VICHY BRASILEIRA - A melhor Agua de mesa - Acção Medicinal - A PLATINA cuja FONTE CHAPADÃO, está situada na estação da PRATA, é escrupulosamente captada, sendo fortemente radio-activa e bicarbonatada sodica como a VICHY e é como esta agua franceza.

VENDIDAS EM GARRAFAS ESCURAS

The British Bank of South America Ltd.

FUNDADO EM 1863

CASA MATRIZ:

4, Moorgate Street-LONDRES

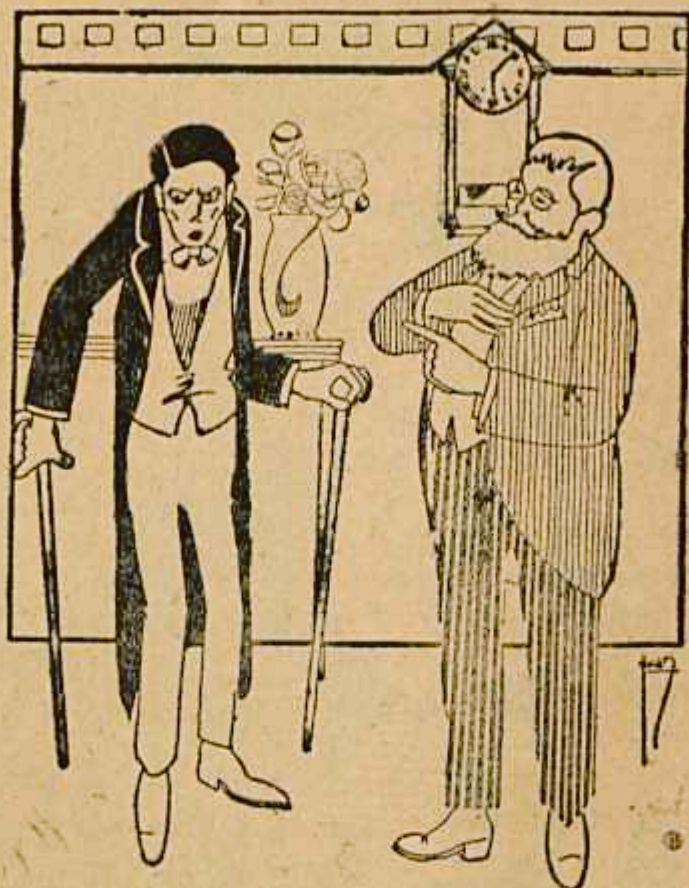
Filial em S. PAULO: R. S. Bento, 44

Capital Subscrito £ 2.000.000	Succursaes : Manchester, Bahia,
„ Realizado £ 1.000.000	Rio de Janeiro, Porto Alegre,
Fundo de Reserva £ 1.000.000	Montevideo,
	Rosario de Sta. Fé e Buenos Aires.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canada, Nova Zelandia, Africa do Sul, Egypto, Syria e Japão. Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteados e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

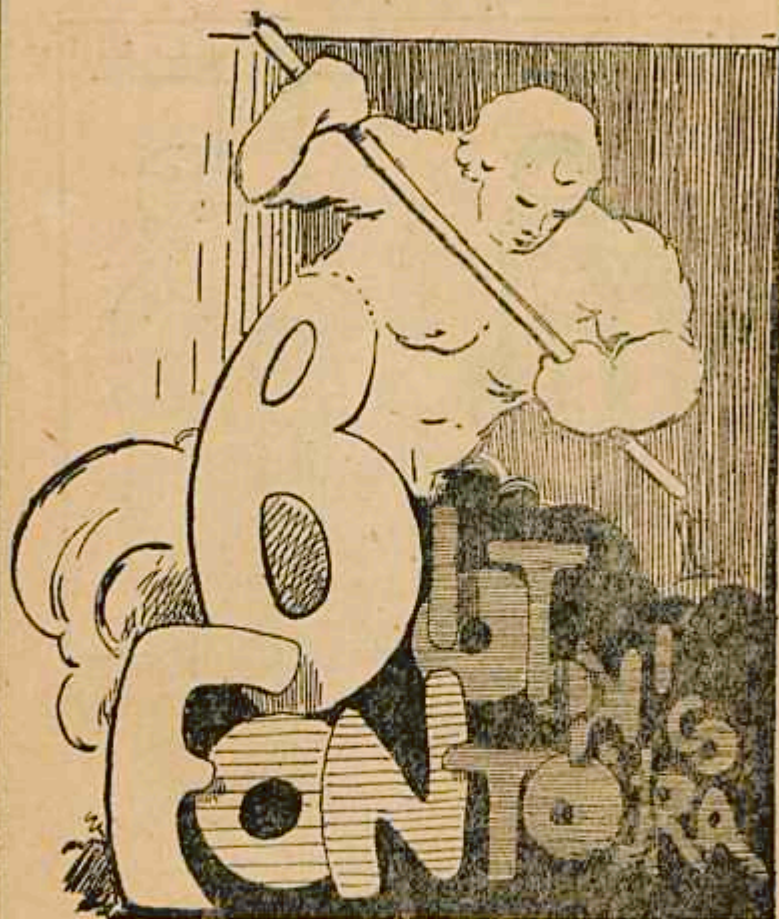
RECEBE-SE DINHEIRO, EM CONTA CORRENTE E A PRAZO FIXO, ABONANDO JUROS CUJAS TAXAS PODEM SER COMBINADAS NA OCCASIÃO.



1º VELHO — Parece que hoje é o último dia da minha vida. "Usei tudo" e nada me curou.

2º VELHO — "Usei tudo" — Não. Eu sou muito mais velho do que tú, fui tuberculoso, curai-me e devo toda esta saúde e vigor ao Vinho Iodo Phosphatado de Werneck, o grande específico contra anemia, lymphatismo, escrophulose e depauperamento geral.

Como Venus sahiu das ondas, o
Vigor sahe do Biotonico.



Eminentes medicos affirmam que o **BIOTONICO** e o
mais completo fortificante. Exerce accção benefica sobre todos
os orgãos, produzindo sensação de bemestar, de vida, de saúde.

O Biotonico cura todas as formas de anemia. Cura fraqueza
muscular. Cura fraqueza nervosa. Augmenta a força e a resistencia. Torna as mul-
heres bellas e os homens viris. Infundem novo vigor aos orga-
nismos gastos ou enfraquecidos por molestias, por excesso ou
por qualquer outra cousa.

E' notavel sua accção nos organismos ameaçados pela
tuberculose. :: :: :: :: :: :: :: ::

Wilson Sons & Co. Limited

R. B. Paranapiacaba, 10 - S. PAULO

Caixa Postal 523

ENDEREÇO TELEGRAPHICO:
" ANGLICUS "

Armazéns de mercadorias e depósitos de carvão
com desvios particulares no BRAZ e na MOÓCA

AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres	<i>Seguros contra fogo</i>
J. B. White & Bros. Ltd., Londres	<i>Cimento</i>
Wm. Pearson Ltd., Hull	<i>Creolina</i>
T. B. Ford Ltd., Loudwater	<i>Mataborrão</i>
Brocke, Bond & Co. Ltd., Londres	<i>Chá da Índia</i>
Read Bros. Ltd., Londres	<i>Cerveja Guinness</i>
Andrew Usher & Co., Edinburg	<i>Whisky</i>
J. Bollinger, Ay Champagne	<i>Champagne</i>
Holzapfel, Ltd, Newcastle-on-Tyne	<i>Tintas preparadas</i>
Major & Co. Ltd., Hull	<i>Preservação de Madeiras</i>
Curtis & Harvey, Lie., Londres	<i>Dynamite</i>
Gotham Co. Ltd., Nottingham	<i>Gesso estuque</i>
P. Virabian & Cie., Marselha	<i>Ladrilhos</i>
Platt & Washburn, Nova York	<i>Oleos lubrificantes</i>
Horace T. Potts & Co., Philadelphia	<i>Ferro em barra e em chapas</i>

Unicos depositarios de

Sal legitimo estrangeiro para gado marca "LUZENTE"
Superior polvora para caça marca "VEADO" em
cartuchos e em latas
Anil "AZULALVO" o melhor anil da praça.

Importadores de

Ferragens em geral, tintas e oleos, materiaes para
fundições e fabricas, drogas e productos chimicos
para industria's, louça sanitaria, etc.

O VINHO RECONSTITUINTE

Recomendado e preferido por eminentes clinicos brasileiros :-:

SILVA ARAUJO



"de preparados analogos, nenhum a meu ver, lhe é superior e poucos o igualam, sejam nacionais ou estrangeiros; a todos, porém o prefiro sem hesitação, pela efficacia e pelo meticuloso cuidado de seu preparo a par do sabor agradável ao paladar de todos os doentes e convalescentes."

Prof. RÓCHA FARIA



"excelente preparado que é empregado com a maxima confiança e sempre com efficacia nos casos adequados."

Prof. MIGUEL COUTO



"é um preparado qu merece a minha inteira confiança."

Prof. MIGUEL PEREIRA



"...excelente tonico nervino e hematogenico applicavel a todos os casos de debilidade geral e de qualquer molestia infectuosa."

Prof. A. AUSTREGESILO

Tuberculose

Inappetencia

Anemia

Rachitismo

Escrophulose

XAROPE DE LIMÃO BRAVO

CURA:

**TOSSE, ASTHMA,
COQUELUCHE ETC.**



**SOC. DE PROD. CHIMICOS
L. QUEIROZ S. PAULO**

Casa Franceza de

L. Grumbach & C.^{ia}

RUA SÃO BENTO 89 e 91
SÃO PAULO



PERFUMARIAS

PEDIMOS UMA VISITA A' NOVA
SECÇÃO DE PERFUMES



Temos um grande sortimento
das melhores.
marcas francezas e inglezas



Extractos — Loções — Pó de arroz —
:-: Brilhantina — Agua de Toilette :-:

Peça a **Agua de Colonia Russa**
(MARCA DA CASA)

FABRICAÇÃO ESPECIAL

a garrafa

5\$800



REVISTA DO BRASIL

A «Revista do Brasil» é uma publicação aberta ao publico, aos que pensam, aos que desenham, aos que investigam, aos que sentem. Não se fecha ao leigo, ao principiante, ao obscuro, ao sem nome. Tanto acolhe as manifestações intellectuaes do consagrado pela immortalidade academica, como as de um simples «curioso». Não olha nunca para o nome que subscreve a contribuição e sim para esta somente. Tendo valor o trabalho, accetal-o-á com o maior prazer. Porque está no seu programma ser um reflexo da alma nacional, essa alma brasílica suffocada pelo estrangeirismo invasor e pelo snobismo infrene das grandes capitaes. Abrindo-se ao publico, só assim ella realisará o seu programma de espelho da nação, onde se reflectam todas as manifestações da nossa mentalidade. Para dar idéia desse programma, concretisamol-o na serie de themas, inserta abaixo a titulo de suggestão.

PROGRAMMA

Historia e Sociologia. — Dramas da colonisação. — A tragedia de João de Barros e de Pereira Coutinho. — Os dilatadores da fé. — Os piratas. — Os cavalleiros do oceano. — Santos e bandidos. — A miragem do Eldorado. — Estado da Europa á noticia do ouro da America. — O espirito das Ordenações do Reino — O livro Quinto — O cacique Cunhanbebe. — A funeção do jesuíta. — Anchieta, o santo da America. — A fundação das cidades; como se organisavam; a localisação; a defese; a administração etc. — Thomé de Sousa, “varão prudente e sisudo, homem sério”. — O pelourinho. — A sociedade dessa epoca — As tupinambás eram “alvas e formosas e não haviam nenhuma inveja ás de Lisboa”. — O regimen feudal no Bra-



sil; a reacção da realza. — Os primeiros orgãos de defesa; o aparelhamento do donatário e do senhor de engenho. — A marinha de outr'ora, a galé a nave, o galeão, o bergantim, a caravella, etc. — Reflexo de Alcaacer-Kebir na colonia — Gabriel Soares, o sertanista, o chronista. — O roteiro de Glimmer. — Factores de penetração, o ouro, o escravo. — O boi como factor de fixação. — As zonas de criação, segregamento, consequencias. — A versão hollandeza sobre as guerras hollandezas. — Brilho da epoca hollandeza — Mauricio de Nassau, no velho mundo e no novo. — A organização colonial, o capitão-mór, o ouvidór-mór, o provedor-mór, o capitão de resgate, o da costa, o alcaide, etc. — As bandeiras. — Antonio Raposo, o escravista. — Jorge Velho, o guerreiro. — Como e porque o paulista se fez bandeirante. — Um instante de realza: Amador Bueno. — O monopólio. — O ouro do Brasil passa em transitio por Portugal e enriquece a Inglaterra. — O Brasil visto atravez da obra de Vieira. — Influencia do ouro na metropole. — As rivalidades do reinol e do nativo. — As conspirações. — D. Maria I. — Chegada de D. João VI ao Brasil. — Aspectos do Rio nesse tempo. — Ituaingó visto pelos argentinos. — A guerra do Paraguay vista pelos platinos. — Influencia da escravidão na psychica nacional, etc.

Ethnographia. — Origens ethnicas dos aborigenes — Civilizações americanas. Os Incas. — Os Azteques. — Os Guaranyes. — Movimentos migratorios, as correntes. — A hypothese de Stein. — O planalto bolívio-mattogrossense foi um foco irradiador?. — A ponte aleutica. — A Atlantica. — Os sambaquis, os monumentos, as inscrições. — A expansão tupy, etc.

Folk-Lore. — As artes populares. — As rendas do Ceará. — O nhanduti — A musica. — A modinha, origem, evolução e significação. — A ceramica, o boneca de pano. — As danças, o samba, o estereté, o jongo, as danças da boa sociedade. — As lendas. — A contribuição do indio e do negro no folk-lore brasileiro. — A poesia popular. O desafio sertanejo, — O maxixe, etc.

Biographia. — D. João VI. — Pedro I. — Os Andradas. — Evaristo da Veiga, a força nova. — Um homem: Feijó. — Caxias e Osorio. — Estadistas do Imperio: Cotegipe, Saraiva, Rio Branco, Nabuco, etc. — Estudos sobre Pedro II, o homem e o imperante, sua magnanimidade, seu valor mental, sua acção na formação do paiz. — A familia imperial. — A imperatriz. — D. Isabel. — Os príncipes imperiaes. — Os naturalistas estrangeiros que estudaram o Brasil: Martius, Spix, Saint-Hilaire, Agassiz, Landsdorf, Bates, etc. Os naturalistas brasileiros, Velloso, Arruda Camara, Freire Allemão, etc.

A mulher no Brasil. — Caracteristicas da brasileira; a branca, a preta, a mulata. — Psychologia da mulher autochtone. — Estudos de anthropometria, a estatura, a côr, a côr dos olhos e dos carbellos a pigmentation, etc. — O typo classico da brasileira, as variantes, a rio-grandense, a mineira, a cearense, etc. — A belleza brasileira, o que consideramos como belleza, onde ella se accentua, etc.

A população, os typos. — O reinol. — O garimpeiro. — O escravo — O negro de hoje. — O caboclo. — O tropeiro. — O boiadeiro. — O seringueiro. — O cangaceiro. — O vaqueiro. — O gaúcho. — O piraquara. — O capadocio. — O capoeira. — Os fazedores de deserto. — Os poiaeros. — Os immigrants. — O praeiro. — O mulato. — A mulata bahiana. — A mulata carioca. — A negra, etc.

A linguagem. — A “língua geral” na penetração portugueza. — A denominação tupy dos lugares. — O palimpsesto tupy: restauração do nome primitivo occulto pela sobrecarga tupy. — Evolução da língua portugueza no Brasil. — Como se differencia. — As influencias predominantes. — O archaismo popular. — O neologismo das capitães. — Como o Rio crea vocabulos novos — O snobismo e a francesia, etc.

Costumes, Tradições e Aspectos. — A sociedade colonial. — O luxo da epoca. — Um senhor de engenho. — A moda masculina e feminina no tempo de D. João. — Como se iniciou o trafico dos negros, como os apanhavam na Guiné; as primeiras levas. — Procições, representações de autos e mysterios. — A nostalgia do negro, o banzo, o mal de Loanda. — Os vehiculos de outr’ora. Os coches de gala, a diligencia, a cadeirinha, a liteira, etc. — O carro de boi, sua função no passado e no presente. — A caça, como caçavam os indios e como caçamos nós. — O que conservamos do indio; as armas, as armadilhas. — A pesca, instrumentos de pesca, a pesca da baleia na Bahia. — A vida agricola, alfais agricola, methodos e sistemas. — A habitação; como se differencia de norte a sul. — A oca e a choça de hoje. — As velhas fazendas: tradições, lendas e dramas. — A vida de um fazendeiro no Imperio. — O fazendeiro do sertão. — Formas de vida religiosa, superstições. — A alimentação, a cosinha de outr’ora e a de hoje, a cosinha bahiana, os pratos tradicionaes. — Os santuarios. — As romarias. — As festas populares. A feitiçaria. — O curandeiro e o santo. — Costumes creados pela escravidão: o apadrinhamento, a alforria na pia, o direito de mudar de senhor, os quilombos. — A Troya Negra. — A amor no Brasil. — O namoro antigo e moderno. — O derriço poetico. — A organização da cõrte imperial. — Os palacios e a vida de uma familia imperial na America A escravidão: dramas, o negreiro, os trapiches, o Vallongo, capitães de matto, o feitor, a mucama, o moleque, instrumentos de tortura, a senzala, etc. — Os garimpeiros. — As zona fronteiriças. — A inter-penetração nas fronteiras, da lingua e dos costumes. — As cidades mortas. A tapera. — A cruz á beira da estrada, etc.

As Artes. — As artes no Brasil antes de D. João VI. — As artes depois da missão franceza. — A pintura heroica. — Os primeiros ensaios da caricatura. — As primeiras gravuras. — A caricatura no Imperio e hoje. — A architectura colonial — O neo-colonialismo. — Os pintores que fizeram escola. — O theatro lyrico no Imperio. — O theatro dramatico de João Caetano. — O theatro portuguez no Brasil. — A musica outr’ora e hoje, sua filiação, suas correntes, orientação actual. — As igrejas do Brasil. — A capellinha votiva, etc.

Aspectos da Terra. — As montanhas. — Os rios: lendas, paisagen, flora e fauna de cada um; função no povoamento. — As cachoeiras. Sete Quédas, Paulo Affonso, Itapura, etc. — As lagõas: dos Patos, Mirim, Uberaba, etc. — O nosso mar, suas caracteristicas, seus peixes, as correntes, a pororóca. — As ilhas: Trindade, Marajó, Fernando da Noronha, etc. — Aspectos da nossa costa. — A paisagem. — Estudo das bahias Guanabara, do Recife, etc. — As florestas: a amazonica, a sulina. — Os campos nativos. — Os cercados. — As nossas arvores, o pau-Brasil, o jequetibá, o mata-pau, etc. Porto seguro, localisação do desembarque de Cabral, etc.



Vários Assumptos. — As expedições scientificas. — Os novos cruzamentos — O italo-brasileiro, o teuto-brasileiro. — Os romanistas mais lidos, deducção do estado mental do povo, suas exigencias e psychologia. — A inflação amazonica, grandeza e decadencia. — Vicios deixados pelo despotismo colonial na psychica brasileira. — A organização moderna. — As maravilhas do methodo. — A eficiencia medida pela capacidade de organização. — Falhas da nossa educação actual. — Estudos sul-americanos. — Bolivar. — Sarmiento. — Ameghino. — Mitre. — Alberdi, etc. — Os nossos museus; o Nacional, o Naval; suas curiosidades. — Os crimes economicos: o imposto de exportação, o inter-estadual, o proteccionismo. — A burocracia: males. — O primeiro jornal brasileiro, etc.

Ha por ahi innumerados artistas populares abajados, asfixiados pela indifferença ambiente, sem meios de alcançar a publicidade, caricaturistas, desenhistas, pintores, santeiros, milagreiros, poetas populares, humoristas. A Revista abre-se a todos elles, procurará divulgar-lhes a obra em suas paginas e fóra dellas, officiosamente, procurará os meios de favorecer a plena florescencia dessas vocações estheticas. Aos nossos agentes, pedimos o obsequio de tomar na devida conta estas palavras, fazendo-as chegar ao conhecimento dos humildes artistas que ellas visam, encaminhando-os para cá. Todos lucrarão com isto e mais ainda o paiz, este caro Brasil tão ignorado pelos seus proprios filhos e eternamente victima da dispersão dos esforços. A «Revista do Brasil» outra coisa não deseja senão tornar-se o ponto de convergencia de todas as aptidões artisticas, em qualquer ramo que se manifestem. Aceitará e remunerará mediante accordo, photographias de paisagens, de typos, de scenas, de velhos monumentos ou ruinas, documentos antigos, curiosidades locais, tudo, emfim, que mereça vir a publico, como documento que é da terra, capaz de contribuir para o seu melhor conhecimento.





ANNIBAL THEOPHILO

Conferencia realizada no dia 19 de junho de 1918, no salão da Bibliotheca Nacional.

Minh'alma te aplaude! Essa é a exclamação íntima de nós todos ao lermos um bom livro, livro que nos valoriza algumas horas de existencia. E' um aplauso secretissimo, adoração sem altar, sem ritos, feita na solidão esotérica do nosso eu. Estruge, em nós uma ovação alucinada, um bater frenético de palmas como em platéa obscura onde os sentidos fossem os espectadores leaes.

Esse aplauso é justiça. Para fazê-lo em plenitude de justiça importa acomodar, o mais possivel, o livro á alma, á nossa alma, obter que os harmónicos desprendidos desse instrumento musico resõem, com a justeza do seu timbre, no resonador que somos de arte boa. Essa acomodação, porém, exige uma técnica preparatória muito mais difficil, muito mais complexa do que em geral supomos.

Lembro-me da primeira vez em que, aos dezeseis anos, manejei um microscópio. Havia-o comprado num leilão e levado, ansioso, para o meu quarto de estudante inexperientissimo. Limpei objetivas e oculares, tomei de uma fôlha de árvore, pu-la na platina e olhei.

Não vi nada e essa desilusão me espantou. Tive de recorrer a livros técnicos, adquirir laminas, lamínulas, micrótomos, aprender a cortar, fixar e colorir, todo um curso indispensável á acomodação da minha vista aos fenomenos de óptica, ás contingências do aparelho. Porém, conseguido isso, que recompensas liberais ao meu esforço! Considero as horas em que descobri o mundo novo, o microcosmo

buliçoso e atordoador dos infusórios, diatonácias, anterídias, oogonos, como as horas decisivas da minha formação estética. Tudo quanto faço e tudo o que fizer germinou delas, da minha turbacão diante do que vi, do meu pasmo de noviço ante as maravilhas da vida elementar. Cada forma de heliozoário ou cada processo de reprodução apresentava-me um problema, sugeriu-me uma hipótese, desenganava-me, incitava-me. Ora, um livro é, para mim, o instrumento revelador de um mundo, um microscópio ou um telescópio assastado a uma alma. E' um descortinamento. E' alguém que me procura e me diz: «Olha-me, ouve-me, quero confessar-me, quero mostrar-me, sê o sacerdote da minha confissão e o visitante do museu que eu sou. Vem espreitar meus dramas rudes, minhas lágrimas gloriosas; escuta a minha jeremiada e os meus epitalamios. Comunica-te comigo para que meus arroubos de homem tenham éco, torna-te a praia das minhas ondas emotivas. Vive comigo, sim, vive comigo, um momento apenas.»

E eu tomo o livro, afasto o reposteiro, sou o Alibabá desse palácio.

E como entrarei nêle?

Entrarei com a indiferença do cigano que vae ler a *buena dicha* por dinheiro? Entrarei abruptamente, estouvadamente, como o excursionista sem consciência que tem prazo certo para as visitas do programa? Serei cúmplice da civilização mecanizada que na mesma odiosa mó tritura boas almas e almas ruins?

Não. Tomarei o livro como se apanhasse um fruto, um inseto, uma planta nunca vista. Não os examinaria com os petrechos de exame de um minério. Escolheria os meios, os processos convenientes. Cada livro bom ha de ter o seu exame especial para ser entendido e julgado em plenitude de justiça. E' mister fazer-se como o ator, encarnar as emoções do autor, vibrar com elas, ser êle mesmo. E isso nem sempre é fácil, ou antes é sempre difficilimo. Uma das minhas maiores dificuldades de estudo tem sido sentir Homero integralmente. Que formidável diferença entre a vida grega e a moderna!

Colocar minha alma incrédula e sabichona naquêlo reino alucinado, de visões vivas, de espiritismo fervoroso, de fetichismo real, ser Fausto naquêlo turbilhão de heroísmos, no mais vertiginoso embate de almas nu'as, não é positivamente um trabalho de Hércules? Debalde leio a *Ilios* de Schliemann, vejo so destroços das muralhas, os alicerces das sete Troias mortas, debalde! não vejo mais as almas, não revivo Ulysses, nem Diomedes, nem Agamemnon, nem An-



drômaca, nem Thersito, nem Helena. Schliemann leva-me às fontes que jorravam de uma caverna, a trezentos passos da Acropole e enchiam, antes de defluir para o Escamandro, os tanques de pedra onde lavavam as troianas. Travou-se aí o combate horrível de Heitor e Akhilles. Homero mostra-me Heitor a espera de Akhilles, com o escudo apoiado num rebordo da torre, confiante e orgulhoso. Vejo aproximar-se o grego brandindo a lança cujo bronze resplandece ao sol nascente. Heitor o avista; o aspeto formidável do Peleide o assombra e êle foge espavorido. Circula três vezes a cidade seguido do adversário mas enfim, afronta-o. Athéne protege Akhilles, restitue-lhe a lança de que se desviára Heitor. Ouve-se o grito horrendo do troiano, domador de cavalos, a chamar pelo heroe Deiphobos pedindo-lhe outra lança. Deiphobos está longe e Heitor, reconhecendo a traição dos deuses, arremette para Akhilles pronto a morrer. O grego fere-o na garganta, êle cae, rogando que o não entregue, morto, aos acaianos; mas Akhilles lhe responde: «Prouvera aos deuses que eu tivesse a força de comer-te a carne crua. Os cães e os passaros te espedaçarão!»

Essa fereza, ultra-selvajem, nos horroriza. Para sentirmos Homero a fundo ela deveria, não horrorizar-nos, mas entusiasmar-nos ou irritar-nos á vingança. As figuras olímpicas não nos perturbam na sua azafama inofensiva. Para os gregos eram partidários fervorosos, auxiliares ou inimigos onipresentes e intrigantes a cuja mercê lhes estava a sina e o êxito.

Ser-nos-ia necessaria a criação artificial de um estado de alma incompatível com a nossa filosofia e o nosso septicismo para penetrar a alma desses monstros de elmo de ouro e escudos lampejantes, que, sem possuirem garfos nem facas, rasgavam a carne nos dentes para comer. Que injustiça, meus senhores, repudiar um livro sem viver-o, engrandecer um livro sem sentil-o!

No oitavo capítulo do *Ta-Hio* de Confucio exara o autor a seguinte verdade: «Os homens são parciaes para com os parentes e os que êles amam, são parciaes tambem ou injustos para com os que desprezam ou odeiam; igualmente parciaes ou servis para com aquêles que respeitam ou veneram; parciaes ou demasiadamente misericordiosos para com aquêles que inspiram compaixão e piedade; são tambem parciaes e altivos para com aquêles que tratam com superioridade.» E' por isso, acrecenta êle, que amar e reconhecer os defeitos daquêles que amamos, odiar e reco-



nhecer as boas qualidades daquêles que odiamos é coisa muito rara sob o céu.»

Confúcio percebera a raridade da justiça, mais bela, mais comovedora, mais heroica que a caridade, porque nunca humilha, sempre engrandece.

Para sermos justos ao ler Annibal Theophílo devemos senti-lo, vive-lo. Isso requer uma condição importante: o ambiente.

Cumpre-nos criar no espírito uma situação intelectual e sentimental idêntica á do autor e então medir, nesse manómetro subjetivo, o quantum de emoção nos chega a provocar.

Formemos esse ambiente.

Antes de tudo, importa compreender que a alma do *criador* é sempre, nos momentos de criação, alma *silenciosa* e *religiosa*.

Figuremos um quadro. Noite clara. Conversamos num terraço, diante da baía. No céu tauxiado de cirrus altos, trechos de constelações rutilam no abismo. A agua está mansa, o ar quietíssimo. Conversamos baixo, entontecidos em nossas almas poéticas desse álcool vaporozo, diluido nas paisagens. Entorpece-nos, excita-nos, embriaga-nos, emudece-nos pouco a pouco. Vemos Vega chispar, chamar por nós, na linguagem triste com que falou aos Caldeus antigos. Está sozinha, solta no éter frio, como um lampeão noturno, a arder na treva. Em redor dela o vácuo, sextilhões de leguas de ermo, a solidão serena do não-ser. E, observando os claros celestes, os formidaveis claros inter-sidérios, pensamos: como é nulo o mundo dentro do Nada! Perdem-se os olhos no além-céu, nossos ouvidos se abrem á algazarra longinqua das estrêlas. Contemplamos calados. Nossos sentidos se embotaram ás impressões terrenas; alçamo-nos ao sonho, meditamos sem vaidade, sem paixões, sem jubilos, sem mágua. Rezamos em silêncio e escutamos a musa de Castro Alves segredar-nos:

*Na hora em que a terra dorme
Enrolada em frios véus
Eu ouço uma reza enorme
Enchendo o abismo dos céus*

O silêncio do artista, essa *euphemia* dos sentidos, é o grande silêncio das criações, é o silêncio artificial do pensador, o silêncio íntimo, que em nós formamos, para equilibrar as pressões externas dos barulhos destruidores.

Esse silêncio, só é possível nas almas *religiosas*, religiosa, digo eu, no sentido que á religião deu Schleiermacher,

isto é, «consciência imediata e viva da existência do ser finito e efemero dentro do ser infinito e eterno; revelação do infinito no finito.»

A religião, nesse caso, é a intuição clara e simples do infinito. O homem sente, segundo Schleiermacher, duas tendências decisivas: a de se constituir indivíduo, manter-se indivíduo, reproduzir-se em indivíduo, e a de participar do todo, aliar-se ao todo, dar-se ao todo. A conformação desse sentimento às ações eis a religião e a moral. A expressão dessa conformidade, acrecento eu, eis a arte.

Na religião de Schleiermacher não ha dogmas, ou, pelo menos, só ha dogmas individuais, criação e aceitação minha; eu sou o sacerdote e o papa de mim mesmo, não ha ritos — meu rito é minha contemplação emotiva; não ha preces — minha prece é minha interjeição, minha vizão de infinito nos fragmentos do universo, é minha arte. Rezo em verso, em tintas, ou em sons; rezo com meu entusiasmo, com a minha oblata de ovações á harmonia circunstante.

Nessa religião viva o silêncio é o grande tempo; e, vice-versa, o silêncio produtivo só se encontra nessa religião.

A doutrina de Schleiermacher satisfaz ao mesmo tempo o espírito religioso e o espírito artistico; irmana-os.

Eis porque Annibal, ateu, era um espírito essencialmente religioso. Denota-o no soneto «Palavras de um forte»:

*Sobre meu ser, neste momento augusto,
A aza da Sombra, lenta e fria, passa.
Indiferente, sinto-me robusto
Ante a brusca surpresa da desgraça.*

*De castigos futuros não me assusto;
Crença no Alem que um semi-deus me faça
Não sigo; um grande amor me fez um justo
E de esperanças esgotei a taça.*

*Caio obscuro na luta. Armas deponho
Sem o pavor que gela frageis peitos,
Sem apoio na luz em que me agito.*

*Mas, que importa! Ouço em mim cantando o Sonho,
Arde-me á frente a auréola dos Eleitos,
E estou sereno em jace do Infinito.*

Serenidade em face do Infinito! eis o grande característico das almas profundamente religiosas.



Os espantalhos das seitas perturbam essa serenidade, amedrontam os espíritos que não se atrevem, por fim, ao colóquio temível das estrélas. Para ser sereno em face do Infinito é mister subir a êle. Essa acensão da alma é *exaltação*.

O primeiro dom do artista é ser exaltado. Figurae um cofre de ouro no topo de um alcáçar e no cofre pérolas e pedras raras. Daê uma chave de ouro a alguem, mandai buscar as pedras. Não ha dificuldade em tomar a chave, torcer a fechadura, puxar a porta. A dificuldade está no galgar a torre. A arte não se alcança pelo estudo, pela técnica, pela prática, si não haver no cérebro que pensa o arrojo de subir. Arte é exaltação íntima do ser conciente.

Nietzsche divide os escritores em duas classes: os exaltadores de pensamentos e os exaltados pelos pensamentos. Os primeiros catam na vulgaridade pensamentos comuns, vestem-os, emplumam-os, decoram-os, exaltam-os com os artificios da arte e o talento das encenações; armam guindastes e elevadores para alçar idéas, ensinam como se sobe, mas não sobem. Os segundos apresentam pensamentos nu's, belos da sua beleza de originalidade, eloquentes de sua eloquência de verdade e sugestão.

A diferença está, profundamente, na qualidade das almas. A palavra exaltação explica, por si mesma, a diferença. Pertence á grande familia da raiz latina *al* que significa *alimentar*. Exaltação é *nutrição*. Almas exaltadas são almas nutridas e a consequência vital da nutrição é a expansão tumultuosa, expansão das fontes depois das chuvas.

Nietzsche esqueceu-se todavia dos *extáticos*. Não confundamos exaltação e êxtase.

Exaltação é seiva ascendente, turbilhonamento de idéas e de imagens que vão viver. A alma exaltada anseia, quer falar, quer declamar, visa um fim, é um Jasão alucinado, mas não se desprende dos seus mananciaes orgânicos, da sua condição humana e terrena.

Extase é transporte, criação artificial de um céu para onde a alma vôa, desterrada na contemplação inativa do seu sonho. Extase é beatitude, a monotonia da paz, o tédio posterior á conquista. E' o egoismo das almas místicas ou narcotizadas na auto-hipnose da soberba excessiva. E' a fakirização do génio.

Eis porque o extático é incapaz de transmitir-nos sua emoção estéril. Imobiliza-se na sua hibernação mental, não se alimenta, vive de reservas nutritivas, sem vicejar nem dar frutos.

Os artistas reais, os criadores de beleza, os transmis-

sores de visões não são extáticos, são exaltados. Não conseguem desprender-se dos seus nervos, do seu sangue, das suas víceras. Sente-se nêles o humor das glândulas, o tremor dos cílios celulares, a tensão das fibras estriadas. São animais que pensam, homens que sonham. Sonham e gritam sonhando. Têm pesadelos e são Dante; têm delírios como João de Patmos e são profetas; têm visões claras da verdade e são Copérnico. Só eles valem na vida.

Um dia eu contemplava as evoluções de um hidropiano na baía Guanabara. Vi-o deixar a nesga de praia do Flamengo, rojar nas águas resmungando, exasperando as ondinas que espumavam. Elevou-se resonando, de azas pandadas, muito branco. Vôou em linha reta, revoejou, circulou, deceu, subiu, repousou na água, navegou, recolheu-se emfim á nesga de praia, descansou e refez-se para de novo altear-se. Essa acensão objetiva simboliza bem a exaltação subjetiva, com seus arrancos de azas imateriais, seus voluteios de quimeras, seus sonos de renovação.

Os fortes são os exaltados.

Vêde Lucrécio. E' a força. Não conheço arrojo igual ao seu para o mistério. Ele encara a Natureza com uma retina virgem mas severa. Quer ver. Forja nos olhos os clarões que hão de projetar-se céus a dentro e revela aos homens mundos novos.

Tão grande é a exaltação de Lucrécio que, ao ler-lhe as páginas angustiadas, eu me sinto erguido. A marca essencial do artista é essa: a de transmitir ás outras almas sua própria exaltação. Lucrécio nega e afirma. Si negasse apenas não seria a exaltação que foi. Mas ele ensina, ensina cantando, ensina convencido, é uma idéa que se mostra. Ele próprio o declara nos primeiros versos do seu poema e, reportando-se ao seu tempo, ao seu meio, comparando com as crenças pagãs as verdades entrevistadas, podemos avaliar que formidável acensão a desse espírito sem par na poética latina. Em suma, senhores, o artista verdadeiro não é o homem que emite pensamentos e imagens, como Fenelon: é o pensamento e a imagem que falam pela boca de um homem, como Dickens. E' o pensamento e a imagem vivos.

Os característicos mais flagrantes desses exaltados são a sinceridade e o orgulho. Só os outros, os meros exaltadores de pensamentos, são hipócritas, fingem a Arte.

Como, perguntar-me-eis, haverá uma arte hipócrita?

E eu vos responderei que sim e acrescentarei que ha tambem uma sciencia hipócrita.

Tu explicas muitas vezes, homem de sciencia, fórmulas

e processos técnicos que aprendeste mas não apreendeste, que repetes mas não sabes, porque não meditaste longamente sobre os dados procurando ver, no que te ensinam, o sentido profundo e misterioso das cousas. Não te debruçaste pensativo sobre a correnteza d'esses factos, dessas leis, dessas experiências, dessas hipóteses para surpreender na agua revolta o tesouro encantado que ella tem. Não formulaste a tua hipótese íntima, isto é, não procuraste, por ti mesmo, decifrar o cosmos assombroso, não sentiste o calefrio da interrogação, não sentiste a sciência e o seu valor. Não és homem de sciência; és discursador de sciência; és sciéntista, não és sabio. Tu, artista, pintas ou escreves o que não te emove, e o que não viste, o que teus sentidos não clamaram nem viveram. Sincera seria tua arte si antes de lhe dar fórma houvesse ouvido nos teus nervos o rumor subterrâneo de locomotivas a silvarem e a correrem. Mas tua arte não tem o frémito das rodas e do vapor comprimido, não trepida, não fumega, não fagulha. Pensas haver posto isso em tuas produções criando, artificialmente, o que chamas *estados de alma*. E' como se armasses uma locomotiva de papelão pintado de preto e ouro e a fizesses correr em trilhos de arame por uma mecanismo teu. Enganarias talvez as crianças e os anciãos, mas não nos enganarias, a nós que temos a experiencia das fornalhas, dos condensadores e dos freios automáticos.

Annibal Theophilo era um exaltado. Primava, na vida real e na arte, pela sinceridade. Subia á contemplação serena do universo; mas, pela exaltação, se conservava humano. Era incapaz de um êxtase, era alma por demais nutrida em força orgânica e que declarava os seus martirios para se comunicar com a dor alheia, consolar-se nela e consolá-la. Vêde essa exaltação poética no soneto «Angelus»:

*Tarde. Nenhuma viração. Poente
Rubro. Adormece a alma das cousas languê.
Tranquilo o azul deserto. Abaja o ambiente.
No Léste, assoma a lua cheia exangue,*

*Tarda, a face do mar deslisa enchente,
Trémula, refletindo o Ocaso e o mangue,
E nela, aos olhos, é conjusamente
Tudo esmeraldas, pérolas e sangue.*

*Lenta, voga uma barca. Suave, o canto
Da cigarra amortece. Ao longe um sino
Plange dolente... E, em mádido quebranto*

*Eu, sonhador da Glória e da Alegria,
Leio o poema sem luz do meu destino
Na imensa magua do morrer do dia.*

Annibal Theophilo me disse varias vezes ser este o seu melhor soneto. Recitava-o seriamente comovido e ninguem poderá negar a essa obra-prima todas as qualidades e todas as intensidades da emoção. Poder descriptivo, doloroso paralelo entre a agonia da tarde e a tristeza fatal do poeta, sente-se no pequeno quadro, a exaltação de uma alma religiosa mas desenganada. Vereis depois a razão do desengano.

Documentemos agora, apenas, todos os tons dessa exaltação.

— Ela se pode bem compreender quando surpreendemos o espírito em contacto com o misterio das cousas.

Deveis ter experimentado esse pavor subito que senti muitas vezes dentro da mata, quando ia, em menino, de alçapão em punho, atrás de patativas, sanhaços e curiós. Refiro-me ao pavor do desconhecido, ao pavor de quem se perde na floresta e se vê, sozinho, no silêncio ininterrogável dos troncos e das furnas.

Esse espanto creio ser o mesmo horror, o medo sagrado dos descobridores. Um dia em Florença operários cavavam poços para buscar agua no sub-solo. Acharam-na profunda, desceram canos, tocaram bombas e viram, pasmados, que a agua não subia além de 10 metros, mais ou menos. Porque não? Correram ao sábio Torricelli trouxeram-no aos poços, mostraram-lhe as bombas e lhe pediram a explicação do fato. A explicação! Imaginai, senhores, esse homem-pensador, esse argonauta das idéas vendo, diante da sua nau, elevarem-se, de repente dois rochedos altos, a prumo, quasi juntos. A garganta que os desune está fechada por portão de ferro pesadíssimo. E o navegador precisa abri-la. Torricelli viu a porta, a porta viva do misterio, tocou-a com as mãos apavoradas. Que sagrado arrepio não foi esse, meus senhores, a do homem que ia reviver a missão de Prometeu.

Vejo Torricelli meditando, calculando as pressões hidráulicas, o rasgo de genio que lhe fez pôr, na sua equação, o fator atmosfera com a sua gravidade patenteada já por Galileu. Vejo-o realizando a descoberta da pressão do ar, abrindo a porta do misterio, penetrando nêle, dêle saindo cheio de trevas e de luz.

Esse horrivel calefrio sente-o o poeta verdadeiro. Sentiu-o Annibal Theophilo nêste vilancete simplícimo, intitulado «Diante do enigma»:



*De onde vim eu para o Mundo,
Para onde vou, a que vim
Que não sei nada de mim?*

*Sobre o mistério profundo
Da Origem vivo a scismar
Sem conseguir decifrar
De onde vim eu para o Mundo
Entro, olho, sondo, aprofundo,
E inquirio ao que vejo e a mim:
— Para onde vou? A que vim? —*

*Corro em pensamento o espaço
Estudo a Alegria, a flôr,
O sonho, o pássaro, a Dôr,
O universo, traço a traço,
E em vão tanto esforço faço...
Sinto que estou como vim
Que não sei nada de mim.*

*De tudo que a Natureza
Muda e eterna ostenta á luz,
De quanto a Sciência deduz
Só tenho certa a incerteza
Do que ora sou. Que surprêsa
Pois, é a que me espera a mim
Para onde vou? A que vim?*

*Por aprazer que Vontade,
Por viração de que Ser,
Olvido de que Poder,
Força de que Potestade
Estou nesta soledade?
Por que e para que vim
Que não sei nada de mim?*

Dirieis ouvir Hamlet no seu monólogo. Nesses versos ha exaltação e religião. Ora, o espírito exaltado e religioso cria. Cria por prazer e faz do seu prazer missão, porque de todos os gozos do mundo o mais intenso e mais são é o gozo de criar.

Respondendo ás invetivas de Baldad o desgraçado Job, depois de assomos de revolta, brada esperançoso: «Sei que meu redemtor vive... verei meus Deus em minha carne — *in carne mea videbo Deum meum.*» Ver Deus em si mesmo, senti-lo em sua carne, eis o prazer supremo, a reparadora recompensa das torturas já sofridas.



A delícia do Job amargurado é a delícia espiritual do artista criador. Ele sente Deus em si; sente-se Deus. Compreende que no cáus da Beleza houve uma corporificação inédita que suas mãos fizeram. Tirou do Nada a forma nova, deu-lhe vida, imprimiu-lhe a sua effigie intelectual e moral, nela imortalizou-se, glorificou-se, divinizou-se.

Esse deleite paradisiaco deve tel-o provado Annibal Theophilo, com veemência, ao tirar do inexistente aquela obra-prima chamada *A Cegonha*.

Sintamos como êle êsse intenso abalo emotivo analisando essa composição, vendo como nasceu, como surgiu, como se integrou em sua forma definitiva.

A idéa fundamental (contou-me o proprio Annibal) voejou-lhe no cérebro dez anos. Dez anos o tentou, cantou-lhe na alma, tintilhou na torre de cristal de onde a inspiração derrama fluidos. O poeta nunca se atrevêra a pô-la em verso. Assustava-o a dificuldade da emprêza, o medo de estragar a concepção, de não poder molda-la na abertura de um sonêto. Porque, é intuitivo, para aquela idéa só o sonêto. Qualquer outro molde arruína-la-ia irremediavelmente. Ora o sonêto exige a absoluta condensação e a absoluta perfeição. Ainda nos seus ultimos dias Annibal se irritava com o primeiro tercêto que não reputava digno das demais partes.

Foi num clube literário do Rio que o poeta leu, pêla primeira vez o seu sonêto, premiado em concurso. O desejo de apresentar-se ao tal concurso foi realmente o móvel que decidiu Annibal a escrever a *Cegonha*.

Releiamos esse primor:

*Em solitária plácida cegonha
Imersa num scismar ignoto e vago,
Num fim de ocase, á beira azul de um lago,
Sem tristeza quem ha que os olhos ponha?*

*Vendo-a, Senhora, vossa mente sonha
Talvez que o conde de castelo mago
Loira fada perversa, em tredo afago,
Mudou nessa pernalta, erma e tristonha.*

*Mas eu que em prol da Luz, do pétreo, denso
Vêu do ser ou não ser tento a escalada,
Qual morosa, tenaz, paciente lêsma,*

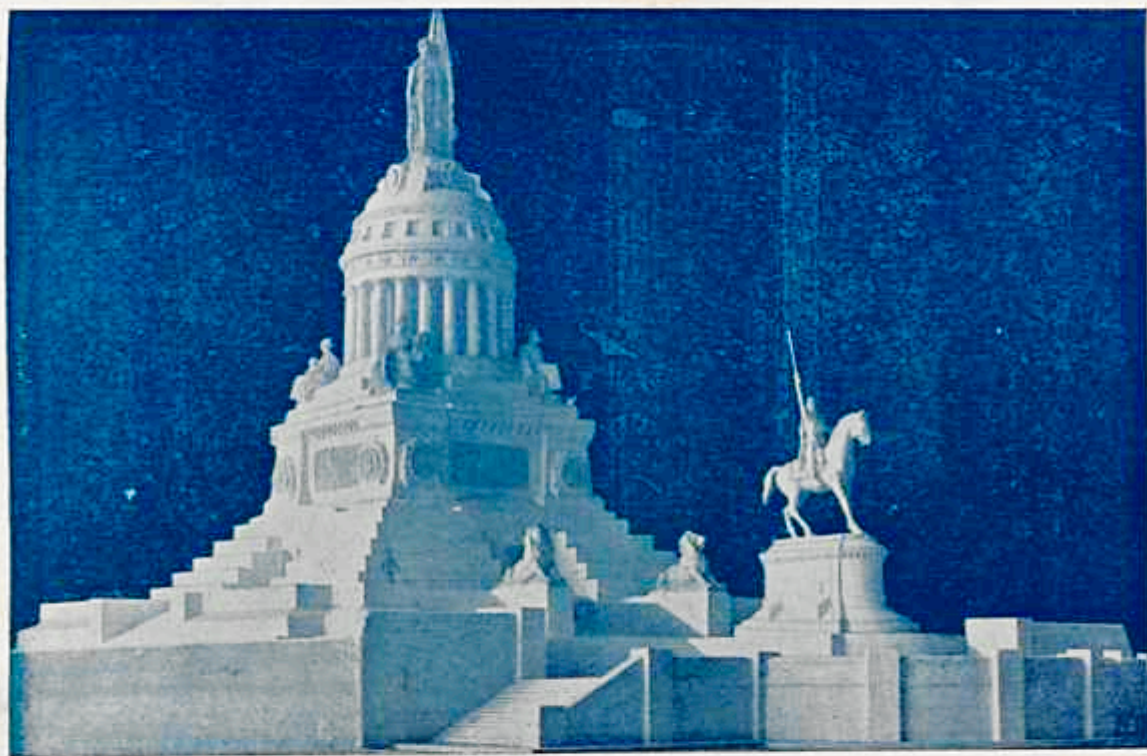
*A vê-la assim mirar-se na agua, penso
Ver a dúvida humana debruçada
Sobre a angústia infinda de si mesma.*

Antes de tudo, o soneto é feito de contrastes. A' inal-
teravel serenidade de alma dos quartetos opõem-se as
incontidas ânsias dos tercetos. A' simplicidade ingênua do
conceito da dama a quem se afigura a cegonha um conde
encantado, contrapõe-se a visão do poeta que nela vê a en-
carnação da Du'vida. Os dois símiles são admiráveis de
precisão e emoção. O soneto é composto com uma perspe-
ctiva scénica, um equilíbrio, uma meia-tinta e um sentido
de gradação só existente nos grandes técnicos da Arte.

Primeiro, a paisagem dentro da qual se ergue a ce-
gonha triste; é um fim de ocaso, ha um lago azul, cheio
de sombras, e á beira da agua o perfil pensativo da per-
nalta. O poeta e a dama contemplam aquela scena. Que
pensará ella? Sonha talvez, diz-lhe o poeta, que um conde
antigo existe ali, mudado em pássaro por alguma varinha
de condão. Notai o valor estético desse *talvez*. Augmenta
a ingenuidade fundamental sobrepondo-lhe uma ingenui-
dade maliciosa, dolorosa mesmo, do poeta. Todo um mundo
velho, a irrequieta quadra fetichista dos solares, das fadas,
dos encantamentos, todo o cavalheirismo de condés e cas-
telos nos sugerem esses versos primorosos. E, de repente,
o espírito alongado a antigas lendas, volvido ás afastadas
épocas dos sonhos, torna á contemplação aflitiva da per-
nalta embevecida e só. Ela resume inaudita tristeza de um
passado agitadíssimo e extinto. E' a imobilidade cataléptica
de uma alma debruçada sobre as ruínarias de uma civiliza-
ção. Nessa paz externa se erige então a figura transtornada
do poeta. E' toda enlevo e agitação; quer a Luz, a Ver-
dade oculta, as surprêzas do Segredo. Sua preocupação diu-
turna é a subida ao rochêdo rovinhoso dentro de cujo co-
fre deva achar-se o diamante mágico. Absorto, assim, na
sua obsessão de sonho o poeta, ao ver a ave, adivinha nela
o seu próprio símbolo; ela representa a estatua interior
que domina o jardim do seu espírito. Ela é bem a sua du'-
vida.

.... a *Dávida humana debruçada*
Sobre a angústia infinita de si mesma.

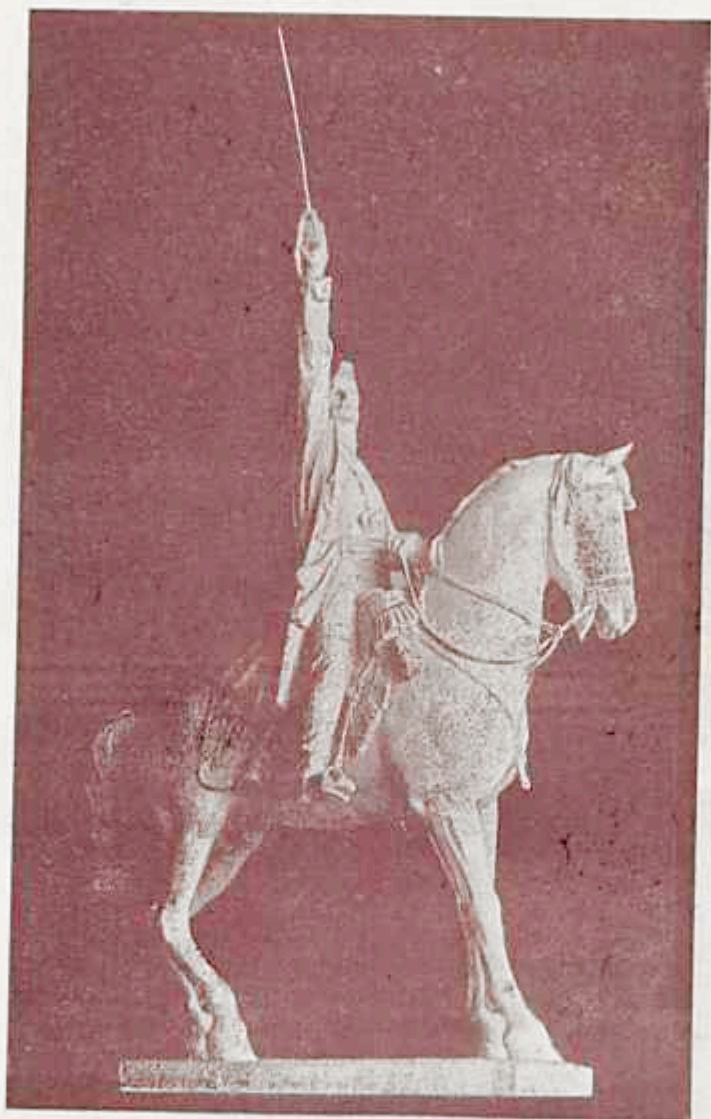
Para completar o ambiente e ver o livro, determi-
nemos os característicos *humanos* da alma do poeta; classi-
fiquemos essa alma. Percebo o lucilar de olhos com que vos
indignais desta proposição: classificar uma alma como si
pudessemos rotular, como em sciências naturais, seres su-
pernaturais. Enquadrar almas em chaves garriformes não
será talvez o suprasumo da presunção retórica?



Monumento da Independencia

Projecto de Mario Ribeiro Pinto
e Fernando Frick.

cm
1
2
3
4
5
6
7
unesp
10
11
12
13
14
15
16



Monumento da Independencia.

A Esq. para qual se projectou o. Mariz
Roberto Pinto e Fernando Prick.

E eu vos respondo: não. Classificar é descobrir o caráter essencial de um ser, aquêle que lhe explica a profunda origem, a razão de ser da sua vida e dos seus atos. O classificado relega o acessório, os sinais extrínsecos e surpreende num rincão moral, como numa anomalia morfológica, o segredo de um destino.

Ora, para mim, Annibal Theophilo é um anômalo no tempo, um deslocado na história, a reaparição de um tipo morto. Provem de uma sociedade incompreensível para nós. Aparece-nos, no livro, como egresso de outra terra, com tendências outras, outros ímpetos, influxos inesperados ou paradoxais.

Era, em tudo, medieval. Confessa-o abertamente no soneto «Ruínas»:

*Vêde: torres em ruínas solitárias
Outr'ora testemunhas de áureos dias
Hoje morada de melancolias,
De verde musgo e de aves sanguinárias.*

*Vendo-as contemplo, absorto em visionárias
Scismas, torneios, justas, correrias,
Serenatas, duelos e sombrias
Batalhas a arma branca, tumultuárias.*

*Sonho entrever, á noite, as almenaras,
Entr'escutar o alerta dos vedêtas,
Entregozar medievas primaveras.*

*E como, ao luar dessas lembranças caras,
Sinto a expressão, naquelas pedras pretas,
De uma saudade eterna de outras eras.*

A saudade, visivelmente, não é das pedras, mas d'êle poeta. Ao ver as ruínas recompunha em si mesmo, os tempos de agitação, bulício, heroísmo a que se amoldavam bem seu gosto e seu temperamento.

Provam-no os episódios de sua vida e seu livro. São rasgos de aventuras, fu'rias e desafios, alardes de corágem, reguintes de galanteios e audácia. Contou-me um dia que em certo museu do Norte, vendo uma armadura antiga não se teve que a não vestisse para sentir-se batalhador avoengo. Pasmava da extraordinária força de homens que pelejavam desafogadamente sob tal pezo e com tais armas. Para o poeta a sociedade ideal seria a corte do rei Arthur entre os cavaleiros da *Table Ronde*. Encontraria lá



*... torneios, justas, correrias,
Serenatas, duelos e sombrias
Batalhas a arma branca tumultuárias.*

Assistiria em Cardigam na floresta de Broceliande á caçada do *veado branco* proposta pelo rei aos cavaleiros seus amigos. O prémio ao preador da caça rara consistia em dar um beijo na boca da mais formosa dama, á escolha, entre as da cõrte.

Era fatal a consequência. Nenhum dos cavaleiros suportava a afronta de declarar alguém que sua dama não era a mais formosa. E principiava o certame estridoroso.

Em pleno século XIV, Annibal Theophilo seria um Carlos Zeno, de que as gestas venezianas contam maravilhas.

Zeno vira o pai morrer na expedição contra Smirna quando, sitiados pelo otomano Morbassan, caíram numa insídia os generais cruzados, imprudentes. Uma vez, estudante em Pádua, ficou na estrada, semi-morto, derreado por ladrões. No cerco de Patras pelos turcos, foi êle mal ferido num recontro; iam enterra-lo quando lhe entreviram sinais de vida. Bateu-se em duelo com um gentilhomem; perdeu, por isso, a prebenda em Patras e se fez mercante no mar Negro.

Em 1376 achava-se em Constantinopla quando os genovêses de Pera aprisionáram João Paleólogo na torre Amena, para entronizarem o ambiciosíssimo Andronico em troca da almejada ilha de Ténedos. Andronico, filho do infeliz rei grego, mandara queimar os olhos ao filho e ao neto com vinagre fervendo. Os venezianos se alarmaram. Então Paleólogo, da torre de Amena, apelou para Zeno por intermédio da mulher do carcereiro antiga favorita sua. Era pobre o rei, nada prometia a Zeno, clamava apenas por seu heroísmo.

E Zeno ouviu êsse clamor. Ia reviver a fabula dos semi-deuses colossais. Toda a sua vida condensou-se nesse rasgo de ousadia, na glória de salvar um prisioneiro de uma torre. O carcere do rei dava para o mar. Zeno escolheu oitocentos homens, postou-os nas vizinhanças e alta noite partiu num barco leve. Escalou a torre, entrou no cárcere e saudou Paleólogo como salvador.

Este, porém, não podendo levar dois filhos também captivos recusou fugir, por mais que Zeno instasse. Desesperado com a irresolução Zeno volta, dispersa os homens, mas recebe, em pouco, um papel assinado por Paleólogo, em que se concedia aos venezianos a ilha de Ténedos.

Zeno não hesitou e respondeu urdindo outra escalada. Mas Andronico, avisado em tempo, prendeu a mensageira, torturou-a, fê-la confessar tudo ordenando a prisão de Zeno com ameaças excessivas.

Na guerra de Chiozza entre Veneza e Génova a ação de Zeno ultrapassa as lindes da temeridade. Não ha na Iliada nem nas crônicas da cavalaria nada que a imaginação tenha fantasiado mais patético, mais inverosímil, mais impossível que a defesa do passo Brondola.

Era em 1379. A guerra começada êsse ano, corria mal mal para Veneza. Ludovico Dória avassalara o Adriatico e, firme em Chiozza, ameaçava o doge. Victor Pisani restituído á liberdade, lograra encurralar, com feitos memoráveis, o inimigo nesse porto. Mas para manter o cerco era mister vigiar a embocadura dos canais, sob o fogo das baterias genovêsas. O canal de Brondolo, acossado dos mares e dos ventos, era o mais difficil de bloquear. Coube a Zeno, recemvindo do Mediterrâneo, êsse bloqueio.

Horrível tempestade com mar grosso dispersou-lhe a frota e os genovêses aproveitando o ensêjo acorreram a destruir as barragens inimigas. Zeno conseguiu, a muito custo, aproximar dêles tres galeras e, descarregando-lhes artilheria certa, afugentou-os. Quiz então ferrar-se nesse passo; mas a procela redobrou e as correntes arrastaram-lhe a capitânia, arrojando-a á costa, bem ao pé de uma torre do inimigo.

Era noite. O mar raivava, regougando. Os genovêses, dando com a galera, metralharam-na com furia. A maruja, em pânico, resolveu render-se, mas Zeno se lhe opoz severamente. Outras naus do doge bordejavam perto tentando avizinhar-se. Zeno mandou que um marinheiro levasse, a nado, um cabo á galera mais chegada e, despejando ao mar a artilheria safou-se rebocado sob flexas e pelouros. Uma flexa entrou-lhe na garganta. Ele quebrou a haste deixando a farpa dentro e, na escuridão tremenda, continuava a bradar ordens. Por cumulo de desgraça, não vendo uma escotilha aberta, despejou-se no porão vazio. Um marinheiro ouviu o baque e acudiu; tirou-lhe o ferro do pescoço e Zeno, sentindo o sangue aos borbotões, virou-se de bruços para não sufocar.

Chegado á frota, os médicos julgaram mortal o ferimento e se aprestaram a decê-lo em terra. Mas Zeno protestou; havia de ficar no seu navio; morreria no seu posto.

Não morreu; salvou-se e salvou Venêza.

Annibal Theophilo, senhores, era feito a tais façanhas. Tinha a volupia do perigo e demonstrou-o várias vezes. Num dia de ressaca, na ponta da Igrejinha, em Copacabana,



um companheiro duvidou que houvesse homem valente capaz de se arrojar áquelas ondas. Annibal sentiu vir-lhe direto o desafio e, de um salto, arremessou-se ao mar.

E' que nêle d. Quixote era alguma cousa mais que o destruidor de moinhos; era a saudade errante de um tempo heróico que se foi. Esse medievalismo de Annibal se revela claro numa de suas fórmulas de composição, em seu estilo, em seu amor.

Podemos afirmar que a Idade Média foi a época da *reza*. Nunca os europeus rezaram tanto. Era das igrejas, dos conventos, das devoções, dos santos, dos te-deums, das missas, dos sacramentos, das benzeduras, dos responsos, das ladainhas, das promessas, nela a oração iniciava os atos menos graves, penetrava as horas todas, repetia-se regularmente ao despertar, ao recolher, ás refeições, ao pôr do sol, nos passeios, na meditação, no ocio e na luta. A igreja era um sindicato intercessor cujas taxas eram preces. Annibal, o ateu Annibal, deliciou-se na suavidade desse religiosismo ingênuo e cultuando a sua amada, o seu ídolo-mulher, compoz quatro *orações* a sua senhora, á sua Virgem Sacratíssima, das quaes recitarei a mais curta:

*Ave Senhora da minha vida
Meu pensamento vive por vós:
Entre as Perfeitas sois a escolhida
Alto é o Afeto que brilha em nós.
Celeste ramo de eternas flores,
Anjo da Guarda de animo forte,
Volvei os Olhos ás minhas dores,
Supremo Bem.
Agora e na hora da minha morte
Amen!*

No estilo de Annibal ha muito de antigo e algo de novo. Não é raro ver em literatura um regresso ás formas velhas, arcaização do pensamento ou da expressão.

Hoje em dia, em lingua portugüesa tem-se dado voltas subitas. Poetas contemporâneos procuram refrescar ou renovar seus ritmos exumando os metros ou o processo avito de versificação. Imitam clássicos, tropeiros, árcades reproduzindo métrica e sintaxe, temas e ortografia. São coevos fantasiados de predecessores por desfastio ou esporte, enamorados da beleza velha e incapazes de renovação. Sente-se, porém, que estua nêles muita alma de hoje. São prata nossa, moderníssima, a que se deu, falsificando, lavor de outrora. São reconhecíveis na usurpação.

Será do grupo Annibal? Não. Porque Annibal não é um novo que se veste á antiga; é um troveiro resurgido que fala como nós. Nêle a essencia, o de indole, o do cerne é a cavalaria, a Idade Média. Era arcáico de nascença. Era o século XI ou XII reincarnado em nosso século, civilizadissimo para o seu ânimo de campeador.

Quanto mais lhe sondo o estilo, mais lhe apuro a espontaneidade. Annibal não copiou Camões ou os trovadores. Era inatamente trovador e camoniano. Nêle o *não êle* é o que aparece novo, os modos de dizer da sua geração. Nesse temperamento o amor ha de forçosamente ser medievo. Chamo-lhe medievo na accepção mais alta que lhe deram as *Cours d'Amour* francesas. O codigo do rei Arthur que um cavaleiro conquistara ao falcão do rei pouzado num poleiro de ouro, decretava no artigo IX: *Amare meno potest, nisi qui amoris suasionem compellitur*. — Ninguém pode amar verdadeiramente sinão facinado pelo amor. Amar sinceramente é uma vocação da vida que nos chama a perpetua-la. Só o amor-apêlo é digno. O tribunal das damas condenava sem misericórdia o amor-negócio, o amor-politico. Para amar cavalheirescamente era mistér impregnar o corpo, os nervos, a razão, todo o ser fisico e mental da imagem feminina eleita. Cumpria, segundo o artigo 26, executar todos os atos com o pensamento em sua dama. Amor nobre, amor destino era aquêle envenenamento, aquêl *mal* que invoca um trovador do cancionero de Montpellier:

*Mal d'amors, prenés m'amie
Mal d'amors, prenés la moi
Prenés la je vos en prie
Et requier en foi. (1)*

Tá' peçonha intoxicou Annibal.

Toça a sua vida foi um silente, doloroso lamento de saudade, um marejar os olhos d'agua continuamente. Medieval legítimo escolheu a sua dama, desapoderadamente amou-a, amou-a com a loucura, a pertinácia, a doença de Florenç os amando Miraguada. Pouco antes de morrer manifestava-se comovido as torturas desse desengano, desse amor frustrado que lhe ensombra os versos com desesperos e revoltas. A maior parte do seu livro é a celebração *perpetuo carmine* desse tresloucamento. Paixão sincera, elevadissima e pura. Imposições e conveniências arrancaram-lhe a dulcinéa transferindo-a a mãos impuras e imeritorias. O

(1) Raynaud — *Recueil de molets français* — I. 141.



fanático viu a sua santa conspurcada por sacrilegos. Houve alguém que lhe entrou no templo, vilou o altar, desnichou a imagem venerada e vendeu-a infandamente.

Calculai, senhores, as borrascas desse espírito, dêsse Palmeirin retardario ao ver sua Polinarda entregue a mãos de turcos. Avaliai, vós mesmos, os sem limites dessa crueldade e abri depois o livro Tereis formado, em vós, aquêlê ambiente interno que eu vos aponteí como indispensavel á compreensão do poeta. Vereis o que é um sonho perturbado, o que é despertar alguém para o pesadêlo, Então, gemendo, esses versos se movimentarão aos vossos olhos, pulsará sangue nessas veias, faiscará verdade e realidade nêsse canto.

E' que êsse amor provinha de quem-berço. O poeta no-lo afirma nestas sextilhas:

*Tanto para mim nacestes
Tanto para vós naci,
Que apenas me conhecestes
Ao meu amor vos rendestes;
No momento em que vos vi
Vosso escravo me senti.*

*Inda mais: tristonho andava,
Sem nada me esclarecer
De tudo que interrogava...
E' que eu já vos esperava
Ancioso e sem saber
Antes de vos conhecer.*

Mau grado essa predestinação o poeta se atordôa ao vê-la, acha impossível que esse arcanjo o adore, a elle, homem da Terra:

*Formosa dama, quando o olhar levanto
E o vosso olhar dulcíssimo diviso,
Penso que um anjo sois, do Paraíso,
Vindo por me vencer com seu encanto.*

*Fitais-me com tal vida e tal quebranto,
Mostrando tal ventura no sorriso,
Que abandonado temo ser do siso
Por me quererdes qual vos quero tanto.*

*Mas dura pouco a minha interna aurora,
Porque meu coração, si, extasiado,
Diante da vossa perfeição demora,*



*Vendo-me tão da terra, ao vosso lado,
Sendo vós tão do céu, temo; Senhora
Quem em mim pozesseis mal vosso cuidado.*

Ele ama-a. Eis o coração aflito, alvoroçado, aos desatinos. Vem-lhe a incerteza de ser amado e, auscultando o próprio coração, ouve-lhe as queixas contra a razão que o não livrou das traças da moléstia. E o poeta lhe responde neste mimo, digno de Bocage:

*Cuidoso coração desconsolado,
Quem pena sentirá da tua pena,
Si essa, que a tantos tratos te condena,
E' cega ou tal se finge ao teu cuidado?
Não te aconselharei, jóra baldado;
Nada agora teu animo serena
E o conselho é um consolo que envenena
A quem feriu de morte a mão do Fado.
Mas vejo que á Razão, doudo, procuras,
Preso a dona de um gesto peregrino,
Culpas lançar das próprias amarguras.
Contra a força do amor quem se acautela?
Meia culpa — te vem do teu destino,
E outra metade — da belleza d'Ela.*

E ela o ama. Tem a certeza desse amor; falam-se, entrejuram-se, idealizam entre si o que idealizam todos os amantes. Mas, no melhor do sonho, chovem cinzas. Mãos ferozes roubam-lhe a mulher querida. Forçam-na a um casamento rico, arrancam-lhe o *Sim* de que fala o Poeta e ei-la noutros braços, perdida para sempre.

Para sempre, porque o poeta é nobre. Um cavaleiro de alta linha não se dobra á indignidade do adultério. Quer o sacrificio, prefere-o porque êle exalta; quer manter bem casta essa visão que lhe sobredoura a vida.

*Quando mais forte a penitência escura,
Que nos lançou nos ermos da agonia,
Nos pesava, — ser fragil — eu temia
De nossa paciência a compostura.
Tantas vezes nos vimos na loucura
De perdê-la, tão mal nos defendia
De nós mesmos, que foi mistér um dia
Fugirmo-nos por tê-la mais segura.
Tudo fizemos pela castidade,
Não por satisfazer vãos preconceitos
Nem por vaidosa, hipócrita piedade*

*Mas por nós, por cumprir altos preceitos,
Conservando serena a magestade
Do amor, eterno e triste, em nossos peitos.*

E ei-lo solitário, entrando a mata muda, fugindo ao seu amor. Vêde como sofre.

*Da floresta no seio augusto e grave,
Na hora em que mais amargam minhas dores,
Entro em busca da paz que viça as flores
E enche de magestade a incerta nave.*

*De uma árvore gigante á sombra suave
Sentado escuto uma agua entre verdores,
E espero em vão, do mal para os rigores,
Ceu que os abrande ou bálsamo que os lave.*

*Espero em vão, porque, quanto prócuro
Incessante vencer em mim, consiste
No eterno recordar, ferrenho e duro,*

*Da maldição que sobre nós persiste:
Vós — feita escrava, eu — neste exílio obscura
Solitário, vencido, enfermo, triste.*

Para manter, firme essa resolução, essa ambição de pureza, o poeta ausenta-se, vai curtir no êrmo sua

roxa, infinita, lânguida saudade.

Toda a segunda parte das *Folhas de um poema* é o desfiar de um pranto silencioso. Não suponhais porem que seja abatimento, quedas do orgulho, queixas de malaventurado. Não, que o espírito é soberbo, conserva no infortúnio e na prosperidade a *aquem mentem* que Horacio nos receita. Eis como se mostra na página final do livro.

*Embora pela dúvida ferido
Sempre firme e sereno me hão de ver;
Não mostro compostura de vencido,
Tenho orgulhos e glória em meu viver
E não me deixo súbito abater.*

*Fraqueza alguma ha de alterar-me os traços
Porque ha um só coração em dois pedaços
A palpitar em nós com o mesmo ardor,
E eu vivo a me guardar para os teus braços
Guardo-me todo para o teu amor.*



Vimos o livro, vimos a alma em sua plenitude, vimos a vida mesma do cantor. Não falemos de sua morte. Falemos ainda e sempre dessa vida que teve uma tragédia íntima, tragédia amorosa. As almas fortes querem lances dêsses para alimentar-se. Sofrimento é o vinho que lhes sabe. Marcham para o dissabor como sedentos para os mananciais. Si essa alma é poeta a magua acende, em suas noites, fogos de artifício e luminarias. Ela vê o Sonho, que o Sonho é a amargura da não realização. Crece, crece desmedidamente porque a sua condição vital se volve em aspirar. Sim! Viver não é ficar, é ir; não é equilibrar-se é turbilhonar; não é a contemplação, é a facinação. Eu vivo se o meu ser percebe a força que o arrasta ou se êle mesmo é força arrastadora. Ha mais vida, muito mais, nas próprias quedas que no repouso. O universo inteiro é uma queda eterna; astros caem no vacuo; toda a natureza é uma ininterrupta degradação da Energia. Sem desmoronamentos não ha reconstruções, e a minha perfeição se mede pelo que houve em mim de aviltamento. Annibal Theophilo viveu, porque sofreu. Teve a glória de honrar tal sofrimento. Honramos o sofrimento exaltando-o, abençoando-o, defendendo-o, ouvi bem, defendendo-o contra a piedade alheia. O sofrimento verdadeiro e digno não se queixa, não tolera consolações, detesta a compaixão dos frívolos. Tem pudor, é supersticioso, é tímido.

Afronta o mundo inteiro e foge dêle, para a sua cela roxa impermeável á misericórdia dos mediocres.

Annibal viveu. Viveu e vive. Vive conosco, no seu livro, na perduração do seu amor. Vive, sinto que me ouve, que nos olha, que páira nesta sala, sobre nós, enchendo-a de seu espírito e de seu ideal. Vejo-o que vem, que se aproxima, que se materializa, que nos aparece em sombra, que nos beija.

Sombra amiga! Não me assustas. Amo o colóquio dos fantasmas. Nas minhas horas quietas alongo o meu espírito á Treva de onde vens e confabulo com as almas idas.

Deixa-me ver de perto a tua angustia, os vincos de teu rosto as nódoas do teu sangue. Foste demasiadamente velho para êste mundo novo, trouxeste, da era antiga, o denodo e a lealdade; não podias vencer com êles a covardia humana; mas tiveste o insigne privilégio de ser integralmente o que devias ser, resalvando o teu caráter, o teu orgulho e o teu amor.

JOSE' OITICICA.



MANIFESTAÇÕES DO NACIONALISMO



OS espiritos afeitos a contemplação das coisas patrias, não é licito o descuido pela facilidade com que o nosso portuguez se deixa infiltrar de locuções e vocabulos estrangeiros. Se a lingua é o reflexo da alma de uma nacionalidade, essa falta de resistencia deve ser considerada como um symptoma alarmante de anemia racial. Os povos fortes, sabem toda a gente, impõem o seu falar aos mais fracos com que convivem, — notando-se desde logo que *força* aqui não exprime sómente poder militar, mas tambem todas as qualidades que dão o predominio nas sciencias, nas letras, nas artes, na vida social e no mundo economico. Por outras palavras: abrange os elementos constitutivos da Civilização: cultura intellectual, perfeição moral, progresso material. Significa fraqueza consentir que o vernaculo se deturpe com formações alheias, intrusas no patrimonio que herdámos de Portugal e que devemos transformar, engrandecer, não malbaratear. Por atrazo, importamos tudo, idéas e coisas. Com o que nos vem pelo transatlanticos, forçosamente virão daquelles termos e daquellas expressões, que não possuímos e que não podemos traduzir. Houvesse mais energia, porém, e procuraríamos, não adoptal-os, mas adaptal-os, assimilando-os, aportuguezando-os. Por desgraça, conservamol-os integraes como kystos protuberantes na fórma da nossa expressão. E' o que me entristece.

Mas não me desanima. Creio bem que atravessamos um periodo de transicção, desses em que o sujeito, pertur-

bado o seu organismo, soffre sem custo influencias extranhas. A lingua portugueza ainda é mais dos portuguezes do que dos brasileiros. Não reflecte bem os nossos sentimentos Quando queremos ser expressivos e fieis, ao dizer de nós mesmos e das nossas coisas, temos que romper ou amolgar os moldes tradicionaes dos nossos avós, crendo um idioma novo, que não seja discorde do novo mundo em que vivemos. Nem é possível que sigamos a mesma trilha se olhamos para o Futuro e elles olham para o Passado, se vivemos de esperanças e elles vivem de saudades. A nossa personalidade está ainda incompleta. Faltanos o verbo individual. Havemos de possuil-o, porém, num lento trabalho collectivo que não será a morte do portuguez, mas a sua carta de naturalização, de corpo e alma, afeitando-o ao *habitat* do Brasil.

Coelho Netto é, talvez, o escriptor brasileiro mais lido em Portugal, que, aliás, nos lê muito pouco. Para isso, porém, escreveu contos e phantasias em que se vêem tri-gaes, lezírias, azinhagas, pegas, consoadas, neves... coisas que não sentimos porque não conhecemos. Para nós tambem nada valem as rhapsodias e balladilhas, disposições elegantes de palavras que poderiam ter sido arrançadas por qualquer escriptor de qualquer lingua. Já nos interessam mais *O Morto* e *A Capital Federal*, que falam da nossa vida, no Rio. Melhor o comprehendemos, ainda, em *Miragem*, dum realismo tão exacto na descrição dos costumes do interior fluminense. Mas é em *Sertão* e *Treva* que o escriptor se põe em communição espiritual com os leitores, estabelecendo-se a corrente de sympathia imprescindivel para que o artista se faça amar pelo seu publico. Nessas paginas, brasileirissimas, aprende-se a lamentar que viesse para o littoral e se despersonalizasse no cosmopolitismo da rua do Ouvidor quem, no matto, teria sido, em prosa, um grande poeta do nacionalismo. Ahi produziu elle o que de melhor se encerra na sua vasta obra desigual, o que mais applausos e emoção despertou.

Neste gosto dos brasileiros pelas coisas brasileiras, percebe-se a reacção do nacionalismo incipiente, que não é xenophobia porque não odeia o estrangeiro: é o mimetismo com que os povos defendem o seu caracter proprio. Devemos incentivar essa reacção, procurando generalizal-a principalmente porque ainda tem feição muito reaccionaria. Se somos um Paiz e um Estado, não somos ainda uma Nação. Nação é um conjuncto de homens da mesma raça ligados pela mesma lingua, pelas mesmas tradições, pelos mesmos interesses e pelos mesmos idéaes. Ora, não



é a mesma a raça do nortista, carregado de sangue africano, e a do sulista, mais mestiçado com o bugre e agora sujeito ao cruzamento com italianos, slavos e germanicos; não é a mesma a lingua, do Oyapoc ao Chuy, pois que um jagunço difficilmente se entenderá com um guasca; não são as mesmas as tradições, tendo-se formado o cearense na luta contra a Natureza, fazendo-se o mineiro na vida dos patriarchas biblicos em meio da fartura de um sólo propicio, crescendo o paulista a desbravar sertões como bandeirante ou plantador de café; não são os mesmos os interesses, tanto que S. Paulo é o pae rico do Brasil vadio e o Brasil o taxa de sangue-suga, enquanto que entre o Rio Grande do Sul e Pernambuco se trava a guerra de tarifas; não são os mesmos os ideaes... simplesmente porque não temos idéaes. Formam-se pequenas patrias, com um forte factor de differenciação: as grandes distancias sem relativos meios de transporte. Dahi diversos *nacionalismos*, que se denominariam *regionalismos* se se contrapuzessem. Mas não se contrapõem. Antes executam inconscientemente uma tarefa solidaria: a luta contra o estrangeirismo historico ou actual. O mal é que correm em linhas paralellas, quando deviam correr em linhas convergentes.

Tendemos para o desmembramento? Parece que não. Acima dos dialectos locaes ha sempre a lingua das classes cultas, que, bem ou mal, falam o portuguez; a questão, a grande questão, é que a ensinem ás classes incultas, tendendo a realizar pelo espirito a unidade que obices materiaes difficultam. Acima das tradições de cada região, é possível crear as tradições nacionaes, que serão a somma daquellas accrescidas das que sejam do conjuncto, evidenciadas e embellecidas por prosadores e poetas que explorem com talento esse inexgottavel filão e delle extraiam o ouro com que dêem brilho á nossa historia. Acima dos interesses locaes, pôdem-se collocar os de vivermos todos integrados num grande Brasil civilizado em que cada qual autilize as vantagens da união que faz a força. Quanto aos idéaes, Rio Branco, já nos havia dado um: a hegemonia na America do Sul; retomemol-o ou adoptemos outro, mas, buvesse estadistas, o certo é que as aspirações nacionaes já teriam sido encaminhadas num impulso como o sonho da *révanche* que salvou da dissolução a França, o da unidade que creou a Italia moderna, o do dominio mundial que daria o sceptro á Allemanha com a precipitação desastrosa da explosão militar.

O material abt está, de primeira ordem. A massa já



é nacionalista. O escól o será também porque ninguém vive fóra do seu ambiente. Não se concebe a pompa sonora e colorida de D'Annunzio entre os neveiros de Londres. Como ficariam mal ao sol de Madrid os fantasmas que Ibsen faz moverem-se na meia-luz da Scandinavia! E quem admittiria o abnegacionismo de Tolstoi nos plethoricos Estados Unidos do *business is business*? Sobretudo nas letras é que é preciso ser romano em Roma. Brasileiro tem que ser quem quizer ser lido no Brasil.

Euclýdes da Cunha, ao lançar *Os Sertões*, obteve o maior exito dos ultimos vinte annos. Porque? O brilho cru' da fórma, a originalidade da concepção, o imprevisto de cada pagina, de cada periodo, não bastam a explicar o successo do livro. E só podemos explical-o se buscamos ainda outro factor: a sua feição eminentemente brasileira, abordando um capitulo da historia nacional muito característico e falando da nossa gente e da nossa terra. O jagunço e a caatinga, eis dois grandes collaboradores da gloria do escriptor. Pintasse elle paizagens exóticas e modelasse figuras peregrinas; seria o mesmo cerebro fau'lhante, senhor do mesmo estylo novo, barbaro, expressivo, enrodilhado, eloquente; mas não teria a mesma consagrada recepção que corôou a sua obra maxima.

Quem não leu *Inferno Verde*, de Rangel; *Ruinias Vivas*, de Alcides Maya; *Terra do Sol*, de Gustavo Barroso? Todos os lemos e, mais, os lemos com prazer, ficando-nos alguma coisa da sua musica, do seu perfume e do seu sabor. Inferiores em valor e em successo a *Os Sertões*, estabelecida a relatividade, encontramos causas identicas e identicos effeitos: nessas obras, também, foi o nacionalismo quem venceu. Anda por ahi uma terrivel sêde do que é nosso...

O leitor brasileiro está enfarado de traducções do francez, confessadas ou fingindo de originaes. Por outro lado, já não supporta o ranço do lusitanismo valetudinario, mesmo apresentado em vasos novos. A literatura européa, se produz refinamentos que dão gosos espirituaes aos refinados daqui, não agrada, não satisfaz á generalidade, mesmo que nella só incluíamos os que estão acima da média da cultura nacional. Refiro-me, é claro, á literatura de ficção, destinada a falar também ao sentimento. A que fala exclusivamente ao espirito, mais ou menos philosophica, essa tem leitores em toda a parte, como os têm os monumentos cuja grandeza excedem os limites das fronteiras para serem entendidos por toda a humanidade. Um meio que ignorou Farias Brito, não produziria Spencer nem to-

leraria Bergson. Não ha prata da casa para substituir a baixella em que nos tem que ser servido, já prompto, o cuscuz de sabedoria que só os millenios puderam accumular em formações successivas. Abaixo das eminencias do pensamento ha, entretanto, uma zona em que exigimos o tom e o som inconfundiveis do Brasil. A prosa de Gorki, os versos de Kipling, o theatro de Bernstein, a musica de Wagner, tudo tem um lugar em todo o Mundo. Mas então é melhor lêl-os ou ouvir-os directamente, bebendo a lympha na propria fonte. As contrafacções são insupportaveis. E, principalmente, enfadam pelo abuso. Foi o abuso com que nos vieram propinando exotismos que nos accendeu a ancia de conhecer e amar o que é nosso, typicamente nacional. Esta marca é condição da victoria.

Alencar já o comprehendera. Primeiro lançou mão do indianismo, contrapondo-o immediatamente ao lusitanismo. Logo, percebeu, porém, o exaggero, o erro de pensar que o contrario do portuguez era o índio: quatrocentos annos não haviam passado innocuamente sobre um paiz em que o conquistador europeu se fundiu com o elemento autochotne e para o qual trouxe grandes levas de africanos. Volveu, então, ás resultantes, sem se embaraçar com a sua diversidade: diversificou-se tambem, dividiu-se para ser uno. Não querendo ser nortista, carioca ou sulista, mas brasileiro, escreveu *O Sertanejo*, com o tabaréo cearense; *O Gaucho*, com o centauro dos pampas; *Til*, com o caipira de São Paulo; *Sonhos d'Oiro*, com o fazendeiro do valle do Parahyba, que era, com o senhor de engenho de Pernambuco, o typo mais representativo da nossa aristocracia exclusivamente agricola; *Diva e Senhora*, com personagens da Côrte; e, nas *Minas de Prata*, plantou as raizes da tradição; certo por julgar-as necessarias a um povo, fazendo-as viver na Bahia, cellula-mater da nacionalidade, sua Capital primitiva. E por isso é que foi brasileiro, não por haver escripto *Ubirajara e Iracema*, lindos poemas sem rima que Chateaubriand podia ter concebido e executado em Paris, cantando heróes e deusas com ligeiros conhecimentos de uma raça desconhecida...

Fiquemos mais demoradamente no nosso caso de paulistas. Nenhum livro de Alencar nos fala tanto á alma e ao coração como *Til*. Outros serão mais grandiosos ou mais musicaes. Aquelle, no emtanto, tem por scenario a confluencia do Atibaia com o Piracicaba e em suas paginas encontramos velhos nossos conhecidos: João, capanga; nhá Tudinha, a doceira prendada; Chico Pinta, o caboclo farrão e covarde; Tinguá, o vendeiro sorna e malandro. O



mesmo succederá em cada região com cada livro respectivo. E desde que paulistas, riograndenses, fluminenses, cariocas, cearenses e bahianos considerem Alencar legitimamente seu, é claro que em conjuncto o consideramos legitimamente nosso, isto é, brasileiro.

Continuemos ainda em São Paulo. Qual é, nos tempos mais recentes, o maior successo de livraria, sem falar no successo puramente literario porque não vem ao caso? Sem contestação, *Urupês*, que já tem a exgottar-se a terceira edição. E' um livro integralmente paulista. Antes d'elle, quem não se deleitou com os versos, por signal toscos, da *Alma Caipira*, de Cornelio Pires? E liam-se com prazer as *Le-reias*, de Valdomiro Silveira, embora os termos caipiras se torneassem em phraseado classico e as personagens por pouco escapassem de ser classicas tambem...

O *jolk-lore* paulista é insignificante. Consola pensar, porém, que foram centenas as contribuições trazidas ao concurso aberto sobre o *Sacy-Pererê*. Mais numerosas, ainda, as *Historias de Caçadores*, outro interessantissimo concurso. O mesmo enthusiasmo despertarão, por certo, novas tentativas relacionadas com o *caapora*, com as quadrinhas populares, com as anedoctas exclusivas da gente regional. Experimente-se, para vêr.

Vamos aos theatros. O que mais attráe não são as operas immortaes, os dramas celebres, as comedias consagradas e os *vaudevilles* famosos. São as peças, qualquer que seja o seu genero, em que entre o caboclo. Para exemplo, *A Caipirinha*, de Cesario Motta; maior secretario do Interior do que comediographo, ao contrario de outros que são pessimos secretarios e optimos comediantes, teve elle ainda a desventura posthuma de representar-se a sua peça mediocre com actores cujas vestes a character envolviam portuguezes authenticos; assim mesmo, para ouvil-a, as platéas se encheram numerosas vezes. Se esse exemplo não bastasse, citar-se-ia a mais o cardume de revistas de anno que, ainda quando idiotas, logram triumphos com a condição de pôrem em scena o coronel fazendeiro com a competente esposa e a respectiva prole, mais a criada. Uma *conferencia* de Cornelio Pires ou uma *modinha* de Catullo da Paixão têm sempre ouvintes. A questão é que seja brasileiro o espectáculo.

Ha muito já o maxixe não era a isca infallivel dos successos theatraes. E' que tambem a musica nós a queremos nossa. Num terreno mais elevado, de Carlos Gomes só conhecemos e applaudimos o que é nacional. Foi o *Cate-retê Paulista* que fez o renome de Alexandre Levy, como



Um caso colonial, do sr. Carlos de Campos, ainda sôa em muitos ouvidos, que não guardaram outros accordes da misera Euterpe indigena. Cumpre notar aqui um facto expressivo: musicos de fama compuzeram uma duzia de hymnos patrioticos e marciaes, imponentes, — e o povo os ignora; appareceu a *Canção do Soldado*, em que Marte não se peja de misturar o passo de ganso com o passo de maxixe, — e não ha quem não a saiba, não a assovie e não a cantarele; vibramos ao ouvil-a, e em nós quem vibra é o brasileiro que á melancolia do *fado* deu o rythmo do *cateretê* com a lascivia do *samba*.

Noutras artes, o mesmo aspecto, como uma lei constante na variedade dos phenomenos. Almeida Junior não é mais exacto do que Pedro Alexandrino nem mais tecnico do que Oscar Pereira da Silva. Mas é paulista. Pintou *Caipira picando fumo*, *Caipira negaceando*, *Amolação interrompida*. Os modelos não eram authenticos? Não importa. Eil-o proclamado, sem conflictos, o primeiro pintor de S. Paulo.

Em qualquer roda, mais que outras, despertam attenção e provocam riso as anedotas do caipira, apresente-se o protagonista como ingenuo ou finorio. O mesmo se dá com o italiano, emquanto que as antigas pilherias relativas ao portuguez nos deixam indifferentes, como succede nos nossos theatros, alheios á graça que possa ter, no Rio, *seu Manoel da Venda*. As chronicas e versos em *macarronico* (um novo dialecto...) e assim os Cappalungas postos em scena, são tão bem acolhidos em S. Paulo quanto a litteratura do mesmo genero, mas caricaturando o allemão, é apreciada no Paraná, em Santa Catharina e no Rio Grande do Sul.

Parece que ha aqui uma contradicção, uma prova em prejuizo do desenvolvimento do nacionalismo. Não ha, entretanto, se quizermos vêr os factos sem os olhos do preconceito. Contradicção haveria se nacional fôsse só o que se deriva do portuguez, do indio e do negro. Mais propriamente, porém, deve-se considerar nacional o que se derive das raças, sejam quaes fôrem, que estejam contribuindo para a formação da nossa. Em S. Paulo temos um milhão de italianos e outro de italo-brasileiros. Os elementos componentes do nosso povo não são hoje os que eram ao proclamar-se a Republica, e muito diversos os teremos dentro de duas ou tres gerações, quando se intensificar o cruzamento que só agora se vae fazendo em larga escala. O interesse pelos italianos, deformados por acção do meio, e pelos seus filhos, ainda não de todo affeito a elle, — e assim todos um pouco caricaturas, — é um indicio da in-







Um pensamento triste

Óleo de J. M. Campião.



unesp



Achado cruciante

Oleó de J. M. Campão.

fluencia do seu sangue na raça em que se transfunde. Não desmente, pois, a minha these nacionalista. Ao contrario: attesta que nós nos consagramos á nossa vida tal como se nos ella apresenta.

Deturpamos a lingua com estrangeirismos. Vestimos, os homens, á moda de Londres, e as mulheres, á moda de Paris. Comemos á franceza quando queremos parecer cultos aos convivas. Se cuidamos do corpo, é em desportos britannicos, e se cuidamos do espirito é em jornaes e revistas que mais tratam de assumptos de lá fóra do que dos de cá dentro. A este respeito, os nossos carissimos irmãos do Prata têm muita razão quando nos fazem retrogradar a escala da evolução e nos dão attributos dos nossos avós segundo Darwin. Mas apesar de tudo, o nacionalismo aponta como cipó entre perobeiras, lança as suas cordas para a ramaria, enfolha-se e floresce por sobre as copas, buscando o seu lugar ao sol. Lateja em cada veia do corpo brasileiro. Seu predomínio impõe-se muito pouco ainda, cada vez mais, porém. E o progresso constante leva á victoria final.

Tudo isso indica que a raça, por agora feita de alluviões, se vae estratificando. A's camadas superpostas ha seculos, outras vão adherindo, na torrente immigratoria. Caldeias é função do tempo, e o essencial é que se caldeiem para assumir feições characteristics, exteriorizando uma consciencia individual. A força de baixo para cima é nesse sentido. Poetas, prosadores, jornalistas, mestres-escolas, todos devem favorecel-a, podem retardal-a e têm que obedecer-lhe, agindo sobre as massas, mas soffrendo a sua reacção. Ou terão que escolher entre o despreço e a incompreensão.

As cordas spirituaes e sentimentaes da nacionalidade só vibram em unisono com as almas e os corações afinados pelo seu diapásão.

RUBENS DO AMARAL





O LUZEIRO AGRICOLA

I



SIZENANDO Capistrano é inspector agricola do centesimo districto. Incumbe-lhe estudar, guiar, fomentar a lavoura, amamentar a pecuaria, elaborar relatorios, ensinar o uso de machinas agricolas, preconisar a polycultura, combater a ro-tina e, ao fim de cada mez, perceber na collectoria a realidade de 700 mil reis.

Antes de inspector Capistrano foi poeta. Cultivou as musas (não a *musa* bananeira, mas a grega Polymnia); não sabia que cousa era um pé de café, mas entendia de pés metricos, pés quebrados, e fazia pés d'alferes a todas as divas do Parnaso. Tal cultura, entretanto, emmagrecia-o. A sua producção de hendecasyllabos, alexandrinos, quadras, odes, sonetos, poemas, vilancetes, eglogas, satyras, anagrammas, logogriphos, charadas novissimas e enigmas pittorescos, comquanto copiosissima, não lhe dava pão para a bocca nem cigarro para o vicio. A pallidez de Capistrano, sua cabelleira á Alcides Maia, sua magreza á Fagundes Varella, seu *spleen* a Lord Byron, suas attitudes fataes ao envez de lhe aureolarem a face de um nimbo de poesia, commiseravam o burguez, que ao vel-o deslizar como alma penada pelas ruas, horas mortas, de mãos no bolso e olho nostalgicamente ferrado na lua, dizia condoido:

— Não é poesia, coitado, é fome!

Os editores artilhavam a cara de carrancas más quando Capistrano lhes surgia escriptorio a dentro, sopesando a arroba de versos primorosos candidatos a edição.

— São versos puros, senhor, versos sentidos, cheios d'alma. Virão enriquecer o patrimonio lyrico da humanidade.

— E arruinar o meu patrimonio economico — retorquia a fera. De lyrismo bastam-me aquellas prateleiras que editei no tempo em que era tolo e que se não vende nem a peso.

— O' vil metal! murmurava o poeta, franzindo os labios num repuxo de supremo enojo. O' mundo vil! O' torpe humanidade! Em que te distingues, Homem, rei grotesco da creação, do suino toucinheiro que espapaça nos lameiros? Manes de Juvenal! Eummenides! Musas da Colera! Inspira-me versos de fogo onde apu'e té os penetraes da alma este verme orgulhoso e mesquinho! Baudelaire! dae-me os teus venenos...

— Rapazes, berrava o livreiro á caxeirada, ponham-me este vate no olho da rua!

O poeta ante o *manu-militari* irretorquível, tomando a papelada lyrica, muscava-se para a zona neutra da calçada, onde, readquirida a nobre altivez, objurgava para dentro da loja hostile:

— A Posteridade me vingará, javardos!

E sacudia á porta o pó das sandalias, que no caso eram surradas e já risonhas botinas de bezerro.

Em seguida remessando para traz a cabelleira, num repellão, ia fincar-se sinistramente á esquina proxima, em torva attitude, á espera dum conhecido esfaqueavel a quem extorquisse um nickel com gestos soberbos á Cyrano de Bergerac.

Cançado, porém, de ouvir estrellas em jejum, de amar a lua no ceu sem possuir um queijo na terra, ouviu a voz sensata do estomago e quebrou a lyra, para viver.

Metteu a tesoura nas melenas, deu tal qual brilho aos sapatos com esfregações de casca de banana, desfatalisou o semblante, substituiu o ar vago e absorto pelo ar avacalhado do pretendente e, á força de cartas recommendaticas, guindou-se ás cumeadas do Morro da Graça. Todo o mundo o recommendou ao Gau'cho Omnipotente porque todo mundo andava farto daquella permanente fome lyrica a deambular pelas ruas, caçando rimas e filando cigarros. Que fosse acarrapatar-se ao Estado. O Estado é um boi gordo, semelhante áquella estatua equestre de Hindenburgo, feita de madeira, onde os allemães pregavam pregos de ouro. A differença está em que, no Estado, em vez de tachas de ouro, pregam-se Capistranos vivos.

Foi apresentado ao Pinheirão.

— Então, menino, que quer?

— Um empreguinho qualquer que Vossa Omnipotencia haja por bem conceder-me.



— É para que presta você, menino?

— Eu? Eu... fui poeta. Cantei o Amor, a Mulher, a Belleza, as manhãs côr de rosa, as auras boreaes, a Natureza emfim. Romantico, embriaguei-me na Taverna de Hugo. Classico, bebi mel do Hymeto pela taça de Anacreonte. Evoluindo para o parnasianismo, burilei marmores de Paros com os cinzeis de Heredia. Quando quebrei a lyra, ascendia ao cubismo transcendental.

Sim, general, sou um genio incomprehendido, novo Ahasverus a perlustrar todas as regiões do Ideal em busca da Fôrma Perfeita. Qual Prometheu, vivi atado ao potro da *Inania Verba*, onde me roeu o Abutre da Perfeição Suprema. Fui um Torturado da Fôrma...

O general, que era amigo das bellas imagens, illuminou o rosto de um sorriso promissor.

— Poeta, disse, eu tambem sou poeta. Rimo homens. Componho poemas heroe-comicos. Conheces a Hermeida? E' obra minha. Amo as bellas imagens. Tenho lançado algumas immortaes. A mulher de Cezar! Os levitas do Alcorão! Hein? Tu me cahiste em graça. Acolho-te sob o meu pallio. Que queres ser?

— Inspector.

— ... de quarteirão?

— Isso não.

— Agricola?

— Ou avicola...

— De que região?

— Não faço questão.

— Sel-o-ás do centesimo districto; conheces as culturas ruraes?

— Já cultivei batatas grammaticaes.

— E de pecuaria entendes? Distingues um zebu' d'um gallo Brahma? um matungo d'um murzello?

— Já cavalguei Pegaso em pello!

— Conheces a suinocultura? Sabes como se cria o canastrão?

— Sei trincal-o com tutu' de feijão.

— E's um genio, não ha que ver. Talvez faça de ti, um dia, presidente da Republica. Como é o teu nome?

— Sizenando, Capistrano é sobrenome.

— Cá me fica. Vae, que estás ahí estás fomentando a agricultura como inspector do centesimo districto, com 700 bagos por mez. Os poetas dão optimos inspectores agricolas e tu tens dedo para a coisa. Vae, levita do Ideal!...

• • •

Eis como Sizenando se achou um dia transfeito em luzeiro scientifico, a illuminar, qual possante holophote agricola, uma grande zona do paiz.

II

Sizenando Capistrano, mal se pilhou transformado de famelico ouvidor-mór de estrellas em peça mestra do Ministerio da Agricultura... casou, luademelou tres mezes e, ao cabo, compareceu perante o ministro, para saber em que rumos nortear a sua actividade.

O ministro refranziu a testa: é tão difficil arranjar occupação para os phosphoros ministeriaes... Pensou um bocado, e:

— Escreva relatorios, desembuchou.

— Sobre que, Excia.?

— Sobre qualquer coisa. Relate, vá relatando. A função capital do nosso ministerio é produzir relatorios de arromba, sobre o que ha e o que não ha. Relate.

— Mas Excia., eu desejava ao menos uma suggestão emanada do alto criterio de V. Excia. sobre que materia devo organizar o relatorio que a bem dos magnos interesses da lavoura V. Excia. com tanto tino me incumbe de escrever...

— Já lhe disse: sobre qualquer cousa que lhe dê na veneta. Relate, vá relatando e depois me appareça.

Sizenando sahiu encantado com os processos expeditos do Dr. Grifado com assento na pasta, e passou tres mezes de papo ao ar, procurando uma these conveniente.

Como por essa época a lua de mel lhe entrasse em plena mingunte houve certo dia rusga brava ao jantar, e a consorte, mulherinha de verruga no nariz, pespegou-lhe pela cara com um prato de salada de beldroega.

Tal o celebre estalo que abriu a intelligencia do Padre Antonio Vieira em menino, aquelle obuz culinario teve a estranha acção de illuminar os refohos cerebraes do inspector.

— Eureka! berrou radiante, e com um grande riso de goso na cara emplastada d'herva e unto ergueu-se da mesa ás pressas, rumo do escriptorio. A mulherinha, entre coletrica e pasmada, perguntava de si para si:

— Estará louco?

Sizenando deitou mãos á tarefa, e levou a cabo um estudo botanico-industrial da hervinha com afan tal que, transcorridos dez mezes, dava a prélo o «Relatorio sobre o *Papalvum braziliensis*, vulgo Beldroega, e a sua appli-



cação á culinaria». O anno seguinte gastou-o em rever as provas do calhamaço, a modo de escoimal-o dos minimos vicios de linguagem. O antigo torturado da Fórma resurtia ali. Sahiu o relatorio obra papafina, optimo papel e muitas gravuras illucidativas. Entre estas, em bello destaque, os retratos do Ministro, do Director de Agricultura, do Marechal Hermes, então no apogeu, do tenente Pulcherio, do Frontin, do Pinheiro e mais protuberantes paredros do momento. Prompta a edição, embaraçou-se Sizenando quanto ao destino a lhe dar.

Que fazer de tanta beldroega?

Foi ao ministro.

— Excia., de accordo com as sabias ordens de V. Excia., venho communicar a V. Excia. que se acha prompta a edição do Relatorio sobre o *Papalvum*.

— Que papalvo? que relatorio? inquiriu o ministro deslembrado.

— O que V. Excia. incumbiu-me de escrever.

— Quando?

— Haverá dois annos.

— Não me recordo disso, mas é o mesmo. Mande a papelada para o forno de incineração da Casa da Moeda.

Sizenando abriu a maior bocca deste mundo. O ministro comprehendeu aquella estuporação e sorriu.

— Então? Que queria V. que eu fizesse de 5.000 exemplares de um relatorio sobre a Beldroega? Que o puzesse á venda? Ninguem o compraria. Que o distribuisse gratis? Ninguem o acceitaria. Se é assim, se sempre foi assim, se sempre será assim com todas as publicações deste ministerio, o mais pratico é passar a edição directamente da typographia ao forno. Isso evita a maçada de preoccuparmos com ella e tel-a por ahi a atravancar os archivios. Não acha V. que é o mais razoavel? Vá, retire os que quizer e forno com o resto.

— E depois, que devo fazer? indagou Sizenando, inda tonto do expeditismo ministerial.

— Escreva outro relatorio, respondeu sem vacillar o ministro.

— Para ser queimado novamente? atreveu-se a murmurar o poeta-inspector.

— Está claro, homem! Para que diabo dispendeu o governo tanto dinheiro na montagem do forno? Está claro que para incinerar as notas velhas e os relatorios novos. Deste modo se conservam em actividade perpetua o pessoal da Imprensa, o do Forno e o dos Ministerios. Veja V. como é sabia a nossa organização administrativa! A

creação do forno foi a melhor ideia do governo passado. Antes d'elle a Imprensa Nacional vivia entulhada de impressos, a produção de relatorios, função capital deste Ministerio, periclitava, e era tudo uma desordem, um desequilibrio capaz de induzir o governo á suspensão da Imprensa e do meu Ministerio. O Forno sanou a situação. O *jervet opus* é magnifico, a espada de Damocles foi arre-dada de sobre nossas cabeças. Hein? Vá, escreva outro relatorio, sobre... sobre... o carúru' por exemplo.

Sizenando deixou o gabinete meditativo. S. Excia. der-rancara-o!

Viu com dor d'alma as chammas no Forno lerem aquelle relatorio tão bem acabadinho, tão de encher o olho... E sacou 6 mezes de licença com vencimentos, para descansar.

Exgottada a licença, ia Sizenando começar a pensar em se preparar para escolher o papel e a tinta com que relatasse o carúru' quando o Dr. Grifado apeou da minis-trança. Sizenando deixou que transcorressem mais 6 mezes, ao termo dos quaes se apresentou ao novo titular para lhe sondar a orientação. O novo ministro era um bacharel em sciencias juridicas e sociaes, ex-chefe de policia e tão entendido em agricultura como em archeologia inca. Mas lera uns numeros das «Chacaras e Quintaes» abeberando-se ali de umas tantas noções vagas sobre avicultura, poly-cultura, apicultura, criação de canarios, etc. Fez dessas *uras* o seu programma. No discurso de apresentação, ao em-possar-se no cargo, emittiu os seguintes conceitos, louva-dissimos pelos circumstantes, empregados do Ministerio na maioria e verdadeiras hortaliças em materia agricola.

— A monocultura, srs., é o grande mal; a polycultura é o grande bem; no dia em que produzirmos cebola, alho, batata, repolho, coentro, alpieste, alfafa, cerefolio, grão de bico, tremoço, quiabo, espargo, espinafre, alcachofra...

(Um arrepio de entusiasmo percorreu a espinha dos assistentes, que se entreolharam gozosos como quem diz: temos homem pela proa!)

— cebollinho, couve-flor, sorgho, soja amarella, centeio, aveia, figos da Thracia, uvas de Corintho, violetas de Parma...

— Bravissimo!

— ... violetas de Parma... violetas de Parma... vio-letas (caroço) e outros cereaes europeus (vermelhidão no rosto), a prosperidade nacional assentará num soclo grani-tico do qual não a arrancarão as mais rijas rajadas dos vendavaes economicos. Conduzir a patria a essa Chanaan



da polycultura: eis a mira permanente dos meus esforços, eis o meu programma, eis o supremo fim collimado pela minha actividade. Espero, pois, que, etc., etc.

Palmas, bravos, guinchos, silvos e outros sons denunciadores dum enthusiasmo alçado a grão de ebulição estrugiram pela sala. O ministro foi abraçado, e beijado — nas mãos.

Aquelle salvava a patria, não havia a menor duvida!

III

O novo ministro da Agricultura era positivamente uma aguia, igual ás anteriores. A Praia Vermelha nunca foi po-leiro, mas alcandora — sobretudo na opinião dos jornaes independentes, — que lhe publicavam os editaes.

Tinha programma. Visava confundir a rotina monocul-tora com demonstrações praticas das magnificencias da polycultura mechanica.

Sizenando recebeu ordem de ir desempégar a centesi-ma região do atascal da rotina. Aquella gente ainda vivia em pleno periodo da pedra lascada do café, e era mister tangel-a á estação aurea da polycultura, da avicultura, da sericultura, da criação de canarios hamburguezes, etc., preluzida no discurso do ministro.

Chegado á séde do districto, com sequito numeroso e abundante ferragem mechanica, Sizenando distribuiu convi-tes para a inauguração dum curso pratico. Escolheu para campo de demonstração um «rapador» a um kilometro da cidade, onde, no dia emprazado, se reuniram os convivas. Veio o prefeito municipal, o porteiro da Camara, o col-lector federal, o promotor publico, tres jornalistas, quatro professores, o director do grupo escolar com a meninada, o vigario da parochia, o fiscal da illuminação publica, o ze-lador do cemiterio, o carcereiro, um guarda-chave da Cen-tral, cinco inspectores de quarteirão, o delegado, o cabo do destacamento, e *um* fazendeiro recém despojado da sua propriedade por dividas.

A turma docente e os bois do arado formavam um grupo á parte.

Sizenando trepou a um cupim e pronunciou breve allo-cução sobre a personalidade sobreexcellente do ministro e sobre o papel dos novos methodos racionaes na agricul-tura moderna.

—O novo methodo é baseado na sciencia pura. Vem dos laboratorios, de braço dado á chimica. Começarei pela ex-

posição do arado ou charrua, a pedra angular de todo progresso agrícola. Sr. primeiro arador, arado para a frente!

Despegou-se da turma um capataz que empurrou para perto do cupim tribunicio um bello arado de discos.

Rodearam-no os circumstantes como a um animal raro.

— Eis, meus senhores, um arado de disco. Esta parte se chama cabo; esta é a roda, serve para rodar; estas rodellas são os discos, servem para sulcar a terra; este ferriño é a manivela graduadora; este pauzinho é o balançim. Aqui se atrelam os bois e cá toma assento o conductor.

Explicou depois o seu funcionamento.

— Vejamol-o agora em acção. Sr. primeiro conductor de primeira classe, atrelar!

Adiantou-se du turma um carreiro e tangeu os bois para a machina, jungindo-os á canga.

Os assistentes riram-se. Acharam graça no Thomé Pichorra que nunca fôra senão o Thomé Pichorra, carreiro, transformado em primeiro conductor de primeira classe!

Era de primeirissima!

— Sr. primeiro arador, arar!

O primeiro arador saltou á boléa e empunhou as manivelas. O primeiro conductor aguilhou a junta de bois.

— 'amo Bordado! Puxa Malhado!

Os dois caracu's moveram-se pesadamente.

A terra sulcada pelo ferro abriu-se em leivas. Sizenando exultou.

— Vejam, srs., que maravilha! Faz o trabalho de vinte homens além de que deixa a terra desatada, com grande receptividade para a meteorisação atmospherica, o que equiva a uma adubação copiosa.

Este pedacinho encantou sobremodo o zelador do cemiterio, que não conteve um sincero *multo bem!*

Sizenando agradeceu com um gesto de cabeça. O arado deu umas tantas voltas e emperrou. A banda de musica para disfarçar a entaladella requebra o *Vem cá mulata*. E terminou a primeira parte da demonstração.

A segunda consistiu no destorroamento e gradeamento da terra, feito com o mesmo apparato da primeira.

Havia primeiro destorroador, e primeiro gradeador. Um mimo de hierarchia!

Ao terminar a banda zabumbou um tanguinho.

A terceira parte foi absorvida pelo plantio de cebolas, batatas, alho, alfafa e mais salvações nacionaes.

— Os senhores verão, concluiu Sizenando, que maravilhosa messe vae brotar, farta, deste torrão safaro e ingrato, só porque applicamos, summariamente, os proces-



— sos modernos da cultura racional, os quaes centuplicam a producção diminuindo o trabalho. A machina agricola é a verdadeira alavanca do progresso!

— Protesto. A alavanca do progresso sempre foi a imprensa, contraveiu um jornalista cioso da velha prerogativa.

— Será, retrucou Sizenando, mas se uma, a imprensa, alçaprema o progresso moral, a outra, a machina agricola, alçaprema o progresso material!

— Bravissimo, rugiu o zelador do cemiterio, inimigo pessoal do Zé Tesoura, isso é que é!

— Sim senhor, muito bem, grunhiram outros.

Capistrano, rubro de gozo pelo feliz successo da tirada, espichou o dedo para a philarmonica pedindo o hymno.

A banda escorchou a velha patriotada de Francisco Manuel. Desbarretaram-se todos. Capistrano, erecto sobre o pedestal de cupim, immobilisou-se em attitude de religiosa unção, d'olhos postos no futuro da patria.

A' derradeira nota poz fim á festa com um escarlate viva á Republica com tres r r pelo menos.

Acompanharam-n'o, como um echo, o collecter, o zelador, o agente do correio e mais funcionarios federaes demissiveis, além dos bois, que mugiram.

• • •

Mezes mais tarde procedeu-se á colheita. As cebolas haviam apodrecido na terra devido ás chuvas; os alhos vieram sem dentes, devido ao sol; as batatas não foram por diante devido ás vaquinhas; as outras «polyculturas» negaram fogo devido ás sau'vas, á quem-quem, á geadas, a isto e a mais aquillo.

Não obstante, seguiu para o Rio um soporoso relatório de 300 paginas onde Capistrano entre outras maravilhas dizia: «Os resultados praticos do nosso methodo demonstrativo *in locu* têm sido verdadeiramente assombrosos! Os lavradores acódem em massa ás licções, applaudem-n'as com delirio e, de volta ás suas terras, lançam-se com furor á cultura poly, em tão boa hora lembrada pelo claro espirito de V. Excía. O sr. ministro póde felicitar-se de ter aberto de par em par as portas da idade de ouro da agricultura nacional.»

Os jornaes transcreveram com gabos estes e outros pedacinhos de ouro. E o sr. Affonso Celso, consta, encheu-se de mais um bocado de ufanía pelo seu paiz...

1914.

MONTEIRO LOBATO.





QUÉDAS DE AGUA

*A agua para subir é preciso descer:
Se a queda é mais profunda é mais alta a subida
— Para a queda ser grande ha-de vir do dever!*

*Em montanha encantada uma agua embevecida
Sonhava, recebendo as honras que alcançara
Não do proprio valor, mas da origem da vida.*

*Era, naturalmente alta, serena e clara:
Só reflectia o Céu, nunca espelhára a Terra
— Não conhecia o goso e a dor de quem compára.*

*Não conhecia a dor e o goso de quem erra
Crendo que acerta, numa illusão bemfazeja
— E sonha em plena paz, e accorda em plena guerra!*

*Não conhecia o goso e a dor de quem deseja
E aspira e quer e exige e sóbe! e quando alcança,
Larga-se, e vai reerguer-se alem! — Gloria lhe seja!*

*Ah! vem das quedas da agua altruista que se lança
De desmoronamento em desmoronamento,
De ascensão a ascensão, a energia, a abastança!*

*Ah! vem das quedas da agua heroica o movimento
Que expande a luz, carrega o som, produz o impulso
— Quedas de agua de orgulho e de enternecimento!*

*E esta agua que jamais teve um gesto convulso,
Tambem não foi jamais feliz, á dor extranha,
No seu modo de vida egoisticamente insulso.*

*Mas, um dia, acordou na encantada montanha,
Teve o impeto, a intuição de subir de ascender!
E exaltou-a uma voz que os bravos acompanha:*

— «A agua, para subir, é preciso descer!»

*A agua, para subir é preciso descer.
E a agua se despenhou, despenhou-se cantando
— Só no Ideal de reerguer-se acudindo ao dever!*

*Voavam pelo Infinito as illusões, em bando...
Perecia mais alta a montanha encantada...
E a agua sempre descendo, e sempre idealizando:*

*la fertilizar, humidecendo, em cada
Fenda de terra um grão — e, assim, floresceria,
Aquella outra montanha, ao seu gesto de fada!*

*Aquella outra montanha, esteril, sem Poesia,
la ser transformada em montanha fecunda!
E a agua descia dia e noite, noite e dia.*

*A agua é como a alma, quando é do idealismo oriunda:
Pois não mede ao descer, no triumpho que anlogosa,
Que mais custa elevar-se a quem mais se aprofunda!*

*E não se fez tardar a reação dolorosa:
Que estranheza de luz e de altura e de ambiente
— Que saudade do sonho excelso, côr de rosa!*

*Que saudade do sonho ingenuo transparente,
Que estranheza de luz e de ambiente e de altura
Na mudança de ser e de agir, de repente!*

*E aquella agua, serena outrora, inda era pura
Na intima exaltação da duvida, no aneio
De aprofundar-se e, após, reerguer-se, ah! que tortura!*

*E se perdesse a força, e se parasse em meio
Da existencia, agua inerte, a gloria a desmentir?
E aquella voz profunda exhortal-a inda veio:*

«— A agua, quanto desceu, é capaz de subir!»



*A agua quanto desceu é capaz de subir.
E a agua se reanimou, reanimou-se conjiante
— Olhou para o passado, e olhou para o porvir.*

*O valle era o presente apenas, era o instante
Em que se condensava a alma, o ponto de apoio
Indispensavel para o arrojo edificante!*

*Se esta agua não trouxera um destino de arroio,
Naturalmente havia assim de despenhar-se
Para erguer-se por si, cristallina, sem joio!*

*Para erguer-se por si, glorioza, sem disjarce,
A agua é como a alma: vai denunciando a vergonha
Que encontra, e faz que a selva o manto escuro esgarce!*

*Depois vem a reacção, a extranheza medonha!
E a agua é como a alma ainda: embora se aprofunde
Eleva-se — por mais que medite, a alma sonha!*

*E, por mais que se exponha, ella não se conjunde:
E' sempre a mesma alma, é sempre a alma incolume, a alma
Que olha mais limpida o celeste mappa-mundi!*

*Assim de lucta em lucta, exteriormente calma,
Depois de aprofundar-se, a agua a altura reassume,
E, acudindo a montanha, a mão piedosa espalma.*

*Já floresce a montanha, exhalando perfume,
Fructifica! E a agua, então começa a reflectir:
«Não é só isto, não! o Ideal não se resume!»*

*E ella escuta: (esquecendo a reacção do porvir,
E o proposito de jamais se aprofundar)
«A agua, quanto desceu é capaz de subir!»*

— Para subir ao Céu, has-de descer ao Mar!

*Para subir ao Céu has-de descer ao Mar.
E a agua se despenhou de novo, despenhou-se
Só no Ideal de attingir a abobada estellar!*

*Talvez fosse ambição talvez vaidade fosse.
Mas, bemdicta a ambição e bemdicta a vaidade
Que, a um forte impulso honesto, a idealidade trouxe!*

*Ah! bemdicta a ambição que attende á idealidade:
Que esquece a dôr passada, e aspira á nova lucta
Não deixando que a inercia um só momento enjade.*

*Ah! bemdicta a vaidade ingenua e não corrupta
Da alma que aspira ao Céu, e, embora nunca o alcance,
Jamais descrê do Céu — Não troca de conducta.*

*Assim, de vaga em vaga, assim de lance em lance,
A agua ás nuvens chegou, e em nuvens se converte,
E as auras dizem logo: «Ella talvez descance...»*

*Engano! a agua é como a alma: embora se lhe offerte
Nas nuvens o repouso, aspira ao Infinito
— Na lucta é mais feliz, não pôde ser inerte.*

*A gloria falsa não a illude; ao Céu bemdicto
Continua a aspirar... e, muitas vezes, quasi
Enlouquece de dôr, em tempestuoso grito:*

*«Oh! Infinito! oh! Céu! o Firmamento é a base,
Onde, então, me firmar; se a base é inatingivel?!...»
E a agua deixa que, em pranto, a dôr se lhe extravase!*

*Fez-se nuvem, desfaz-se em chuva, torna ao nivel
Primitivo — e ha-de erguer-se, e ha-de se aprofundar
Credula eternamente, a agua, ouvindo sensível:*

«Para subir ao Céu, has-de descer ao Mar!»

LAURA DA FONSECA E SILVA.

Rio, 9—1918.





A NOIVA DE OSCAR WILDE

Eu ando sobre as cinzas de um fogo abajado. — Samuel Johnson.

DORIAN e SYBIL.... Mas por que diabo deste aos teus bichanos o nome das personagens de Wilde? disse eu, afogando os dedos na pella-gem fulva de um dos *angorás*, e avivando na memoria a imagem do escriptor admiravel, em cujas paginas, como num jardim encantado, tanta vez fomos juntos colher o fructo de ouro das ideias novas e dos paradoxos perturbadores.

Raul, que me ouvia a dois passos, estiraçado numa cadeira de vime, a amachucar entre os labios a ponta da sua indefectivel piteira, soergueu-se a essa minha pergunta, e apontando para uma janella proxima, em que ainda havia luz, segredou-me de indicador sobre os labios: «Os gatos são della; mas nunca fales em sua presença no nome de Oscar Wilde». E como o meu olhar o interrogasse, na curiosidade daquelle mysterio, Raul travou-me do braço e ambos fomos ter ao fundo da varanda, onde o luar penetrava a furto, escoando-se pela ramagem olente das glycinas em flôr.

Nós eramos quatro em torno á mesa de uma confeitaria, e, entre curiosos e attentos, ouviamos essas cousas de Alfredo Roberval, o festejado autor do «O anel de Gyges», collectanea de versos que lhe valera galgar de um golpe ás esporadas num Pegaso ardoroso e insoffrido, as grimpas do Parnaso indigena. O acaso, ou talvez a chuvinha que cahia mofina sobre o asphalto da Avenida, reunira-nos ali, emquanto não se fazia tempo para o jantar com que festejaríamos o anniversario de um amigo commum. Como ge-

ralmente succede quando não ha premeditação de assumptos, a palestra nasceu animada foi ter aos labios do poeta, que era sempre interessante em tudo o que contava.

— Eu não sei se já lhes disse, que Raul estava então num sitiosinho nas proximidades de Petropolis, buscando melhora á terrivel neurasthenia que, poucos dias depois, o levaria ao mais estúpido e revoltante dos suicidios — continuou Alfredo, abrindo um parentese á narrativa, enquanto o *garçon* nos renovava os *cock-tails*.

A conselho dos medicos, unanimes numa cura pelo isolamento, esse mesmo isolamento que sem duvida alguma foi cúmplice do tragico desfecho, o Dr. Andrade, já que os seus afazeres lhes não permittiam longas ausencias do Rio, resolvera alugar aquella fazendola, que ao lado do socêgo prescripto, e de um ar sadio e lavado, tinha a vantagem de deixar o filho sob a sua immediata vigilancia e ao alcance de todos os recursos para qualquer emergencia mais séria.

Uma tia paterna, senhora solteira e já cincoentona, com quem eu algumas vezes estivera na casa do Dr. Andrade, acompanhou o meu pobre amigo durante a sua rapida permanencia em Petropolis, e cercava-o de toda sorte de carinhos e atenções, por maneira a revigorar-lhe as forças e solevar-lhe o espirito, já talvez infernado no mundo tormentoso dos terrores vãos e obsessões.

Essa tia do Raul, D. Isabel Sleed de Andrade e Mello, ou melhor, a tia Bellinha, como lhe chamavam os da casa, era uma senhora ainda vistosa, alta e esbelta, de cabeça magnifica e porte airoso, conservando no seu todo essa qualquer cousa de indefinivel que exigem as individualidades. Trazia-lhe um particular encanto á physionomia, resplendente de resignação e doçura, o contraste creado entre uns olhos, não sei se verdes ou castanhos, mas luminosos e inquietos, e a tonalidade dos cabellos já brancacentos; que lhe desciam pelas temporas em ondas mortas. Vestidos de côres sobrias, quasi sempre volteados ao pescoço por altas gorgeiras de renda, completavam-lhe a grande distincção de maneiras. Por toda joia, e eu sabia-a possuidora de bellas, ás vezes, um camapheu antigo abotoando-lhe o corpete. Não sei porque, mas sempre me pareceu que a suavidade do seu perfil, admiravelmente se enquadria na penumbra mysteriosa de certas telas de Whistler.

Mais tarde, por uma photographia do passado, tive explicação para os fulgores daquelle crepusculo, revendo D. Isabel no donaire dos seus vinte e poucos annos. Uma figura vaporosa e fragil, transbordante de graça e



mocidade, irradiando sedução e frescura. O seu collo, alto e ondeante, emergindo de um tufo de tulle branco, ia abrir-se na curva delicada de um rosto, em que brincava o mais ingenuo e acariciante dos sorrisos. Os cabellos, collidos singelamente á nuca, e que deveriam ser de um negro profundo e quente, não lhe quebravam então o queimor dos grandes olhos, que rasgados entre cilios longos, conservavam ainda a mesma indizível e vaga coloração.

Embóra, no geral, pouca curiosidade me despertem os velhos, e a figura da tia Bellinha só me começasse particularmente a interessar depois que lhe conheci a pungente historia de amôr, nunca me passou despercebida a atmosphera de carinhosa veneração com que todos os de casa a rodeavam, e tão diversa daquella em que de ordinario respiram, nas grandes familias, as tias solteironas e já velhucas, não raro relegadas á situação de damas de companhia ou creadas de confiança.

Collocara-a, talvez, nessa particular situação de relevo, consoante me informara Raul, pois que, de inicio, dada a sua pouca communicabilidade, nada lhe pudesse deprender do character, os primores de uma intelligencia afeita a varios idiomas e trabalhada por boas e proveitosas leituras.

A seguir, durante as minhas amiudadas idas a Petropolis, quando então, a respeito de tudo, e sobre os mais diversos themes, pude conversal-a longamente, é que verifiquei a justeza do alto conceito em que Raul tinha a sua tia. D. Izabel associava, de facto, á sympathia da figura que já lhes descrevi, as excellencias de um bello espirito, em pleno viço de multiplos predicados, que lhe permittiam — cousa tão rara entre as mulheres — ao lado da maxima vibração aos motivos de belleza e arte, um raciocinio sempre penetrante e coherente na maneira de julgar os homens e as cousas.

— E o que vem a ter tudo isso com a historia do casal de gatos que te revelou «o mais pungente drama de amor»? entreveio Genesio Pires, o mais novo da roda, que parecia pouco interessado pela narrativa, pois que os seus olhos iam frequentemente a uma mesa proxima, onde, minutos antes, uma francezinha loura e esguia descalçara as luvas para tomar dois goles de chá.

— E' onde eu vou chegar. A janella que Raul me indicava, quando buscamos o fundo da varanda para conversar como mais desembaraço, era precisamente a do quarto de D. Isabel; e, portanto a ella pertenciam os dois lindos gatos, de olhos de topazio e pêlo setinoso, que teriam feito o encanto de Baudelaire.

— «Vaes conhecer um segredo de familia», — disse-me Raul, mal nos sentamos — «e segredo que nem de paes a filhos se transmittiu, pois que todos os meus irmãos o ignoram e eu só ha pouco tempo o conheci, quasi pelo mesmo motivo por que tambem t'ô vou agora revelar. E' que temos constantemente o nome de Wilde á boca, e amanhã, — como a mim me succedeu — mórmente agora que as tuas palestras mais se estreitam com minha tia, e não raro para o terreno da literatura, poderias cita-lo na conversa, despertando-lhe a mais dolorosa das recordações.»

E depois de uma pausa, aproximando-se mais de mim, e a olhar ainda com certo receio para a janella que se conservava illuminada e agora ficava distante:

— «Minha tia teve em toda a sua vida uma unica e verdadeira paixão — mas paixão acerrima e vivaz, que lhe queimou a mocidade e ainda hoje perdura no fogo lento de uma devoção á memoria do seu amado — essa paixão foi por Oscar Wilde». E como na incredulidade eu o quizesse interromper: «Não duvides. E' a verdade. O meu espanto não foi menor do que o teu, quando meu pae me fez a mesma revelação, e eu tive que acreditar no que agora te transmitto.

«Como sabes, meu avô paterno, por caprichos da sorte e uma bolsa facil que lhe permittiu, na mocidade, frequentes passeios á Europa, duma dessas viagens voltou de lá casado, transplantando para o sol dos tropicos uma linda inglezita arrancada ás brumas de Londres. A essa avósinha, que mal se acclimou entre nós e aqui morreu ao fim de nove annos, devemos, talvez, os bocados de cabelleira loura que andam espalhados pela familia.

«Meu avô, quer porque, no momento, não lhe fosse facil ir de novo a Londres em busca de outra ingleza; quer porque a natureza da sua dôr não lhe permittisse escolha dessa especie em qualquer parte do mundo; o facto é que, apesar de muito moço, resolveu conservar-se viuvo, e dedicar-se, por inteiro, á educação das duas tenras saudades, que lhe deixara a sua companheira de poucos annos de felicidade: meu pae e tia Bellinha.

«A despeito das distancias, e da pouca convivencia que elle tivera com a familia de sua mulher, meu avô — e talvez isso ainda fosse um culto á memoria da morta — nunca deixou de com elles cartear-se, mandando-lhes mesmo, á medida que os annos corriam, photographias dos netinhos brasileiros, que, mais tarde, por sua vez, em bilhetes affectuosos, pediam a benção dos avós.



«Por meados de 1894, meu avô conseguiu realizar o que sempre ambicionara: revêr a família da mulher e reviver, melancolisados pela saudade, alguns trechos do seu noivado. Como meu pai já o não podia acompanhar, pois que fizera a grande tolice de se casar tão depressa deixara os bancos academicos, e minha mãe, já por esse tempo, esperava por este teu amigo, elle levou comsigo a Tia Belinha, que talvez mais esperta, até então não se quizera decidir por nenhum dos admiradores que andavam em torno aos seus bellos 26 annos.

«Se para explicar os successos que teve essa flôr tropical, quando appareceu nos salões de Londres, te não bastarem as reminiscencias que ella ainda hoje conserva nas linhas do perfil e no encanto particular do seu todo, eu depois de mostrarei um retrato que lhe foi tirado por essa occasião, creio mesmo que em Londres.

«Pois foi essa brasileirinha, D. Isabel Slead de Andrade e Mello, que um dia, na confusão de uma sala aristocratica, se viu frente a frente com o nosso tão querido Oscar Fingal O'Flahertie Wilss Wilde!

— Mas estamos em pleno dominio da phantasmagoria! exclamei eu, mal contendo os estos do meu entusiasmo.

Seria lá possivel que me fosse dado conhecer algum que houvesse tratado pessoalmente Wilde, o artista supremo, o creador de Salomé e Dorian Gray, o homem extraordinario que fazendo da sua existencia uma obra de arte, fôra quasi um semi-deus do seu tempo, e colhêra em plena mocidade todos os louros que se concedem ao genio? Seria lá possivel que algum, bem proximo de mim, houvesse escutado o «Principe da Linguagem», o conversador incomparavel que possuia na voz todas as harmonias, e tinha, ao serviço das suas ideias, um tear com as quatorze mil nuanças com que se trabalham os gobelinos preciosos?

É na minha imaginação, á custa de elementos colhidos aqui e ali, por leituras esparsas, tal como succede a certos artistas que se esforçam por vêr resurgir diante de seus olhos, avidos de belleza, as maravilhas do engenho humano, arrancadas á vilania do tempo — eu vi crescer ante mim a figura radiosa de Wilde, como deveria tel-o visto D. Isabel, por volta de 1894.

O poeta irlandez estava então no fastigio da sua gloria, e as musas que o acompanhavam desde o berço, talvez não achando bastante as honrarias que a Inglaterra já lhes prestava ao filho dilecto, levaram Wilde á consagração de Paris, onde o seu nome andava de boca em boca e os seus livros corriam de mão em mão.

Com a força do seu genio amparada na belleza da sua plastica, e gozando de uma mocidade que ainda aos 35 annos lhe permittiria, caso preciso fosse, encarnar-se no Apollo sorridente que anima a «Dansa», do grupo escultural de Capeaux, Wilde era de facto, como elle mesmo se gostava de chamar, o «Rei da Vida», «the King of Life», e possuia todas as riquezas, e desfructava todas as alegrias, que poderiam appetecer ao mais exigente dos Reis de Israel. negros aureolando-lhe a face pallida e glabra, em que a

Alto, bem musculado, com uma cabelleira de bueres suavidade de uns grandes olhos azues contrastava com a polpa dos labios rubros e o recorte incisivo do mento, na sua figura, vaõnil pelo porte e delicada pelos ademanes, havia um mixto de puberdade ambigua e virilidade sadia. Cesar entre os romanos ou ephebo entre os gregos, tanto lhe ficaria bem entoar o côro á victoria de Salamina, como assistir ao incendio de Roma atravez da esmeralda de Nero.

Trajando-se com as exigencias de um temperamento rebuscado e artificial, Wilde fazia da arte de vestir uma liturgia; e na escolha de suas gravatas chegavam-lhe as hesitações do sacerdote, que diante tã arca de um templo, e entre alfaias e paramentos, se prepara para as magnificencias de um grande culto.

Lembremo-nos de que Wilde disse algumas vezes ter escripto apenas com talento, já que o melhor do seu genio fôra consagrado á obra de arte que elle trazia em si; e nos nos admira que o artista tivesse para a cambraia dos seus lenços, cuidado igual ao que lhe fazia reclamar dos editores papel velino para os seus sonetos, se possivel não era inscrevel-os a ouro sobre laminas de marfim.

O recorte das suas casacas e a gola de marta dos seus sobretudos atormentavam a tesoura educada dos alfaiates de Londres, em favôr da mocidade aristocratica, que o tinha na conta de arbitro das elegancias e lhe copiava os figurinos.

Se já se fôra o tempo em que elle, como apostolo do preraphaelismo, de gôrro de velludo e calção de setim, percorria as ruas de Piccadilly, a rodar entre os dedos a «belleza leonina» de um grande gyrasol, não desaparecera comtudo a nota excentrica da sua distincção, onde, por vezes, a espuma de umas rendas brancas substituia a rigeza dos punhos, gommados, e um cravo verde á lapella punha uma restea de luz sobre a nodoa negra da casaca.

A procura dos seus livros; o exito das suas conferencias; uma collaboraçã effectiva e bem remunerada nos principaes jornaes inglezes e americanos; e, mais do que

tudo, o applauso incondicional e systematico a uma serie de comedias e dramas que lhe eternizavam o nome sobre as varias scenas de Londres, permittiam a Wilde sobejos recursos com que entreter o aturdimiento da sua vida faustuosa e asiatica, passada no conchego de moveis estilizados e sedas molles, e onde a taça de Alcebiades devia ser o seu copo de todo dia.

Era de vê-lo então, no pleno sazramento da sua personalidade, abrir á admiração de todos, no seio da sociedade que o reverenciava, a flôr maravilhosa dos seus cinco sentidos, a cujos petalos, translucidos e vibrateis, acudiam todas as côres e se aspiravam todos os perfumes, consoante os caprichos de quem a possuia. E' que ao envez do bastão magico, e certo mais poderoso do que elle, Wilde tinha para despertar essa flôr e fazel-a reflectir bellamente tudo o que lhe andava em torno, os encantamentos da sua palavra, em que os pensamentos só se conjugavam por contos e fabulas, e vinham repassados nos acordes da mais melodiosa das vozes.

Se algumas das suas extravagancias e certos paradoxos subversivos o faziam, por vezes antipathizado e temido, não havia quem se pudesse mostrar indifferente ás suggestões de um engenho, que refundira os canones da arte, dera novos rythmos á vida e novas fórmãs á belleza; e que tanto se servia da palheta dos coloristas venezianos para reviver, entre drapejamentos de ouro e purpura, algum painel da mythologia; como, com dois traços de agua forte rememorava certo aspecto de miseria humana, lobrigado a qualquer bairro escuso de Londres, e dest'arte commovia até ás lagrimas os que pouco antes o ouviam com deslumbramento.

A' luz da sua sensibilidade, a vida se transfigurava, tudo lhe palpitava em torno tocado por um novo brilho, aquecido por uma nova côr. As cousas tomavam alma, e com linguagem propria, revelavam os segredos e mostravam porque eram bellas; espiritualisava-se o que é banal; as sensações ganhavam corpo; e tudo o que se sente e se não sabe; tudo o que se adivinha e se não vê; o mundo das sombras fugazes e das ficções imponderaveis, figuras fabulosas e monstros irreaes, genios elementares ou divindades imaginarias: lemures e sylphos, sereias e gnomos, hypogryphos e oreadas, plasmava-se no circulo das suas ideias e apparecia á assistencia na projecção de uma visão allucinatoria.

(Continu'a)

SERGIO ESPINOLA.





A philosophia de José Ingenieros

A geração espontanea: Ingenieros pró e contra. — Origem da personalidade consciente. — Ingenieros contra Ribot e Wundt.



primeira das tres hypotheses fundamentaes de que se integra a metaphysica de José Ingenieros se refere á origem natural da vida, que pretende resolver em opposição ao vitalismo e á *geração espontanea*.

Ora, a explicação da origem da vida pela theoria da *geração espontanea* é geralmente considerada como sendo a pedra angular do monismo evolucionista que o autor professa.

Não se cifra nisto o aparente paradoxo.

Embora rejeite a geração espontanea, aceita contudo o philosopho argentino que a aquisição das funcções vitaes pela materia não viva se explica perfeitamente como sendo o resultado de modificações morphologicas que em dado tempo nella se produziram e que a synthese biologica artificial, inverosimil que seja, não é de todo impossivel.

Para aquilatarmos a posição assumida por Ingenieros nessa questão e não a taxarmos inconsideradamente de contradictoria faz-se mistér algumas curtas definições prévias.

Entende-se por *geração espontanea* a procedencia de um sêr vivo de outro ou outros em que se não manifestem

propriedades vitaes. Consoante este ou estes forem materia inorganica, organica ou residuo de um sêr vivo, chamar-se-á *antogenia*, *plasmogenia* ou *necrobiose*. 'E' *natural* ou *artificial* conforme se realisar na natureza ou no laboratório dos chimicos.

Não pretendemos justificar a etymologia da denominação, que aliás não nos parece justificavel: não é da propriedade do termo que tratamos senão do conceito que convencionalmente exprime.

Quaí é a hypothese que Ingenieros substitue á da geração espontanea para explicar a origem da vida e até que ponto merece ser considerada differente dessa theoria. Eis o que pretendemos expôr breve e claramente.

O apparecimento dos sêres sobre a terra não é factosynchronico com o apparecimento dessa no universo. Lord Kelvin o explica pela *theoria panspermica*, que enche o universo de germes de sêres vivos podendo os que se desenvolveram sobre o nosso planeta ter vindo pelos espaços intra-estrellares de outros astros. Preyer suppõe que taes germes poderiam ter existido na terra ainda em estado igneo, aventando a theoria chamada dos *pyrozoarios*.

Não professa Ingenieros nem uma, nem outra dessas theorias.

Fiel a doutrina de Spencer que fêz da evolução a formula creadora de tudo o que existe, explica o philosopho argentino a origem da vida pela transformação successiva de certas especies de materia em suas especies immediatas, transformação que se effectua complicando-se a estructura molecular e atomica, fixando-se novas formas de equilibrio physico-chimico, adquirindo propriedades que se manifestam sinergeticamente pelos phenomenos vitaes.

E' pois, a *sucessão de estados da materia gradativamente mais activa até chegar á actividade vital* que Ingenieros considera como um substitutivo da geração espontanea.

Entre nós Almachio Diniz professa a mesma doutrina. Longe de nós negarmos que existe nos sêres da natureza esta progressão ascendente sob o ponto de vista das manifestações dynamicas.

Assim como physicos e chimicos multiplicaram os estados da materia encarada sob o ponto de vista estatico, intercalando os primeiros entre os estados solidos e liquidos, o «*colloidal*» e completando a serie pelo «*radiante*», — julgando insufficiente, os ultimos, a divisão dos corpos em inorganicos e organicos, assim, e por causas muito mais poderosas, não se contentam mais os scientistas



com a divisão da materia, considerada sob o ponto de vista dynamico, em *inerte* e *viva*.

E' que a *pari passu* com a complexidade morphologica crescente manifesta a materia uma actividade crescente que vai do simples e universal movimento browniano á espantosa actividade dos corpos radioactivos, das zymases, das diastases. Sabe-se que n'esses ultimos uma infima parte da materia desempenha por um tempo indefinido uma actividade tão poderosa que mereceram alchunhada de «quasi vivos».

A «*continuidade juncional*», é assim que Ingenieros denomina a marcha ascendente dos estados activos da materia, não é uma hypothese; é um facto inconcusso.

Aos poucos se foi desmoronando a triplice barreira que, faz cem annos apenas, se suppunha existisse entre a materia inorganica e a viva.

Parecia que houvesse entre ellas um abysmo a encarral-as sob o ponto de vista da actividade productiva, do crescimento, e afinal das relações com o ambiente.

Ora, actualmente a materia inorganica nos da por synthese quasi todos os productos dos seres vivos, com a unica excepção dos albuminoides, cuja combinação artificial parece uma questão de tempo após os trabalhos preparatorios de Fischer e Kossel. O crescimento dos crystaes não é mais considerado como differente do das plantas após os trabalhos de Schroen e Bose.

Ingenieros desleixou esta descoberta que vem em abono de sua doutrina, talvez por excesso de rigor na sua terminologia: não assim o philosopho brasileiro Almachio Diniz.

Afinal, em suas relações com o ambiente não differe o sêr inorganico do organico como o prova Bose que demonstra que tal qual a materia viva a inorganica é irritavel, susceptivel de ser anestesiada e hyperestesiada.

Em obras modernas, como as de Houllevigüe: «L'Evolution des Sciences», de A. Clementi: «Il Fenomeno della Vita», o leitor achará provas convincentes de que a «*continuidade juncional*» é uma realidade.

Resta-nos agora examinar se devemos considerar esta explicação da origem da vida como differente da theoria da geração espontanea e se realmente como o assevera Ingenieros, o problema sobre mal posto fôra até agora mal resolvido.

Nesse ponto dissentimos do autor argentino.

No capitulo intitulado: «Geração Primitiva» de seu livro *Força e Materia*, escrevia, ha já mais de meio se-



culo o infantil materialista Buchner, (é Ingenieros que lhe dá esta alcunha.): «Pode ter havido conglomerados vivos ou susceptíveis de viver muito tempo antes da aparição da vida vegetal ou animal, conglomerados que se desenvolveram para formar esta vida quando se encontraram em condições favoráveis.»

Não excluíam, pois, os antigos partidários da geração espontânea a seriação crescente de estados de actividade sempre mais perfeitos da materia ainda que não sempre a elles acenassem explicitamente.

«Geração espontânea» é termo antagonico ao creacionismo na origem dos seres vivos, nada mais. Apresentem embora as actividades da materia já que vive uma differenciação imperceptível das da materia viva, — ao ultimo progresso, ao ultimo passo entre o sêr não vivo e o vivo, excluída a intervenção creadora, é que damos geralmente o nome de geração espontânea.

Ingenieros, pois, não combate, antes expõe esta doutrina quando escreve: «A evolução incessante de toda a realidade que nos rodeia permite conjecturar que a vida se pode estar formando continuamente ao redor de nós como se formou no passado e se ha de formar no porvir pela transformação successiva de certas especies de materia em immediatas.»

Se no tocante á geração espontânea natural não nos é possível reconhecer entre a doutrina de Ingenieros e a dos partidários dessa theoria o antagonismo que sua declaração fazia antever, tão pouco achal-a-emos nã que elle nos diz a respeito da geração espontânea artificial.

Os atrevidos experimentadores que se dedicam á ardua tarefa da producção por synthese da cellula viva, que já na partenogénese artificial substituíram por forças physico-químicas a actividade julgada imprescindível do gameta masculino, que já fabricarem cellulas dotadas, fosse temporariamente, dos caracteres proprios dos sêres vivos, nutrição, reproducção, não se deixarão desviar de suas pesquisas pelo tímido aviso que lhes dá Ingenieros quando escreve: «La formación de la materia, es inverosímil por ignorar-se la philogenia de las especies de materia.»

Sabem elles perfeitamente que não basta, como pensava Van. Helmont, encerrar uma camisa suja com grãos de trigo para, passados vinte e um dias, nascerem ratos.

Tratarão de apressar em suas retortas o processo vago e desenhado no laboratorio da natureza.

Se forem bem succedidos estamos certos de que Ingenieros será o primeiro a applaudir os seus successos.



Dirá que seu «*inverosimil*» se referia ao estado actual de nossos conhecimentos que vão evoluindo sempre.

Talvez o «*idolum theatri*» preconceito da escola o levará a affirmar que não houve mesmo neste caso «*geração espontanea*» mas apenas o ultimo termo da *continuidade funcional*.

O que ha de fundamental nessa questão é apenas saber, se todo o apparecimento de um sêr dotado de funcões vitaes é condicionado pela intervenção de outro sêr dotado das mesmas propriedades ou pela intervenção dum poder creador ou se este apparecimento é concebivel afóra essas duas hypotheses.

Nessa questão fundamental está Ingenieros do lado dos partidarios da «*geração espontanea*» embora pretenda resolver a *questão da origem da vida em opposição á essa doutrina*. Na expressão é «*contra*», de facto «*pro*».

*Origem da personalidade consciente.—
Ingenieros contra Ribot e Wundt. — A
consciencia existe ou não existe?...*

Todos conhecem a admiravel pagina da litteratura portugueza na qual Alexandre Herculano narra — «como mestre Domingos o architecto cego do mosteiro da Batalha, «*verdadeiro hymno de marmore que levantou aos herões de Aljubarotta,*» para mostrar a confiança que tinha na solidez da vastissima abobada da casa capitular, ficou assentado tres dias em um canto, bem debaixo do feixo da abobada, no meio do claro que deixam os prumos dos simples.

A abobada estava firme como se fôra de bronze.»

O feixo da abobada de toda a theoria psychologica é a explicação da consciencia.

E', ao nosso vêr, essa a pedra mais friavel que Ingenieros empregou no seu edificio psychologico.

Promette formular uma hypothese para explicar o apparecimento da personalidade consciente em opposição á consciencia epiphenomenal é á consciencia creadora.

Designa o autor pela primeira expressão o parallelismo psychologico sob suas varias modalidades: consciencia epiphenomenal de Le Dantec, — parallellismo de Wundt, — theoria da correlação funcional de Mach e Avenarius.

Concordam esses systemas em constatar simplesmente a relação de concomitancia que existe entre a serie dos



phenomenos psychologicos e physiologicos sem inquirir o «Como» e o «Porque» dessa relação.

Falla por todos elles Le Dantec quando escreve: «Nous devons nous borner, á constater, sans chercher á expliquer.»

Essa abstenção não agrada ao vigoroso pensador que é Ingenieros. O parallellismo lhe parece um dualismo disfarçado.

Qual o sorriso da Esphinge é o problema da consciencia, fascinador e indecifrável; tentou Ingenieros descobri-lhe o segredo.

Antes de dizermos porque nos parece que não foi feliz convém expôr aqui claramente sua hypothese.

Depois de estabelecer que a *excitação* é um simples desequilibrio physico-químico ao passo que a *sensação* supõe percepção consciente, o nosso autor formula a questão em termos precisos.

«De que maneira é que a excitação tem o caracter de sensação nos seres vivos.»

Assevera Ingenieros que todas as soluções tentadas até agora para resolver este problema implicam como demonstrado o que pretendem demonstrar e deixam a questão em pé.

Em seguida giza tres lemmas, tres principios que a seu vêr resolvem o problema, ou melhor, constituem uma nova hypothese explicativa.

Eis esses lemmas:

1.º — Uma excitação é um desequilibrio causado por um agente energetico externo ou interno, — quando a excitação é conhecida ou sentida, dizemos que é uma sensação.

2.º — A memoria contínua e systematisada das excitações conscientes, ou sensações, constitue a experiencia individual, cujo resultado é a formação progressiva «da personalidade consciente.»

3.º — Uma excitação é consciente (quer dizer, sensação) quando determina reacções relacionadas com a experiencia anterior, isto é, com a personalidade consciente.

Confessamos que é-nos de todo impossivel acharmos nesses tres lemmas solução nova, ou antes solução alguma do problema.

A mais, bem parece que haja nesses tres principios uma contradição intrinseca e que seu conjuncto forme um circulo vicioso.

A accusação é grave: eis a razão pela qual a formulamos.

Diz o primeiro principio:

«Quando a excitação é conhecida ou sentida dizemos que é consciente, que é uma sensação.»

Estamos de pleno accôrdo com o autor. Preferimos a terminologia de Ingenieros nesse ponto á de Renouvier e de Hamilton ao sabor dos quaes a sensação isolada é «inconsciente».

Ha nisto uma subtiliza que confina a uma «contradictio in adjecto».

Diz o segundo principio:

«A memoria continua e «systematisada das excitações conscientes, das sensações, constitue a experiencia individual, cujo resultado é a formação progressiva da personalidade consciente.»

Aqui extranhamos o termo «*continua*», mal escolhido porque desperta a idéa que haja consciencia «*continua*» dessas excitações, que o autor não quer dizer, — e tambem a extensão dada ao termo «*personalidade*» que na accepção que Ingenieros lhe dá, convem a «fuão Sapo» e quejandas personalidades.

Mas são estes pontos de somenos importancia.

Chegamos agora ao terceiro principio e pedimos a attenção do leitor, pois é aqui que deu de embate o barco

Relêmos o texto: «Uma excitação é consciente, isto é, é sensação quando determina reacções relacionadas com a experiencia anterior, isto é, com a personalidade consciente!»

Mas, esta personalidade consciente, como o ensina o segundo principio é o resultado da memoria de excitações conscientes anteriores, *sua formação progressiva, sua existencia em summa, depende dessas sensações*, — não póde, pois, preexistir a estas sensações.

Ora, esta preexistencia é supposta visto que simples excitações só vêm a ser sensações por serem relacionadas a esta personalidade.

Em summa: na hypothese de Ingenieros *sem previas sensações não ha personalidade consciente e sem personalidade consciente não ha sensações mas apenas simples excitações.*

Entenda o busilis quem puder!

Alludindo ao primeiro apparecimento dessa personalidade consciente no grau infimo da escola dos seres vivos, escreve Ingenieros que é «no principio em proporções ru-

dimentares um simples coefficiente affectivo da experiencia que dá ás novas reacções organicas uma tonalidade de dôr ou de prazer consoante concordam com as systematisações anteriores ou discordem dellas.»

Seja embora exacto esta descripção dos albores da consciencia, já debuxada por Ribot, só reconhecemos nella a constatação de um facto e não uma tentativa de hypothese explicativa.

Introduzida na theoria de Ingenieros attenu'a, mas não destróe a contradição que nella apontamos. A razão é obvia.

Seja embora rudimentar, e mascarada a personalidade á qual se devem relacionar as excitações para virem a ser sensações, se é realmente uma personalidade consciente, supõem sensações conscientes anteriores, das quaes não sabemos como são taes, pois que por sua vez supõem personalidade já formada anteriormente.

«Et nous voilà au ronet» como diz Montaigne numa questão analogá.

O psychologo allemão Wundt alludindo á solução tentada por Ingenieros diz que recu'a o problema não o resolve, ao que replica Ingenieros que apenas tencionava formular uma hypothese explicativa.

Esqueceu a Ingenieros nessa resposta que elle proprio escreve: «Nenhum systema merece tal nome se encerra contradição em suas partes.»

Accrescenta o autor que tem a convicção de ter se aproximado da solução.

Não lhe malqueremos por esta convicção em quanto que não nos peça que a partilhemos.

Este ponto fraco da theoria psychologica de Ingenieros não podia escapar e não escapou a agudeza do mestre da escola psychologica franceza, Th. Ribot.

Numa resenha aliás elogiosa dos «Principios de Biologia» de José Ingenieros, lavrou essa sentença algo dura a respeito da formação, do apparecimento da personalidade consciente que autor argentino propõe: «Deve se reconhecer que o apparecimento da consciencia por evolução se parece com uma prestidigitação.»

Vindo de tão alta autoridade feriu fundo esta critica com rasaibos de ironia.

Na ultima edição de sua obra faz Ingenieros esforços para rebater a critica.

Pretende o autor em sua defeza que Ribot confundiu «consciencia» com «personalidade consciente». «Fallára elle, o inculpado, dessa, não daquella.»

Mas o mesmo Ingenieros na pagina 229 de sua obra



cita Ribot entre os autores que empregam como synonymos os termos «consciencia» e «personalidade consciente».

Suppôr que Ribot não o fez nessa critica, é tomar ares de quem quer escapar pela tangente.

Ingenieros o sente e afrontando-se com a objecção escreve depois de excluir a hypothese da equivalencia dos dois termos: «Não posso fallar do apparecimento do que não existe, ora para mim a consciencia não existe, pois não é nem uma realidade nem um phenomeno mas apenas um attributo circumstancial de um phenomeno, uma abstracção qualificativa» a sombra de uma sombra, um nada seriamos tentados de acrescentar.

Uma curta anecdota antes de continuar.

Discutiamos um dia com um illustre lente da Faculdade de Direito a respeito da sobrevivencia da alma dos animaes. Como conciliar, diziamos, o aniquilamento dessa alma com a doutrina escolastica, (era a de nosso douto interlocutor), que ensina que nada do que existe se aniquila?

«Devem dar geito» disse o provector lente e foi buscar um grosso alfarrabio para ver «o geito que dão». Achámos de molde «o devem dar geito» e lembramos o geito sem o auxilio do alfarrabio.

Pretendem os escolasticos que a alma dos animaes não se aniquila pela simples razão *que não existe mas coexiste* apenas. Isto é, forma uma substancia só com o corpo.

Desapparecendo o corpo a alma do animal desapparece mas não se aniquilla, pois, só se aniquilla o que existiu!

Nos mesmos apuros o mesmo recurso.

Para Ingenieros *não existe* a alegria do sabio que após annos de pesquisas resolveu um arduo problema, *não existe* a dôr de mãe que chora abraçada ao cadaver do filho, *o que existe realmente* são as modificações imperceptíveis do seu organismo, de seu systema nervoso.

Attributo estranho! Circumstancial, quando Ingenieros o queira (o adjectivo «circumstancial» é que oé) mas, sem este attributo, nem o phenomeno que acompanha, nem o ser em que se dá, existiriam para nós.

Irreal, aquillo sem o que nada do que é existiria para nós!

Deixe Ingenieros esta theoria ao antiphilosophismo de James. (A denominação é do proprio Ingenieros). Poucos philosophos ha que acceitam, digamos melhor, que entendem essa negação radical.

Explicará talvez o autor argentino esta incompreensão, pela sua theoria da involução mental, do declínio intellectual que começa aos quarenta e cinco annos, idade fatidica que nós tambem já alcançamos.

O saber que Ribot estava no ultimo periodo dessa involução consolou talvez Ingenieros da pécha de prestidigitador que o philosopho francez lhe lançou.

De nosso lado diremos apenas que o philosopho argentino não decifrou o sorriso da Esphinge.

Ha questões philosophicas, nas quaes «a epoche», suspensão dos juizos dos antigos pyrronicos se impõe. Mas, mórmente no periodo ardoroso da evolução, — não contava Ingenieros trinta annos quando escrevia os «Principios de Biologia», — poucos são aquelles a quem agrada o ariete da duvida: de que falla Montaigne.

Fogo fatuo, frio e fugaz a bruxolear de vez em vez sobre os elementos que se aggregaram para formar os sêres infimos na escala dos viventes, — em nós, luz alternativamente accesa e apagada, qual a lampada de um pharól e após a nossa existencia terreal, para uns, brazeiro indefinitamente ardente, quer isolado, quer confundido suas chammas com o brazeiro que constitue a consciencia universal, — para outros, destinada a se apagar tristemente sem deixar rastro, é e será talvez para sempre a nossa consciencia individual o *Enigma dos Enigmas*.

HENRIQUE GEENEN.





PAIZ DE OURO E ESMERALDA

XX

A' tarde Leonardo tanto instára, que Angelo se decidiu a acompanhá-lo a uma reunião de operarios em greve, a qual ia realizar-se nos altos de um prédio á rua da Sé. Deixou-se levar mais para comprazer ao irmão do que por achar interesse em semelhantes cousas.

De caminho chegaram a casa de Remigio de Vasconcellos, o singular redactor do «Mundo Redimido». Ahí o apaixonado de Maria Luiza teve occasião de conhecer o lar de um anarchista, montado segundo o espirito dos evangelisadores do novo credo.

O chefe intellectual do proletariado paulista, como bacharel que era, intelligente e preparado, poderia ter-se collocado admiravelmente na vida. Entretanto desprezára todas essas vantagens para ser coherente com as idéas que abraçára e prégava com a fé de um apóstolo. Ao envez de casar-se com alguma herdeira rica e ambiciosa de marido diplomado — o que não lhe seria difficil encontrar — ligára-se em livre graça a uma pobrissima hespanholita, orphã e operaria das mais humildes.

Remigio recebeu-os com encantadora sîngeleza, na pequenina sala de entrada cujo mobiliario se reduzia a duas ou tres cadeiras toscas, uma mesinha e uma estante de livros, com as obras de Reclus, Jean Grave, Gorki, Tolstoi e innumeros folhetos de propaganda, entre os quaes se destacavam os de Malatesta. Tudo dava a impressão de grande miseria, supportada, porém, com um bom sorriso acolhedor e um olhar mystico de crente.

Objectou-lhe então Angelo que, sem embargo de serem muito nobres os seus sonhos de renovação social,



O Padre Chico

Bronze de Starace



O Padre Chico

Bronze de Sotage



todo o movimento libertario era essencialmente negativista, pois visava uma cousa irrealizavel, a menos que os homens não viessem a mudar de natureza. A isto respondeu o maltrapido *méneur* que uma força superior os dirigia e encaminhava. Não criam na providencia celeste, mas sim n'uma providencia humana e leiga, feita dos milhares e milhares de vozes que bradavam por justiça. Não visavam o absoluto, como se pensava; mas entre o relativo actual com as suas miserias e o relativo futuro com a distribuição equitativa dos bens da vida não havia vacillar — toda consciencia bem formada optaria pela ultima hypothese. E ao mesmo passo que fallava sua tez doentia adquiria tonalidades estranhas e os olhos tinham brilhos que se diriam irreaes e magnificos de fé. «Depois — concluia — se fôr verdade que se não possa realisar a felicidade social, não será menos verdade que é uma necessidade ineluctavel e um grande dever o procurarmos realisal-a.» Era cortar e tornar impossivel toda discussão.

E o joven italiano sentiu então vivamente que estava deante de adeptos de uma nova religião, para quem a fé é tudo e as theorias não passam de meios de lucta, sem nenhuma importancia capital. Alli á rua do Gazometro, naquelle humillimo casebre havia uma como reedição das catacumbas de Roma e dos primordios do christianismo. «É pensar que essa força, que já se reflecte aqui no Brasil, em S. Paulo, é apenas um éco longinquo do movimento subterraneo que se alastra pelo mundo todo!»

Neste comenos o estranho apostolo, mettido no seu casaco ruço e franjado, sem punhos nem collarinho que lhe orlassem a grosseira camisa de algodão, retirou-se um instante e voltou com a *companheira*, de quem já tinha um filhinho, um entezinho pallido e esqueletico, que gritava esganiçadamente envolto em farrapos de varias côres, enquanto a mãe se esforçava debalde por acalental-o. Esta, magra e feia, alquebrada, apesar de moça, não podendo conter o berreiro infantil, tornou para dentro, tão depressa appareceu, — como que surgira apenas para completar aquella dolorosa visão de miseria, de doença e de sujidade.

Essa noite na reunião á rua da Sé teve Angelo impressão não menos triste e desagradavel a certos respeitoes. Lá se congregaram operarios de todos os misteres para resolverem sobre interesses da classe. Entre outras cousas chamou-lhe a attenção o facto de muitos se conservarem sentados, sem ao menos se descobrirem, fumando com ar arrogante, a tempo que os camaradas escolhidos para pre-



sidirem aos trabalhos expunham, em pé e respeitosos, as idéas, medidas e alvites que julgavam applicaveis ao caso em discussão. Havendo então perguntado a um dos presentes, sujeito de aspecto feroz que se achava junto á porta, qual a razão de assim procederem, obteve como resposta esta admiravel classificação:

— Aquelles de chapéo na cabeça são anarchistas desabusados e os outros socialistas moderados.

— E o senhor que é?

— Eu! retrucou o homem espantado. E abaixando a voz com desvanecimento: Eu não sou como os outros... Sou contra-mestre...

— Então porque vem aqui?

— Mas para não ser *krumiro*...

Angelo soube depois por Leonardo que chamavam *krumiros* aos que não adheriam ás paredes, proclamando-se trabalhadores livres, sem compromissos com os demais collegas. E como, após a reunião, manifestasse a impressão tristissima que lhe deixára a grosseria e ignorancia daquella gente, respondera-lhe o irmão com enthusiasmo:

— Não importa, Angelo... A sociedade actual não lhes dá meios de se instruirem e educarem... Mas são uma força cega e justa... Hão de triumphar.

— É depois que triumpharem, meu caro, o mundo será por isso mais feliz? Creio comprehender o que é felicidade individual... Mas confesso que não percebo bem o que seja felicidade social e collectiva...

— Mas é a somma das felicidades individuaes, *ecco!*

— Agora é que estamos em plena metaphysica... Quem é que pôde saber ao certo quando cresce ou diminue a somma das felicidades individuaes... E que vem a ser felicidade? perguntou rindo. Já reparaste como a convivencia de Strauss nos está contaminando? As cousas mais simples convertem-se em problemas insoluveis...

— Strauss! exclamou Leonardo com indignação que tocava as raias do comico. Aquillo, quanto a idéas, é um selvagem disfarçado em civilisado... E' só... a força... porque a força... e mais a força... *Una bestia tedesca*...

XXI

Era afinal chegado o grande dia da festa no salão *High Life*.

Quando Angelo penetrou no vasto predio apalaçado, á rua de S. João, deu logo, no patamar da escada, com a



figura apopletica de Luciano, rubro como um lacre e mais solemne que nunca. Parecia, não um homem, mas um oceano revoltado subitamente immobilizado e contido em respeito por alguma força sobrenatural. Suas palavras eram roucas e ciciadas como que se lhe haviam quebrado todas as cordas vocaes.

— Estava justamente á espera do illustre amigo e irmão em ideaes... E' hora de começarmos. A sala já está repleta, disse em voz sumida e quasi ao ouvido para se fazer comprehender.

— Mas que é isso, meu caro? Como ficou assim?

O organizador da festa levou a mão ao pescoço para indicar a séde do mal e, forcejando por vencer a terrível aphonía de que estava ferido, exclamou com visagem que raiava pelo mais tragico desespero:

— Ora veja só! Logo hoje! E' que a lucta foi incrível! São as consequencias... Mas appressemos-nos... Vou ter a honra de acompanhá-lo até a entrada do palco, que já estão aguardando com justa impaciencia a palavra vibrante e patriótica do notavel conferencista italo-brasileiro...

Quando se viu no tablado como centro de todos os olhares e atencões, sentiu Angelo como uma onda de vertigem atravessar-lhe o cerebro. As mãos, poisadas á borda da pequenina meza, tremiam-lhe violentamente. No meio, porém, de tal perturbação não deixou um só momento de observar, com estranha lucidez, o que se passava na sala, ante si. Via claramente os rostos e as attitudes das pessoas mais proximas. Procurou com o olhar a familia Vieira entre a multidão, sem conseguir descobri-los. Notou que uma das damas que occupavam a primeira fila de cadeiras o fitava com sorriso maligno e por detraz do leque scintillante dizia algo á vizinha, fazendo-a rir por sua vez.

Tudo isso, porém, foi obra de poucos segundos, pois tão depressa entrára no palco, já a sua voz forte e ampla vibrava sonoramente no vasto aposento. Já os ouvintes, surpresos, tomavam expressões de intensa curiosidade mixturada de admiração.

Fallava sem, comtudo, deixar um instante de procurar anciosamente entre os innumerados rostos que o contemplavam attentos a figurinha encantadora de Maria Luiza. Esta, porém, não apparecia. Onde estaria que se não mostrava, ella por amor de quem sómente se abalançára áquelle papel? Teria porventura deixado de comparecer? Tal pensamento invadiu-o como uma sombra, átravez do terver de idéas e palavras no cerebro inflammado. A voz firme e fascinadora entrou a sahir levemente travada de amargura. E o thema



ibseniano carregava-se imperceptivelmente de melancolia...

Emquanto pintava com magnificas imagens a necessidade imperiosa que sentiram os primeiros homens de se reunirem em sociedade, de se estreitarem apavorados diante das grandes forças hostis da natureza, para juntos resistirem ás ameaças sem conta que os rodeavam — alludia, no fundo de sua alma, ás angustias e incertezas de sua propria existencia. A dôr vivida resolvia-se em periodos maravilhosamente rythmados que encantavam o auditorio.

Não havia quem se não deixasse empolgar pelas razões de luz, verdadeiramente impressionantes, com que descrevia o doloroso evolver das sociedades humanas, atravez dos *clans*, das tribus e das nações, até esse guardar religioso de tradições, de idéas e sentimentos, de venerações e repulsas, que se vão de pae a filho, de velhos a novos, formando um como ambiente fóra do qual surge a sensação do vacuo — *a menos que não tenha soado a hora de nova ordem de cousas* e se vá operar um desses milagres estupendos de que falla Ibsen no final de seus dramas...

E a Angelo pareceu realmente neste passo que um milagre esplendia alli, ante seus olhos, a pequena distancia. Pois dêza de subito com o lindo rostinho de Maria Luíza a sorrir-lhe, a um angulo, do fundo do salão. Lá estava ella a ouvil-o e beijal-o com os olhos. Estava presente — oh! redempção — e a sua presença inundava de claridade todas as cousas...

Aqui os devaneios do joven orador ganharam logo algo de cristallino, de alado, de infinitamente doce. O assumpto rebelde deixava-se dominar e as metaphoras incendiavam-se de fulgurações cada vez mais amplas e profundas. Fallava sob o olhar transfigurador da amada. Sua alma ardia em enthusiasmo sagrado e maravilhoso que lhe fazia referir secretamente a ella tudo o que ia dizendo. Era o seu discurso um cantico-dos-canticos em louvor da *nova ordem*, que alvorescia, a seu ver, nos paizes novos, aquém Atlantico, onde mais do que em nenhuma outra parte do mundo se preparava a obra mysteriosa do futuro, o prodigio com que Nora sonhára, o sol longinquo para o qual Oswaldo extendia desesperadamente as mãos dolorosas, essa renovação emfim que anciavam — todos os povos da terra...

E a expressão «divre America» apparecia como um sentido profundo, sem relação alguma com as instituições politicas ou fórmãs de governo. Porque a liberdade que Ibsen chamára de solidão dos fortes não era outra cousa do que

o entrecocar-se constante de accumulações hereditarias diversas e oppostas, produzindo os mais imprevistos e surprehendedentes resultados. Não queria dizer que pudesse existir liberdade no sentido absoluto da palavra, — pois no determinismo universal não havia logar para tal cousa. Mas assim como para o individuo a multiplicidade quasi infinita dos motivos de seus actos equivalia praticamente ao livre arbitrio, assim tambem para os povos e raças o imprevisto, o aleatorio, o jogo complexo de forças desencontradas, heteroclitas e obscuras dava o espectáculo esplendidamente variado de manifestações psychicas sem filiações visiveis, ou de virtualidades insonhadas... Aqui podia-se ter a illusão deliciosa da auzencia de toda determinação e de todo fatalismo. Dir-se-ia que sob a luz deste sol perpendicular os homens deixavam de repetir servilmente os gestos ancestraes capitalizados durante millenios, para inaugurar uma longa e vasta serie de almas livres, de verdadeiras surpresas de sensibilidade e de vida...

Que cousa mais desagradavel do que a visão da uniformidade desesperadora das almas humanas!? Nas velhas sociedades de forças secularmente hierarchizadas e solidamente organizadas, tinha-se ás vezes a impressão da falta quasi absoluta desse elemento de *alea*, de incerteza, de indeterminado e de imprevisivel que constituia, a seu juizo, um dos maiores encantos da existencia. Nellas o campo das possibilidades era por demais conhecido e a zona das suprezas achava-se reduzida a pequenino circulo. Ao passo que aqui tudo eram suprezas e maravilhas. Raças, hereditariidades passados diversos e irreconciliaveis encontravam-se dentro da mesma luz gloriosa. Revolvia-se o solo na subconsciencia humana, deixando vir á tona camadas atavicas desde muito esquecidas, thesouros occultos, energias poderosas e creadoras... Fazia-se o processo de tendencias seculares... Libertavam-se forças aprisionadas e variava-se ao infinito o espectáculo da vida... Era a embriaguez dyonisiaca da renovação e do câos, vasta *juerie*, que se desenrolava em perspectivas infinitamente deslumbradoras...

Clamavam certos moralistas contra a dissolução do character, da vontade, da estructura espirital das raças... Engano! Porventura as velhas medidas e os antigos valores serviam para aferir as cousas novas e ainda sem nome!? Certamente que á luz de oiro dos tropicos as almas se dissociavam e resolviam em desconcertantes combinações de cores, nunca outrora vistas, — mas eram arcos — de aliança, de promessas de uma redempção futura para a especie inteira...

Todo o auditorio estava preso da palavra do joven conferencista. Já agora ninguem sorria malignamente á cata de defeitos. Eram unanimes em admirar aquella mocidade exuberante de imaginação. Os mesmos despeitos e invejas, se os houvera, ver-se-iam forçados a trocarem-se em louvores, para melhor esconderem a sua mesquinhez. Verdade seja que nem todos entendiam o a que atirava tal abundancia de phrases coloridas. Mas deixavam-se embalar pelo rythmo do discurso e pela amplidão sonora da voz apaixonada do poeta.

Maria Luiza, de olhos fitos, acompanhava-lhe os menores movimentos, adivinhando bem que era a imagem central em torno da qual se iam aggrupar todos os esplendores de tão animada eloquencia.

Angelo sentiu-lhe os olhos luminosos como que a beijarem-lhe o rosto incendiado. A sala inteira tremia em applausos tempestuosos. A um lado, bem á frente, destacava-se a figura plethorica de Luciano a bater as palmas com violencia brutal. Nunca o joven italiano sonhára tamanho triumpho, nem tamanho amor...

(Continu'a)

J. A. NOGUEIRA.



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Filinto de Almeida

Fundador e actual occupante da cadeira n. 3. Nasceu na cidade do Porto, em Portugal, a 4 de Dezembro de 1857.



Bibliographia

- 1 UM IDIOMA, entre-acto comico, 16 pags., representado em 16 de Julho de 1876 no Theatro Vaudeville — Rio, Serafim José Alves — 1876.
- 2 OS MOSQUITOS, monologo em verso — 9 pags., Rio, Typ. Central de Evaristo Costa — 1887.
- 3 LYRICA, poesias — 280-5 pags. — Rio, Typ. Maximino e Cia., 1887.
- 4 O DEFUNCTO, comedia em 1 acto, em verso, 33 pags. — Lisboa, Typ. da Cia. Nacional Editora — 1894.
- 5 O GRAN-GALEOTO, trad. drama em verso (coll. V. Magalhães) 135 pags., representado no Theatro Recreio Dramatico pela Cia. Dias Braga. 2.ª edição — Rio, Typ. Laemmert e Cia. — 1898.
- 6 O BEIJO, comedia em 1 acto em verso — 39 pags. — Rio, Typ. «Jornal do Commercio» — 1907.
- 7 CANTOS E CANTIGAS, poesias — 220 pags. Porto, Livraria Chardron de Lello e Irmão — 1915.
- 8 NO SEIO DA MORTE, trad. em verso do drama de D. José Echegaray (coll. V. Magalhães) representado no Theatro Recreio Dramatico pela Companhia Dias Braga, (inedito).

9 A CASA VERDE — romance (coll. Julia Lopes de Almeida) publicado em folhetim no «Jornal do Commercio», (inedito).

10 O QUE NÃO SE PODE DIZER, trad. em prosa do drama «Lo que no puede decir-se» de D. José Echegaray, em coll. V. Magalhães, (representado no Theatro Recreio Dramatico pela Companhia Dias Braga), (inedito).

11 AMOSTRA DE SOGRA, comedia em 1 acto, em collaboração com Valentim Magalhães (inedito), (representada no Theatro Recreio Dramatico).

12 A MULHER-HOMEM, revista comico-phantastica dos acontecimentos de 1885 em coll. V. Magalhães (inedito), (representada em 1896 no Theatro Sant'Anna Cia. Jacintho Heller).

13 CAVALLARIA RUSTICANA — traducção do drama de Verga (representada em 1892 ou 1893 em um dos nossos theatros, (inedito).

14 MEU AMO POR UMA HORA — comedia em 1 acto, escripta aos 18 annos, (inedito).

15 ABOLINDEM-REPCOTCHIMDEGO', revista dos acontecimento do anno de 1886 em collaboração com Valentim Magalhães, representada em 1888 no Theatro Lucinda, (inedita).

Collaborou na *Revista da Academia Brasileira de Letras*: Gravuras (sonetos) n.º 2, pag. 297; Homo sapiens (soneto) n. 4, pag. 323; Myteriosa, (poesia), numero 6, pagina 278; A mão da Imperatriz (poesia), numero 8, pagina 229; Versos, numero 9, pagina 17; na *Semana*, onde escreveu com o pseudonymo de Filindal, 1886-1887 e 1893; *Diario do Commercio*, 1889; *Diario de Santos*, 1898-99; *A Noite*; *A Gazetinha*, *O Combate*, de Lopes Trovão.

Encontram-se reproduções do seu retrato em *Cantos e Cantigas*, Littérature brésilienne de Victor Orban, Almanack Garnier de 1905.

Fontes para o estudo critico

- 1 *João do Rio* — Momento Litterario, pag. 23.
- 2 *Ezequiel Freire* — Livro posthumo, pag. 79.
- 3 *Eugenio Wenerck* — Anthologia Brasileira, pag. 558.
- 4 *Pereira de Carvalho* — Os membros da Academia Brasileira em 1915.
- 5 *Teixeira Bastos* — Poetas Brasileiros, pag. 115.
- 6 *Valentim Magalhães* — Litteratura brasileira, pag. 78.
- 7 *Sousa Bastos* — Carteira de um artista.

Noticia biographica e subsidios para um estudo critico

Embora portuguez de origem, nascido na cidade do Porto, a 4 de Dezembro de 1857, pôde-se considerar Filinto de Almeida como poeta brasileiro, pois chegou ao Brasil com 10 annos apenas e aqui se educou, assimilando a feição da litteratura do nosso paiz.



Além de conseguir a nacionalização do espirito nos templos da Escola e da Arte, teve-a conferida por lei, naturalizando-se cidadão brasileiro, e consagrada pela familia, casando-se com a distincta e talentosa romancista Julia Lopes de Almeida.

E' conhecido e apreciado, na sociedade fluminense, esse lar delicioso de artistas, descripto em poucas palavras por Paulo Barreto, no livro «O momento litterario: um *cottage* admiravel, construido entre as arvores seculares da estrada de Santa Theresas», animado por tres filhos encantadores, viços no physico e de intelligencia apurada por herança e em aprimorada educação.

Filinto estreou aos 19 annos de idade, escrevendo o entre-acto comico «Um idioma», representado pela primeira vez a 16 de Julho de 1876, no Theatro Vaudeville. Não merece referencia especial esse despretençioso trabalho, escripto sem intuitos litterarios.

E' provavel que antes houvesse collaborado em jornaes ou revistas, mas nada consegui sobre a primeira phase da vida do poeta: onde iniciou os estudos, quaes os primeiros impulsos do espirito, as primicias da intelligencia e os elementos indispensaveis para traçar-lhe a biographia.

Só onze annos mais tarde, em 1837, appareceram «Os Mosquitos», monologo comico, em versos, recitado pelo actor Augusto Rosa, no Theatro São Pedro de Alcantara, e o seu primeiro livro de poesias: — «Lyricas». São versos escriptos de 1880 a 1887, distribuidos em cinco grupos: Musa errante, Peninsulares O poema do amor, O poema da morte e Musa Nova.

E' manifesta a influencia exercida pelos poetas portuguezes sobre o estro de Filinto nessa phase. Vemol-o, como muito bem observou Ezequiel Freire, quem melhor traçou a critica do livro «Lyricas», inspirado nos classicos portuguezes do periodo seiscentista, no que concerne a estylo e imaginação.

E' um livro intimo que traduz os amores do poeta, as suas amizades, as suas impressões artisticas, sempre fiel ás emoções e aos sentimentos do homem de letras, no dominio quasi exclusivo do subjectivismo.

Não reflecte as modalidades do lyrismo brasileiro, si bem que se não afaste dos moldes litterarios do nosso meio. Elle só faz vibrar o thema do amor, abrindo-nos de par em par alma e coração, em *time d'ira, di gioia e di lamento*, como Petrarcha e todos os poetas subjectivos.

O mundo physico pouco lhe seduz.

Phenomeno analogo ao de Filinto, em relação á patria de origem, observa-se em Gonçalves Crespo que, embora tivesse emigrado muito cedo e vivido no meio lusitano, constituindo familia portugueza, deixou impregnada na sua poesia a evocação nativa, a saudade do torrão natal, revivendo assumptos e themas brasileiros. O autor da «Lyricas» foi buscar a tradição camoneana, os modelos de Bocage, guardando as reminiscencias e o influxo de Petrarcha, seu paranympho espiritual.

Ezequiel Freire classifica o livro como sendo a monodia do amor e accentua: «Cantando exclusivamente aquelle affecto, deve o livro resentir-se, e resente-se, de certa monotonia.»

Accrescenta ainda: — «Da Natureza conhece apenas as flôres litterarias a rosa, o lyrio; e os phenomenos ou cousas que impossivel ser-lhe-ia não



conhecer — o mar, a montanha, a aurora, a noite. Algum raro quadro que elle desenha, fal-o a grandes traços fugitivos, como no — «Alto da Serras,

E por isso a melhor parte do volume é a que se intitula — «Intima lyra», subdividida em «O poema do amor» e «O poema da morte».

O maior amigo que teve Filinto em nosso meio litterario foi Valentim Magalhães que com elle fundou a «Semana», de saudosa memoria.

Nessa revista o poeta escreveu durante as duas phases: a de 1886-1887 e a de 1893, occupando-se quasi sempre das chronicas hebdomadarias, com o pseudonymo de *Filindal*.

Ainda se dedicou ao theatro, escrevendo duas comedias em 1 acto, em versos espontaneos de um suave e terno lyrismo, são «O Defuncto», peça representada pela primeira vez no Theatro D. Maria II, de Lisboa, em 1891, e no Theatro Recreio Dramatico do Rio, em 1892; e «O Beijos», representada em Lisboa, a 5 de Janeiro de 1900, no Theatro D. Amelia e, a 4 de Junho do mesmo anno, no Theatro Appollo do Rio de Janeiro.

São dous promissores ensaios que exigem do autor a insistencia de se preocupar com a sorte do nosso infeliz theatro. Filinto de Almeida e sua Exma. Esposa, a consagrada romancista brasileira, devem prestar toda a sua collaboração a Coelho Netto, que herdou de Arthur Azevedo a missão de restaurar a arte dramatica no Brasil.

Traduziu de collaboração com Valentim Magalhães, tres dramas de Eche-garay, dous em verso — «O Gran-Galeoto» e «No seio da morte» e um em prosa — «O que não se pôde dizer».

As duas ultimas peças ineditas desapareceram com a morte de Dias Braga.

E ainda de parceria com o mesmo autor escreveu uma comedia em um acto — «Amostra de sogras» — e uma revista comico-phantastica — «A mulher-homem» — ambas ineditas.

Tem collaborado em muitos jornaes: *Diario do Commercio*, (1889), *Diario de Santos* (1898-99) e actualmente em *A Noite*; bem como em revistas: *A Gazetinha*, *Semana*, *Revista da Academia Brasileira de Letras* e outras.

Juntamente com Julia Lopes de Almeida publicou em folhetins do *Jornal do Commercio* o romance «A casa verde», o preferido pela romancista brasileira, porque lhe proporciona uma porção de momentos felizes.

A ultima produção de Filinto de Almeida, publicada em 1915, é o livro «Cantos e Cantigas», dividido em *Tuba canora* (vozes intimas, vozes dispersas e paysagens); *Cantigas* (Silvas); *Poemas da cidade* e *Tuba bellicosa*.

O volume abrange as produções de 1887 a 1914, 27 annos de trabalho. Filinto de Almeida, talvez por ser muito sobrecarregado de afazeres na vida pratica commercial, é de produção lenta. A sua bagagem litteraria é diminuta par. 43 annos de labor.

No segundo livro de poesias elle revela progressos na fórma e na inspiração. Perde a norma exclusiva de poetar e presta mais attenção ao mundo exterior. Quando se concentra para pesquisar os sentimentos que lhe fazem vibrar a alma, tem mais reflexão, affecta maior dose de senso philosophico e parece-me até mais ardente, mais moço, mais brasileiro do que na feição primitiva.

E' natural que revele pensamentos sazonados, mas não se explica a maior intensidade no sentir, a não ser pela extrema felicidade na vida do lar e pela profunda adoração que devota á Esposa, como demonstra com o soneto «Excelsas».

Descobre-se ainda na segunda maneira o culto da saudade, a evocação dos companheiros de mocidade e dos factos que despertam recordações suaves e confortantes.

Filinto de Almeida é um homem feliz. Não se faz mistér conhecê-lo para se chegar a essa conclusão. Basta lêr os seus versos.

Os «Cantos e Cantigas» constituem o poema de uma vida ditosa.

Summario para um estudo completo

Patria adoptiva — Influencia de origem — A educação como factor de nacionalisação — As primeiras inclinações para o theatro — Lyrica — Um lar de artistas — Nova propensão para o theatro — O prosador — Singular e proficua collaboração — Feliz entre os felizes — Cantos e Cantigas — A geração a que pertenceu o poeta — Os seus autores predilectos.



Bazilio da Gama

Patrono da cadeira n. 4 - Nasceu em S. José do Rio das Mortes, mais tarde S. José d'El Rey e hoje Tiradentes, no Estado de Minas Geraes em 1740 (José Verissimo menciona 1741) e falleceu em Lisboa em 31 de Julho de 1785.

Bibliographia

- 1 URUGUAY — poema, precedido de estudo critico de Francisco Pacheco, 78 pags., Livraria Classica de Alves e Cia. 1895. (1.a edição 1769 — 2.a, 1811 — 3.a, 1822 — 4.a, 1845 — 5.a, 1856).
- 2 QUITUBIA — poemeto em versos endecasyllabos, Lisboa, 1791.
- 3 DECLAMAÇÃO TRAGICA, poema dedicado ás bellas artes, Lisboa, 1772.

4 LENTIVO DE SAUDADE, na morte do snr. D. José, príncipe do Brasil, Lisboa, 1788.

5 EPITHALAMIO A'S NUPCIAS da sra. d. Maria Amalia — Lisboa, 1779 (são essas oitavas «Os Campos Elyseos», segundo alguns autores).

6 RELAÇÃO abreviada da republica que os religiosos jesuitas das provincias de Portugal e Hespanha estabeleceram nos domínios ultramarinos.

7 OS CAMPOS ELYSIOS, oitavas de Termido Sipílio, aos condes de Redinha, Lisboa, 1776. (Varnhagen considera-os distinctos do Epithalamio ás nupcias da sra. d. Maria Amalia).

8 A LIBERDADE DO SNR. PEDRO METASTASIO, traducção de Termido Sipílio, poeta arcada, Burgos, 1773.

9 CANTO AO MARQUEZ DE POMBAL, em doze oitavas.

10 ODE AO MARQUEZ DE POMBAL, publicada em Lisboa, sem assignatura.

11 VARIOS SONETOS, por occasião da entrada dos galeões hespanhões em Lisboa, para a inauguração da estatua de D. José.

Encontram-se produções suas em *Jornal de Coimbra* (Glosa improvisada, em oitavas, a um mote dado pelo duque de Lafões); *Ramalhete* (O estrudo, satyra em versos endecasyllabos); *Mosaico poetico* de Emilio Adet e Joaquim Norberto (A não Vasco da Gama); *Parnaso Brasileiro*, de J. M. Pereira da Silva, (Canto 3.º e 4.º do Uruguay e dous Sonetos); *Parnaso Brasileiro* de Januario da Cunha Barbosa, que é o melhor repositório de suas produções; *Epicos brasileiros* de Varnhagen: — todo o poema do Uruguay; *Florilgie da poesia brasileira* de Varnhagen: Ao M. de Pombal, Excerptos do Uruguay e tres sonetos (1); *Parnaso Brasileiro* de Mello Moraes Filho: Quitubia; e quasi todas as selectas e anthologias. No Almanack Garnier (1904) encontra-se um soneto.

Encontram-se as reproducções do seu retrato na edição popular do «Uruguay» de Francisco Pacheco e nos *Sonetos Brasileiros* de Laudelino Freire.

Fontes para o estudo critico

1 José Veríssimo — Historia da Litteratura Brasileira, pag. 147.

Poetas do grupo mineiro, n. 4 da Rev. da Academia de Letras.

Escola Mineira, n. 1 da Rev. da Academia de Letras.

Estudos de litteratura brasileira, vol. II, pag. 89.

Revista brasileira, 2.ª phase, tomo III, pag. 324.

2 Sylvio Romero — Historia da Litteratura brasileira, tomo I, pag. 190.

Livro do Centenario, tomo I, pag. 26.

Sylvio Romero e João Ribeiro — Compendio de historia da litteratura brasileira, pagina 60.

3 Alberto de Oliveira — Um soneto attribuido a Barillo da Gama, n.º 2 da Revista da Academia Brasileira de Letras.

4 Oliveira Lima — Aspectos da litteratura colonial.



- 5 *Jullo Barbuda* — Litteratura brasileira, pag. 167.
- 6 *Francisco Pacheco* — Estudo critico no Uruguay.
- 7 *Pereira da Silva* — Plutarco brasileiro, vol. I, pag. 137.
Os varões illustres do Brasil, vol. II, pag. 1.
- 8 *Teixeira de Mello* — Ephemerides nacionaes, 31-7-1795, pag. 55.
- 9 *Garcia Merou* — El Brasil intelectual, pag. 31.
- 10 *Felix Ferreira* — José Bazilio da Gama.
- 11 *Fard. Wolf* — Littérature brésilienne, pag. 50 (Le Brésil Littéraire).
- 12 *Victor Orban* — Littérature brésilienne, pag. 18.
- 13 *Atmachio Diniz* — Anthologia da lingua vernacula, pag.
- 14 *Eugenio Werneck* — Anthologia brasileira, pag. 577.
- 15 *Innocencio da Silva* — Diccionario bibliographico, vol. IV, pag. 268.
- 16 *Sacramento Blake* — Diccionario bibliographico.
- 17 *Eduardo Perie* — Litteratura brasileira nos tempos coloniaes.
- 18 *Theophilo Braga* — Historia da litteratura portugueza.
- 19 *Varnhagen* — Epicos brasileiros.
Folrelegio da poesia brasileira, tomo I, pag. 271.
- 20 *Barão do Rio Branco* — Ephemerides brasileiras.
- 21 *Camillo Castello Branco* — Curso de litteratura portugueza, pag. 245.
- 2 *Revista do Instituto Historico*, tomo I, pag. 139.
- 2 *Fernandes Pinheiro* — Curso de litteratura nacional, pag. 426.
Resumo da historia litteraria, volume 2°, pagina 366.
- 24 *Ronald de Carvalho* — Pequena historia da litteratura brasileira, pagina 150.

Noticia biographica e subsidio para um estudo critico

Na villa de São José, situada á margem do rio das Mortes, no Estado de Minas Geraes, nasceu José Bazilio da Gama, em 1740. Era filho legitimo de Manoel da Costa Villas Bôas e de D. Quiteria Ignacia da Gama, ambos descendentes de fidalgos, principalmente o lado materno cujo appellido foi adoptado pelo poeta.

Orphão em tenra idade, foi Bazilio da Gama confiado ao então sargento-mór e mais tarde brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim que o entregou, na idade de 15 annos, á Companhia de Jesus que mantinha no Rio de Janeiro o melhor estabelecimento de ensino em 1755.

Quatro annos se manteve o estudante no collegio dos padres, sendo obrigado a sahir, quando o Marquez de Pombal expediu o decreto real, banindo e desnaturalizando os jesuitas. E o noviço deixou o habito, para continuar os seus estudos no seminario episcopal de S. José.

(1) *Desses o que escreveu ao lançar-se ao mar a não «Serpente», foi a primeira produção sua que chegou ao Brasil.*



Já no collegio dos jesuitas o moço havia revelado pujante talento e vocação decidida pelos estudos litterarios, tornando-se um discipulo predilecto que inspirava esperança aos seus preceptores, como attesta José de Alencar no drama «O jesuita».

No estabelecimento de ensino para o qual se transferiu, continuou a revelar talento de escól, devotado aos estudos, e conquistou amizades a que se manteve fiel até á morte.

Foi amigo de Gomes Freire de Andrade, do Bispo D. Antonio do Deserto e do brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim, seu protector.

Quando morreu o Conde de Bobadella, já se havia transferido o estudante para o Reino, afim de cursar as aulas da Universidade de Coimbra, no curso de direito. D'ahi enviou ao Brasil as primeiras modulações do seu estro, traduzindo nostalgia da patria e preitos de gratidão ao seu portector.

Mas, apesar das recommendações que levou, foi excessivamente hostilizado em Coimbra por suspeita do seu jesuitismo, sendo obrigado a interromper o curso e a dirigir-se para Lisbôa. Nesta cidade soffreu privações e miserias, até partir para Roma, com auxilio dos jesuitas, segundo rezam as chronicas dos missionarios de Santo Ignacio de Loyola.

Na cidade italiana foi admitido em um seminario de instrucção e relacionou-se com os mais notaveis homens de letras e pessoas de nomeada, logrando entrar para a Arcadia Romana, com o nome de Termino Sipilio. Tinha, então, 35 annos.

No periodo comprehendido entre os annos de 1768 e 1770, regressou á Lisbôa, embarcando em Napoles, e pouco se demorou na capital portugueza, pois dirigiu-se para o Brasil. Ao chegar no Rio de Janeiro resurgiu a suspeita de ser elle um proselyto dos jesuitas e depois de formal denuncia foi preso e reconduzido a Lisbôa, afim de ser julgado pelo tribunal de inconfidencia. Para readquirir a liberdade foi compellido a assignar um termo segundo o qual se comprometteu a partir, no prazo de 6 mezes, para Angola, de onde não sahiria sem previa acquiescencia do governo portuguez. Occorrendo-lhe, porém, a lembrança de appellar para a magnanimidade do Marquez de Pombal, recorrendo da sentença do iniquo tribunal, usou do estratagemma de compôr um epithalamio, celebrando o noivado da filha do poderoso ministro de D. José I e implorando a graça por intermedio da gentil advogada.

Commovido, o Marquez desejou fallar ao poeta e tal foi a impressão favoravel que lhe causou o talento do vate perseguido, que não só lhe deferiu o pedido como tambem o nomeou para o cargo de official da secretaria de estado dos negocios do reino.

Foi esse o periodo de intensa fertilidade do poeta mineiro. Escreveu o canto e a ode dedicadas ao seu protector, compoz algumas tragedias que permaneceram inéditas e o poemeto «Quitubias», em versos endecassylabos, commemorando um chefe africano que coadjuvou os portuguezes a expulsar os holandezes dos dominios luzitanos na Africa.

Dedicou tambem nessa época aos Condes de Redinha as oitavas de Termino Sipilio, «Os Campos Elysios», que constituem o epithalamio, e concebeu a sua obra prima, o poema «Uruguay» e a «Relações».



Antes havia escripto a «Declamação tragicas», poema dedicado ás bellas artes, «Relação abreviada da republica que os religiosos jesuitas das provincias de Portugal e Hespanha estabeleceram nos dominios ultramarinos» e a traducção que fez o poeta arcade da «Liberdade» de Metastasio. Traduziu ainda peças de Goldoni e lia frequentemente Dante e Petrarca.

Com a morte de D. José I em 1877, succedeu-lhe D. Maria I e foi o Marquez de Pombal alijado do poder e condemnado ao ostracismo. Os abyssinos apedrejaram o sol posto e, no dizer de Theophilo Braga, Barillo da Gama foi o unico que se lhe conservou fiel. Castello Branco tambem affirma que o poeta mineiro teve a coragem rara de confessar-se agradecido ao protector, como já succedera com os seus amigos do Brasil. E Pereira da Silva observou: «Ao passo que Antonio Diniz da Cruz Silva e outros poetas afamados da época ou queimavam incenso sobre os altares das novas postestades, ou se reduziam ao silencio, exclamava José Barillo da Gama: (transcreve a poesia dedicada ao illustre politico decahido do poder).»

Compor tambem o «Lentivo de saudades» sobre a morte de D. José.

Começou, então, nova phase de infortunios para o poeta que se viu privado do emprego, airozmente perseguido, regressando ao Brasil, em busca de tranquillidade.

Em 1780 fundou no Rio de Janeiro, em companhia de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, uma sociedade denominada «Academia litteraria» a que pertenceram Santa Rita Durão, Thomaz Gonzaga, Alvarenga Peixoto, Claudio Manoel da Costa e Domingos Barbosa, extinguindo-se por ordem do vice-rei, Conde de Rezende, a quem se tornou suspeita essa aggremação de homens distinctos.

Antes, porém, logo que tornou ao Brasil, foi Bazilio da Gama bem acolhido pelo vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza e o bispo D. Mascarenhas Castello Branco, conseguindo por instancias do primeiro, de D. Maria I, o titulo de escudeiro fidalgo da casa real, por carta regia de 6 de Agosto de 1787.

Pouco durou o socego que lhe proporcionaram, pois foi preso por ordem do Conde de Rezende, successor de Luiz de Vasconcellos, sendo obrigado a voltar á Lissbôa.

Ahi foi admittido na Academia Real de Sciencias e condecorado com o habito da ordem de S. Thiago. Mas vivia isolado e doente, retirando-se por vezes, a conselho dos facultativos, para as visinhanças de Coimbra, até fallecer a 31 de Julho de 1795, em Lissbôa, sendo depositados os seus restos mortaes na igreja matriz da Boa-Hora, em Belém.

Era, segundo o testemunho de contemporaneos e affirmação de Pereira da Silva, «de estatura pequena, rosto trigueiro e caracter jovial e espirituoso».

José Verissimo contesta, ignoro com que fundamento, e Sylvio Romero julga incerto o retorno de Bazilio da Gama ao Brasil depois da publicação do Uruguay e, por consequinte, depois do declinio do Marquez de Pombal (1)

Escreveu além do que ficou consignado na bibliographia e citado linhas acima, varios sonetos, muitos poemas, uma traducção da tragedia *Mahomet*

(1) *Varnhagen não se refere a esse retorno ao Brasil.*



de Voltaire. Mas a sua obra capital e característica, de summa importância na litteratura brasileira, por definir uma transição e ser a precursora do indianismo romantico, é o poema «Uruguaye, escripto em versos brancos e em desaccôrdo com as normas classicas dos poemas epicos, afastando-se dos moldes luzitanos no que concerne ás figuras de rhetorica e preceitos de poetica. Além dessa circumstancia, destaca-se o valor intrinseco do poema que, apesar de encerrar assumpto de acanhada valia, é escripto em estylo elevado, encerra bellas imagens poeticas e deixa antever o lyrismo dos romanticos.

Publicado doze annos antes que o «Caramuru» de Santa Rita Durão, foi o primeiro exemplo de nacionalismo na litteratura patria. Antes, Manuel Botelho de Oliveira, primeiro autor que imprimiu um livro de versos — «Ilha da Maré» —, havia feito enumeração de fructos brasileiros e muito mais tarde Silva Alvarenga e Alvarenga Peixoto manifestaram o seu nativismo nas producções poeticas. Mas o precursor do indianismo e quem começou a accentuar o divórcio entre os modelos luzitanos e brasileiro foi indubitavelmente Bazílio da Gama, pondo de parte os sentimentos de revolta de Gregorio de Mattos.

Foi o iniciador da poesia americana que depois de 1830 veio tomar incremento com a «Confederação dos Tamoyos» de Gonçalves de Magalhães, «Colombo» de Porto Alegre, «Os Tymbíras» de Gonçalves Dias e outras poemas que manifestaram commiseração pelo aborigene e volveram um olhar compassivo ao passado, buscando origens e tradições.

O poema narra os feitos de Portugal, com o auxilio da Hespanha, contra os índios das Missões do Uruguay que não acceptaram o jugo luzitano assegurado pelo tratado de 1750 e sublevaram-se por suggestões dos missionarios de Santo Ignacio de Loyola.

Si pelo assumpto ou valor historico o poema de Bazílio da Gama é inferior ao «Caramuru», sobrepuja-o no estylo, nas imagens poeticas, na elegancia da fórma e na inspiração. Foi muito combatido por ser considerado como uma ingratição aos jesuitas de quem condemnou a politica exercida e o systema de educação por elles seguido na cathese.

Não se encontra no poema uma só referencia mythologica nem os processos sedições que caracterisavam a technica dos poetas classicos, seus coevos e predecessores. O estylo descriptivo e a exposição dos ligeiros episodios são feitos com tal arte que José Verissimo dá ao poema a classificação de romantico.

E' o seguinte o julgamento de um eminente escriptor portuguez: «O *Uruguays*, de José Bazílio da Gama é o moderno poema que mais merito tem na minha opinião. Scenas naturaes, muito bem pintadas, de grande e bella execução descriptiva; phrase para e sem affectação, versos naturaes sem ser prosaicos e, quando cumpre, sublimes sem ser guindados; não são qualidades communs. Os brasileiros principalmente lhe devem a melhor corôa da sua poesia, que nelle é verdadeiramente nacional e legitimamente americana.» (Garrett — Parnaso Lusitano).

Não se lhe pôde fazer mais fervoroso encomio.

Mas ao proprio valor sobrepuja a função por elle desempenhada na litteratura brasileira, consubstanciando tres symptommas distinctos relativamente &



MONUMENTO DA INDEPENDENCIA



"VIVA O PRIMEIRO REI DO BRASIL!" — SCENA NA OPERA DE S. PAULO.
NA NOITE DE 7 DE SETEMBRO DE 1822.



ACCLAMAÇÃO DE D. PEDRO, COMO IMPERADOR CONSTITUCIONAL
DO BRASIL, A 12 DE OUTUBRO DE 1822

Baixa-relevos do projecto Mario Ribeiro
Plata — Fernando Frick.

MONUMENTO DA INDEPENDENCIA



O PROTESTO DA JUNTA DE S. PAULO CONTRA AS RESOLUÇÕES
DAS CÔRTEZ PORTUGUEZAS (1821)



A DECLARAÇÃO DO "FICO", A 9 DE JANEIRO DE 1822

Baixo-relevos do projecto Mario Pinto -
Fernando Frick.

evolução da poesia no Brasil: independência do estro, divorciando-se da feição camoneana e desprendendo-se do âmbito acanhado sujeito a regras de rhetorica e poetica, segundo a esthetica do tempo de Aristoteles; a manifestação de nacionalismo vigoroso, explorando thema nativo, exprimindo liberdade espirital, accentuada para os tempos da inquisição e para a época do tribunal de inconfidencia, e traduzindo os sentimentos liberaes e patrioticos; finalmente o terceiro que já foi salientado, como sendo esse poema o precursor do romantismo e do indianismo.

A grandão por elle extremada para com Alpoim, Gomes Freire, Antonio Desterro, Luiz de Vasconcellos e Marquez de Pombal, não é compativel com qualquer censura que se lhe pretenda fazer, por haver criticado a politica e a acção dos jesuitas.

José Bazilio da Gama é um vulto que inspira sympathia e admiração.

Summario para um estudo completo

A sua biographia — Manifestações do seu estro — O papel do «Uruguays» na litteratura brasileira — O poeta e os jesuitas — Os seus protectores — O poema no Brasil — Bazilio da Gama e os seus contemporaneos — A influencia de Voltaire — No tribunal da critica e na joeira do seculo.

ARTHUR MOTTA.





EPIDEMIA DE IMPALUDISMO NA
USINA ESTHER E COSMOPOLIS
— *Octávio M. Machado* — Typ.
Olegario Ribeiro e Cia. — S. Paulo
— 1919.

É muito de lamentar que a nossa imprensa, tão solícita em publicar coisas de nenhuma importância, e tão abundante quando se trata de factos policiaes, não dê a publicidade devida aos trabalhos de saneamento levados a cabo pelo Serviço Sanitário de S. Paulo, sob a direcção do emerito dr. Arthur Neiva. A noticia desses trabalhos, do que se fez e do que se está fazendo, iria talvez arrancar do marasmo outras regiões flagelladas, despertando os governos ineptos, porque cegos, acordando a voz dos publicistas capazes de pôr em fóco o problema, pondo assim em movimento essa grande idéa. Apesar da sua alta importância, o publico ignora quasi em absoluto a marcha do saneamento em S. Paulo. Só têm conhecimento disso as raras pessôas em cujas mãos cahem os magníficos boletins que o Serviço Sanitário periodicamente publica, dando conta do resultado das campanhas iniciadas. A circulação desses boletins é restricta e sua divulgação morosa; a repercussão delles, portanto, é infinitamente menor do que se a publicidade fosse feita por meio dos jornaes.

Neste, o dr. Octavio Machado narra pormenorizadamente a campanha contra o impaludismo de Usina Esther, Cosmopolis e arredores. Esta zona, muito rica — um dos maiores centros de trabalho de S. Paulo, — foi diversas vezes assolada pela malária e ultimamente com uma tal impetuosidade que os directores mentaes da terra se vi-

ram alarmados, prevendo o descalabro completo e a estagnação industrial de uma zona tão promissora. A orientação sanitaria antiga, em tal caso, procuraria quando muito curar os doentes; a moderna vae muito além, faz tudo, cura o doente e suprime de vez a causa do mal, destruindo os focos geradores do mosquito transmissor, saneando a terra em summa. E a zona, livre assim *para sempre* do espantallo da malária, viu restabelecer-se a saude dos seus moradores e ponde recommear a vida activa com redobrada eficiencia de producção. Quando o Brasil inteiro comprehenderá o alcance desta campanha e os altos resultados economicos do saneamento e se convencerá de que a saude é a principal riqueza dos povos? Quando porá de lado os pequeninos problemas da politicalha, lançando as vistas para os magnos problemas sociaes, de cuja solução depende a entrada do nosso país para o rôl dos países civilisados?

A QUESTÃO SOCIAL NA PHILOSOPHIA DE FARIAS BRITO —
Jackson de Figueiredo — Typ. Revista dos Tribunaes, Rio, 1919.

Poucos nomes da nova geração de escriptores se têm popularisado mais do que o de Jackson de Figueiredo, quer na imprensa, quer em obras de mais folego e duração. É um trabalhador incançavel e um apostolo que o problema do Além preocupa de um modo extraordinario. Seu espirito anda sempre voltado para os aspectos philosophicos das coisas. É um combativo. Fôrma ao lado da philosophia christã e bate-se com heroismo pelo revicar dos velhos ideaes, levados de

roidão pela onda anarchica do scepticismo moderno. Quer restabelece-los, vendo nelles a solução de tudo e na ancia de o fazer, deixa visivel em todas as paginas que escreve a sua dôr sincera deante do Erro que dia a dia ganha mais terreno. Como todas as mentalidades crystallizadas dentro do molde christão, ás quaes a fé é o pharol supremo, tem certeza absoluta do que é a Verdade e do que é o Erro. Não se limita, entretanto, como os scepticos, a emitir uma opinião pessoal, friamente, sem incomodar-se com a sua repercução; quer que o acompanhem, tem o fogo do proselytismo na alma, ataca e não poupa ironia aos transviados. E' profundamente sincero. Neste opusculo estuda as idéas de Farias Brito relativas á questão social, e conclue com elle que o mal é a falta de religião (christã, já se vê), e que só esta dará ao mundo a felicidade e a paz. Esta conclusão é a mesma em toda as obras deste escriptor, o que revela o arraigamento e a firmeza das suas convicções. Entretanto, o tom de amargor que lhe reveste o pensamento dá a entender que a causa que defende, em vez de ganhar terreno perde-o. O Erro avoluma-se. A humanidade, que já fez experiencia da verdade christã, não denuncia symptomas de voltar atraz. Prefere continuar no Erro.

PRIMEIRO LIVRO DE INGLEZ —
Mello de Castro — Off. do «Estado» — S. Paulo — 1919.

Uma das consequencias da guerra foi o desenvolvimento entre nós do commercio americano. A lingua inglesa, já a lingua commercial por excellencia, cresceu ainda de importancia, e o seu estudo desenvolveu-se em nosso meio de um modo surprehendente. O francez ficou para as moças que se utilisam delle para dar expansão ás suas futilidades mentaes. Para os homens a utilidade do francez, unica lingua estrangeira estudada até aqui, tem importancia minima, porque não é lingua commercial. Em virtude disso, todos os rapazes que põem mira no commercio, atiraram-se ao estudo de

uma lingua que lhes facilitará a victoria na carreira. O sr. Mello de Castro, actualmente um dos melhores professores dessa lingua, que se encontra em S. Paulo, pela maneira intelligente e pratica com que sabe transmitil-a, procedeu muito bem elaborando elle mesmo um compendio que possa indicar aos seus alumnos. Este ora publicado é o numero um de uma série de cinco com que vai enriquecer a nossa literatura didactica. Muito bem feito e muito bem impresso, não é exaggero dizer-se que não existe actualmente nenhum outro que se lhe avanteje. E' extremamente pratico, sobretudo no systema adoptado para figurar a pronuncia ingleza. Por estas razões, recommendamol-o aos estudiosos, certos de que lhes prestaremos uma indicação de primeira ordem.

A OLIGARCHIA PAULISTA. — *Ivan Sabiroff* — Off. «Estado» — São Paulo — 1919.

Inda é bem recente o successo extraordinario que causou entre os que leem a publicação dos artigos ora enfeitados em volume. Ivan Sabiroff, pseudonymo do mais intemerato dos nossos jornalistas, por a nu' as negociatas, as bandalheiras de toda ordem que os politicos de S. Paulo, com o mais absoluto desprezo pelos interesses publicos e pela velha moral, praticam acobertados por uma impunidade absoluta. De nada valeu a revelação destes factos. Em qualquer paiz medianamente civilizado, matade do que disse Ivan Sabiroff bastaria para correr das posições supremas os vendilhões sem pudor. Entre nós, taes revelações só servem para liber dar maior prestigio. Isto faz-nos lembrar o caso de um sujeito que se apresentou candidato á vereança e foi derrotado por poucos votos. No dia seguinte á eleição, os jornaes davam noticia da pronuncia do homem como gatuno.

— Que pena esta pronuncia não ter vindo nas vespervas da eleição, disse um cabo eleitoral.

— Porque? interpeilla um terceiro.

— Porque se o eleitorado tem cer-



teza de que o homem de facto era gatuno, elegia-o pela certa.

Os optimistas têm esperança de que as nossas coisas melhorem. Os pessimistas, não esperam que isso aconteça. Os neutros, isto é, os que se deixam arrastar nem por uma nem por outra corrente, esses ficam indecisos e atarantados. As coisas correm de tal maneira entre nós, que por maior que seja a boa vontade chega a parecer ingenuidade a esperança no concerto e no honesto funcionamento da coisa publica enquanto estiverem de cima os homens actuaes. Campanhas como esta de Subiroff só servem para consolidar os no poder. Talvez que o inverso desse resultado. Se fosse possível provar que são todos elles umas vestaes, quem sabe viriam todos abaixo porque a reciproca do caso do vereador deve ser verdadeira...

CONSOLIDAÇÃO DAS LEIS DO
VERSO — *Manoel do Carmo* —
Casa Duprat — S. Paulo, 1919.

Em terra de poetas, aqui está um livro preciosissimo. Bem feito, claro, simples, sendo a materia disposta como muita ordem e methodo, é este volume um auxiliar magnifico a quem verveja, seja principiante ou artista acabado. Qualquer duvida aqui se aclara, se resolve com opinião segura, documentada em exemplos de bons autores.

Ninguém melhor de que Manoel Carmo poderia dar-nos um livro como este, porque elle é tambem um artista perfeito da arte do verso, e por isso não só orientou a sua *Consolidação* pelas noemas mais rígidas da exactidão e da correcção, como tambem lhe imprimiu a *doçura* dum fino e apurado gosto. Em materia de versificação é um livro dos mais completos, sinão o mais completo que temos.

MALMEQUERES — *Adalziria Bittencourt* —
Livraria Magalhães, São Paulo, 1919.

«São versos de uns quinze annos floridos de promessas», assim diz no

prefacio deste livro o glorioso poeta Vicente de Carvalho. Mas não são só promessas. Exprimem já alguma coisa de realidade, em que ha delicadeza de inspiração e uma graça pouco communs, não turbadas pelos embaraços que encontra quem começa a manejar o verso. A espontaneidade dos *Malmequeres* é frizada sobretudo nesta poesia:

*Qual mimosa ave innocente
Na gaiola prisioneira,
Gorgeando tristemente
Ao lado da companheira,*

*Vivo triste e aborrecida,
Tambem presa na gaiola...
Como é triste a minha vida,
Desde que entrei nesta escola!*

*Só temos para receio,
Mela hora e nada mais!
Depois vamos ao torneio
Dos trabalhos manuaes.*

*Trabalhamos no bordado,
No plano e na pintura;
Tenho o corpo já cansado:
O' meu Deus! quanta amargura...*

*Em tudo, tudo ordem impéra,
Neste templo tão egregio!
A superiora é severa,
Triste vida é a do collegio.*

*O pouco tempo que tenho
De folgar, vou estudar,
Ou vou fazer meu desenho,
Ou nos maninhos pensar...*

*Para encher-me de alegria,
E mitigar essa magua,
Eu busco a doce Poesia
Com os olhos raios d'agua.*

*Este acerbo soffrimento,
Esta dorida prisão,
Não me prende o pensamento,
Não me prende o coração!*

*Por isso mais consolada,
Já não clamo, nem lamento
Porque a Poesia abençoada
Libertou meu pensamento!*

Com estudo e boa direcção artistica, Adalziria Bittencourt está destinada a ser um nome brilhante entre os das nossas melhores poetizas.



RESENHA DO MEZ

VIDA NACIONAL

De 15 a 15

16 — Foi eleito presidente da Academia Brasileira de Letras o sr. Carlos de Laet.

17 — Foi assignado o convenio postal entre o Brasil e os Estados Unidos. — O aviador Mario Quaranta realizou uma excursão aérea do Rio a Santos.

18 — Um hydro-avião da Marinha Nacional fez uma viagem do Rio a Santos.

19 — Foi concedido pelo governo da Republica aos navios allemães livre transito nas aguas e portos brasileiros.

20 — Inaugurou-se a Exposição Pecuaria de Porto Alegre. — Foi declarada a greve geral em Santos.

21 — A família Araujo Pinho entregou ao Instituto Historico da Bahia a bandeira paraguaya tomada em Lomas Valentinas, e que pertenceu ao barão de Cotegipe.

22 — Naufragou nas costas da Ilha do Pará o vapor «Annetes».

23 — Inaugurou-se oficialmente o Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia de Bello Horizonte.

24 — Foram destruidos pelo fogo os armazens da firma Prado Chaves e F. Matarazzo em S. Paulo, sendo os prejuizos calculados em cerca de 3.000 contos.

25 — Foram eleitos na Academia de Letras os srs. Humberto de Campos e D. Silverio Gomes Pimenta, respectivamente para as vagas de Emilio Menezes e Alcindo Guanabara.

26 — Um grupo de estudantes, em

S. Paulo, empastellaram o jornal anarchista «A Plebes».

27 — Novembro, 4 — O sr. presidente da Republica visitou o navio mercante norte-americano «Epitacio Pessoa».

28 — Foi apresentado no Senado um projecto estabelecendo o dia de render graças a Deus.

29 — O Supremo Tribunal negou habeas corpus a anarchistas, reconhecendo o direito do Estado de expulsal-os, embora residentes no paiz.

30 — Foram encontrados numerosos ratos mortos de peste bubonica nos armazens da Alfandega do Rio.

31 — Foi approvedo pelo Senado o tratado de paz com a Allemanha.

32 — Inaugurou-se em S. Paulo a Universidade Feminina.

33 — Foram verificados varios casos de peste bubonica no Rio.

34 — Foi recebido na Academia de Letras o sr. Amadeu Amaral, eleito na vaga de Olavo Bilac.

35 — O sr. Ruy Barbosa foi convidado para o cargo de director do «Jornal do Commercio», do Rio.

Nota mineira

FAISONS COMMUNE!

O congresso mineiro, votando em primeiro turno, sem modificações, o projecto da reforma constitucional, ainda na parte em que se institue o regimen de prefeituras para todos os municipios do Estado, deu de mão a uma das nossas mais antigas e formosas tradições de liberalismo. E approximou-se do systema administrativo fran-

cez, procurando todavia justificação para as suas repentinas velleidades de centralização em copiosas citações de autores norte-americanos, em que peze ao conhecido espirito de liberdade local dominante nas instituições dos Estados Unidos.

Não é, porém, de semelhante gosto a dissertação enxacôca que ha de vir mal ao mundo. Já em tempos de Rameses II, alli por volta de mil e trezentos annos antes de Christo, dizem graves egyptologos que chegou a ser moda introduzirem os ribeirinhos do Nilo em sua linguagem, a fim de a tornarem nobre e elegante, abundantes phraseados cananeus. *Nihil novi sub sole*, lá geme com razão o sempre judicioso Ecclesiastes.

O que nos surprehe de é que homens de incontestavel valor, quaes os parlamentares que mais esgrimiram de ponta e talho na defesa do moderno regimen procunular ou prefetural, andem tão alheios ás verdadeiras fontes do nosso direito administrativo em materia de organização municipal. Pois não era muito mais natural e patriótico e até brilhante que o esforço empregado para descobrirem na exemplarissima descentralização yankee desculpas para o nosso *bahlanismo* se orientasse em desbravar a historia da península iberica, indo em recôo de erudição, atavez da heroica resistencia dos villões contra a oppressão feudal, até a esplendida vida municipal que foi a base, o fundamento e a garantia da civilização romana entre os primitivos povos neo-latinos?

Mas não era preciso chegarmos ao diluvio, nem tão pouco ouvirmos os augustaes da Casa Branca. — Alli em Portugal, terra onde os foraes constituíram a egide das classes populares, — o que levou o virtuoso Lafayette a desejar para a França tão beneficinas instituições — houve uma seria tentativa de implantação no paiz das demasias do centralismo, para não nos referirmos á geral repulsa com que o povo assistia anteriormente á intervenção dos carregadores e juizes de fóra nos negocios privativos dos municipios. A 16 de Maio de 1832 um decreto da regencia, referendado por José Xavier Mousinho

da Silveira, creou, para as provincias, comarcas e concelhos, prefeitos, sub-prefeitos e provedores, todos de livre nomeação do governo. Mas foram taes eos excessos e abusos committidos pelos provedores de concelhos, diz Manuel da Silva Passos no relatório que precedeu o código administrativo de 1836, que moveram a indignação dos povos contra os novos pachás, e um grito geral se ouviu em todo o reino: Abaixo as prefeituras! E eis como, por via de dura experiencia, tornou a perecer a autonomia municipal no paiz onde têm suas raizes a nossa nacionalidade. Haviamos depois disto de começar a adoptar permanentemente um typo de administração só accetivel em casos excepcionaes, á maneira de um escaço de sitio, a fim de reprimir os oesregamentos de um momento de anarchia?!

Certamente que não. Dos nossos municipios podemos dizer o que disse Alberdi de toda a America Latina: «Elles governam-se mal, mas governam-se a si mesmos. E á força de se governarem mal, acabaria por aprender a governar-se bem.» Devemos guardar esse espirito de liberdade local pelo mesmo motivo por que devemos guardar e defender a nossa lingua. E' um formoso legado dos nossos maiores, que está, por assim dizer, no sangue da nossa raça e constitue uma parte essencial da nossa cultura.

Por todas essas razões acreditamos que os proprios dirigentes do Estado de Minas serão os primeiros a desaconselhar a votação, em 2.º turno, da exotica medida centralizadora. Hoje como no seculo XII o moto de bandeira é ainda o grito libertador: *Faisons commune!*

O MONUMENTO DA INDEPENDENCIA. — Dos *maquettes* apresentado para o monumento da Independencia Nacional, que o governo de São Paulo deliberou mandar construir junto ao local histórico do Ypiranga, um dos mais interessantes é sem duvida o dos srs. Mario Ribeiro Pinto e Fernando Frick, de que damos

neste numero alguns aspectos. Por elles se vê que o projecto está muito bem estudado, evocando os mais notaveis episodios historicos que intervieram no extraordinario feito, e satisfazendo os requisitos technicos de um grandioso monumento architectonico, como deve ser o da Independencia.

O estado demographico de São Paulo

Segundo o Anuario Demographico de 1918 do Serviço Sanitario de São Paulo:

Pelos algarismos do quadro junto se verifica que os cartorios do Registro Civil accusaram em 1918, em todo o Estado, a inscripção de 23.929 casamentos, o que dá a media diaria de 65,55 e o coeeficiente annual por mil habitantes de 5,85.

Falleceram 89.545 pessoas, sendo: 14.811 na capital, 2.607 em Santos, 2.054 em Campinas, 1.126 em Ribeirão Preto e 68.947 nos restantes municipios. A media diaria foi de 245,32 fallecimentos, e o coeeficiente de mortalidade, de 21,92 obitos por mil habitantes.

Nasceram e foram registadas 149.061 creanças, dando a media diaria de 435,78 nascimentos, e o coeeficiente de natalidade por mil habitantes de 36,49. Houve portanto um saldo, a favor dos nascimentos, de 59.516 almas.

Nasceram mortas 7.959 creanças, sendo a media diaria de 21,80 e o coeeficiente annual por mil habitantes, de 1,94.

De 0 a 2 annos de idade falleceram 40.726 creanças, o que representa uma media diaria de 111,57 e dá a percentagem sobre a totalidade dos obitos em geral de 45,48.

As doencas transmissiveis determinaram 20.534 fallecimentos, contra... 12.883 no anno anterior, correndo este augmento por conta da gripe epidemica. A media diaria foi de 56,25 e a percentagem sobre a totalidade dos obitos, de 22,93 fallecimentos.

Dentre as doencas transmissiveis, a gripe occupa o primeiro lugar em relação ao numero de suas victimas, matando 12.816 pessoas, sendo 5.372 na capital, 853 em Santos, 220 em Campinas, 211 em Ribeirão Preto e 6.160 nos outros municipios.

A seguir, vem a tuberculose, ceifando 2.909 vidas, o que corresponde a 7,96 obitos diarios, o impaludismo 1.166, ou sejam 3,19 por dia, a coqueluche 527 com a media diaria de 1,44, a dysenteria 516 com a media de 1,41, a febre typhoide e as infeccões para-typhicas 491 com a media de 1,34, a syphilis 327, o sarampo 269, a ancylostomose 240, a diphteria 200 e a escarlatina 162. A variola não determinou obito algum.

Dentre as outras causas de morte devemos citar o cancer, que victimou 798 pessoas, contra 852 em 1917, sendo de 2,18 a media diaria.

Podemos ainda acrescentar que os homicidios foram em numero de 161 e os suicidios de 174, sendo de... 1.133 os obitos causados pelas outras violencias exteriores.

No que diz respeito ás molestias localizadas, as affecções do systema nervoso determinaram 2.522 fallecimentos, as do aparelho circulatorio ... 5.291, as do aparelho respiratorio 6.362, as do aparelho digestivo ... 12.955, as do aparelho genito-urinario e seus annexos 1.760, as da pelle e do tecido cellular 199 e as dos ossos e orgãos de locomoção 21.

Relativamente aos suicidios occupa o 9.º lugar dentre 33 cidades e paizes estudados.

O coeeficiente de mortalidade por suicidios sobre 100 mil habitantes subiu de 5,33 em 1894, a 16,49 em 1914, baixando em seguida.

Os annos de guerra, comprehendidos entre 1914 e 1917, deram o elevado coeeficiente medio de 1,308 por 100.000 habitantes; entretanto no anno passado uma calamidade tão grande como a feada de junho, em nada influu sobre a mortalidade por suicidios, cujo coeeficiente baixou de... 12,52 em 1917 para 8,70 em 1918.



Summula dos principaes dados estatísticos e demographicos, de 1918. no Estado de São Paulo

	Capital	Santos	Campinas	Ribeirão Preto	Interior	Total
Area em kilometros quadrados	128.976	9.600	6.600	6.400	252.728,424	252.880
População	528.295	95.365	105.160	56.000	3.300.0	4.084.820
Numero de municipios	1	1	1	1	192	196
Numero de districtos de paz	18	1	7	2	348	376
Total de casamentos	3.173	311	652	351	19.442	23.929
Coeficiente sobre mil habitantes	6.00	3.26	6.20	6.26	5.89	5.85
Total de nascimentos	17.852	3.002	3.942	2.266	121.999	149.061
Coeficiente sobre mil habitantes	33.79	31.47	37.48	40.46	36.96	36.49
Total de natimortos	1.034	173	270	137	6.345	7.959
Coeficiente sobre mil habitantes	1.95	1.81	2.56	2.44	1.92	1.94
Total de obitos	14.811	2.607	2.054	1.126	68.947	89.545
Coeficiente sobre mil habitantes	28.03	27.33	19.53	20.10	20.89	21.92
Mortalidade infantil — o a 1 anno —	3.976	584	582	352	—	—
Porcentagem sobre o total dos obitos	26.84	22.40	28.33	31.26	—	—
Mortalidade de o a 2 annos	5.908	856	844	490	32.628	40.726
Porcentagem sobre o total dos obitos	39.88	32.83	41.09	43.51	47.32	45.48
Obitos por doencas transmissiveis	6.645	1.262	460	356	11.811	20.534
Porcentagem sobre o total dos obitos	44.89	48.40	22.39	31.34	17.13	22.93
Crescimento vegetativo.	3.041	395	1.888	1.140	53.052	59.516

Numero de cidades que possuem ABASTECIMENTO DE AGUA	148
Idem idem ABASTECIMENTO DE AGUA E REDE DE ESGOTOS	69
Idem iluminadas a LUZ ELECTRICA	197
Idem servidas por LINHAS TELEPHONICAS	248
Idem onde se encontram HOSPITAES, CASAS DE SAUDE, etc.	97

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 10 11 12 13 14 15 16

O ensino no Brasil

A SITUAÇÃO DO ENSINO NOS DIFFERENTES ESTADOS

Amazonas

Em 1917 a população do Amazonas era calculada em 555.120 habitantes.

Com uma população de 550.000 habitantes o Estado de Rhode Island, na America do Norte, tinha em 1915 nas suas escolas elementares 2.364 professores e 78.881 alumnos matriculados e, nas escolas de segundo grau, 316 professores e 8.183 alumnos. No Estado de North Dakota, tambem na America do Norte, com uma população de 5770.56 habitantes, havia em 1915-16 escolas elementares em numero de 6.786 com 186.341 alumnos, sendo 95.834 do sexo masculino e 90.507 do sexo feminino.

No Estado do Amazonas, segundo os dados estatísticos publicados pela ultima estatística federal, havia um total de 5.902 alumnos matriculados nas escolas primarias!

Pará

A população do Pará em 1917 orçava por 623.598 habitantes.

Com 687.741 habitantes, o Queensland, na Australia, tinha 1.447 escolas elementares com 3.682 professores e 84.477 alumnos. Com uma população de 672.765 habitantes, o Oregon, na America do Norte, tinha em 1916 escolas elementares em numero de 2.519 com 6.173 professores e 142.365 alumnos matriculados. O Mecklenbourg-Schwerin, com 639.000 habitantes, tinha 92.661 alumnos matriculados em suas escolas elementares.

Segundo a ultima estatística federal existente, o Estado do Pará tinha matriculados em suas escolas primarias 25.404 alumnos, algarismo que nos parece inverosimil e muito superior á realidade.

Maranhão

Em 1917 a população do Maranhão era orçada em 611.548 habitantes.

No Estado de South Dakota, com uma população de 583.888 habitantes havia nas 5.205 escolas elemen-

tares 122.742 alumnos com 5.374 professores, além de 300 escolas secundarias com 1.638 professores e..... 11.524 alumnos. No Honduras, com 553.000 habitantes, havia para instrução primaria 916 escolas com 40.565 alumnos matriculados.

No Maranhão a ultima estatística federal constata a existencia de 13.162 alumnos matriculados nas escolas primarias!

Piauhý

Era em 1917 calculada em 467.698 habitantes a população do Estado do Piauhý.

Com uma população de 430.572 habitantes, o New Hampshire, na America do Norte, tinha em 1915 escolas elementares com 2.493 professores e 76.929 alumnos matriculados. No Saxe Weimar, com uma população de 417.000 habitantes havia.... 65.646 alumnos matriculados em escolas elementares.

No Piauhý, segundo as ultimas estatísticas federaes conhecidas, havia 8.176 alumnos matriculados nas escolas primarias.

Ceará

Segundo a estatística official o Ceará em 1917 tinha uma população de 1.013.363 habitantes.

O Connecticut, na America do Norte, com 1.114.756 habitantes, tinha matriculados, só em suas escolas primarias, 211.769 menores, além de... 22.851 alumnos nas escolas secundarias. O Nebraska, com 1.192.214 habitantes, tinha matriculados só em suas escolas elementares 290.875 alumnos, além de 22.553 alumnos nas escolas secundarias. Porto Rico, com 1.118.000 habitantes, tinha matriculados em suas escolas elementares..... 151.562 menores. O Paraguay, com cerca de 1.000.000 habitantes, tinha em suas escolas primarias 66.894 alumnos.

No Ceará, em 1917, achavam-se matriculados nas escolas elementares 19.127 alumnos.

Rio Grande do Norte

A população do Rio Grande do Norte era calculada em 1917 em... 298.584 habitantes.

A Australia Oriental, com 314.000

habitantes, tinha em suas escolas elementares 56.898 alumnos. O Ducado de Saxe Meningen com 278.792 habitantes tinha matriculados em suas escolas elementares 48.923 alumnos. A cidade livre de Bremen, com 298.736 habitantes, tinha matriculados em suas escolas elementares 35.784 alumnos. No Hawaii, com uma população de 237.623 habitantes, havia matriculados em suas escolas primarias 30.205 alumnos, sendo que em escolas particulares havia ainda 7.741 alumnos matriculados.

No Estado do Rio Grande do Norte o numero total de alumnos matriculados em escolas primarias, segundo as ultimas estatisticas federaes existentes, era de 8.536 menores!

Parahyba do Norte

Era de 565.829 habitantes em 1917 a população da Parahyba do Norte. O grão ducado de Oldembourg, com 482.430 habitantes tinha matriculados em suas escolas elementares 82.334 menores. A Austrália do Sul, com 433.563 habitantes, tinha 60.729 alumnos nas suas escolas elementares.

Segundo a ultima estatistica federal, havia matriculados nas escolas elementares da Parahyba do Norte, 10.528 menores.

Pernambuco

A população de Pernambuco orçava em 1917 por 1.442.900 habitantes.

O Maryland, na America do Norte, com 1.295.000 habitantes, tinha matriculados em suas 2.476 escolas elementares 220.480 alumnos, com 6.222 professores. A South Carolina, com 1.515.400 habitantes, tinha matriculados em suas escolas elementares..... 415.766 alumnos, com 8.333 professores. A Colonia do Cabo, com..... 1.552.000 habitantes, tinha em suas escolas elementares 188.528 menores. Victoria, na Austrália, com 1.405.000 habitantes, tinha 24.227 escolas elementares como 6.095 professores e 250.264 alumnos.

No Estado de Pernambuco o numero de alumnos matriculados nas escolas primarias era de 29.922, segundo a ultima estatistica federal publicada.

Alagôas

A população de Alagôas era calculada em 1917 em 955.657 habitantes. A cidade livre de Hamburgo, com 1.015.707 habitantes, tinha em suas escolas elementares 115.607 alumnos. A Jamaica, com 831.383 habitantes, tinha em 1915-1916 escolas elementares em numero de 696 com 97.290 menores matriculados. O Maine, na America do Norte, com 742.000 habitantes, em 4.696 escolas elementares tinha 133.036 alumnos matriculados, e nas escolas de segundo grau 14.650 alumnos.

No Estado de Alagôas era de... 13.920 o numero total dos alumnos matriculados em escolas elementares, segundo os ultimos dados publicados pela estatistica federal.

Sergipe

Tinha esse Estado em 1917 uma população calculada em 458.866 habitantes.

Norte, com 430.000 habitantes, ti-

O New Hampshire, na America do nha matriculados em suas escolas elementares 76.929 alumnos e nas escolas secundarias 10.535 alumnos. O Saskatchewan, no Canadá, com.... 453.000 habitantes, tinha em suas escolas elementares 63.964 menores matriculados.

O Sergipe tinha 9.825 alumnos masegundo as ultimas estatisticas federaes publicadas.

Bahia

A população da Bahia era calculada em 1917 em 2.727.960 habitantes.

A Dinamarca, com 2.800.000 habitantes, tinha matriculados em suas 3.458 escolas primarias 396.000 alumnos. A Grecia, com 2.700.000 habitantes, tinha 3.551 escolas elementares com 4.461 professores e 259.854 alumnos. A provincia do Ontario, no Canadá, com 2.522.000 habitantes, tinha matriculados em suas escolas elementares 459.145 alumnos. A Indiana, nos Estados Unidos, com... 2.700.000 habitantes, tinha em suas escolas elementares 19.648 professores e 564.252 alumnos matriculados. Cuba, com 2.627.536 habitantes, tinha 289.692 alumnos matriculados em suas escolas elementares.



A Bahia tinha matriculados em suas escolas elementares 49.417 alumnos, segundo a ultima estatistica federal publicada, parecendo-nos esse algarismo assim mesmo superior á realidade.

Espirito Santo

Tinha este Estado em 1917 uma população calculada em 382.713 habitantes.

O ducado de Anhalt, na Allemanha, com 331.047 habitantes tinha em suas escolas elementares 40.871 alumnos. O Vermont, na America do Norte, com 355.000 habitantes, tinha em suas 2.465 escolas elementares, matriculados 65.050 alumnos, aos quaes leccionavam 2.992 professores.

No Espirito Santo, segundo a ultima estatistica federal publicada, havia..... 7.611 alumnos matriculados nas escolas primarias.

Rio de Janeiro

A população do Estado do Rio era calculada em 1917 em 1.053.000 habitantes.

A Nova Zelandia com 1.071.000 habitantes, tinha matriculados em suas escolas elementares 161.648 habitantes. O Uruguay, com 1.112.000 habitantes, tinha cerca de 1.000 escolas elementares com 97.393 alumnos matriculados e, em escolas particulares, 19.198 alumnos.

O Estado de Washington, na America do Norte, com 1.141.000 habitantes, tinha 3.404 escolas publicas elementares com 7.520 professores e... 210.166 menores matriculados, além de 518 escolas de segundo grau com 1.775 professores e 35.253 alumnos.

Segundo as ultimas estatisticas federaes, o Estado do Rio tinha matriculados em suas escolas elementares... 26.478 alumnos.

Capital Federal

Calculava-se em 961.822 habitantes a população do Rio em 1917.

O Estado de Connecticut, com... 1.114.000 habitantes, tinha em suas 1.369 escola elementares 211.769 alumnos matriculados e nas escolas de segundo grau 22.851 alumnos. A Florida, com uma população de 921.613 habitantes, tinha 170.505, alumnos ma-

triculados nas escolas elementares.

O Districto Federal, segundo a ultima estatistica federal publicada, tinha 57.523 alumnos matriculados em suas escolas primarias. Não queremos crer que isso seja verdade. A cidade de S. Paulo, com metade da população do Rio, tinha 63.284 alumnos matriculados em suas escolas primarias.

São Paulo

Em principio de 1817 tinha o Estado de S. Paulo uma população calculada em 4.067.927 habitantes.

A Suissa, com 3.880.500 habitantes, tinha em 1912: 4.396 escolas primarias com 543.216 alumnos; escolas de segundo grau com 23.618 alumnos do sexo masculino e 21.254 alumnos do sexo feminino; e escolas médias com 19.892 alumnos do sexo masculino e 9.233 do sexo feminino.

O Texas, na America do Norte com 3.896.542 habitantes, tinha em 1914 escolas primarias com 22.043 professores e 830.642 alumnos matriculados, além de 490 escolas de segundo grau com 1.961 professores e 43.420 alumnos.

No Massachusetts, com 3.366.000 habitantes, o numero de alumnos nas nas escolas primarias era de 604.023 e nas escolas de segundo grau de 88.240.

No Estado de S. Paulo em 1918 a matrícula geral, comprehendendo as escolas estaduais, municipaes e particulares, foi de 253.406 alumnos. Entre 7 e 12 annos, ha no Estado de S. Paulo 247.543 crianças sem escolas.

Paraná

Em 1917 a população do Paraná era calculada em 540.698 habitantes.

O North Dakota, na America do Norte, com 577.000 habitantes, tinha 6.780 escolas publicas com 186.341 alumnos, sendo 95.843 do sexo masculino e 90.507 do sexo feminino. Rhode Island, com 542.610 habitantes, tinha em 1915, nas escolas publicas elementares, 2.384 professores e 78.881 alumnos matriculados, além de 145 escolas de segundo grau com 316 professores e 8.183 alumnos.

O Paraná tinha nas suas escolas primarias 14.831 alumnos matricula-



dos, segundo as ultimas estatisticas federaes publicadas.

Santa Catharina

Tinha esse Estado 448.472 habitantes aproximadamente em 1917.

O Manitoba, no Canada, com.... 455.000 habitantes, tinha matriculados em suas escolas elementares 76.247 alumnos. O Brunswick, com 494.387 habitantes, tinha 79.033 alumnos matriculados nas escolas elementares.

O New Hampshire, na America do Norte, com 430.000 habitantes, tinha em 115 nas escolas elementares 2.493 professores e 76.929 alumnos matriculados e, nas escolas secundarias, 554 professores e 10.535 alumnos.

Em Santa Catharina era de 21.449 o numero de alumnos matriculados em todas as escolas elementares, segundo as ultimas estatisticas federaes colligidas.

Rio Grande do Sul

A sua população orçava em 1917 por 1.899.230 habitantes.

A Nova Galles do Sul, com..... 1.856.000 habitantes, tinha 265.446 menores em suas escolas elementares.

A Alsacia Lorena, com 1.871.702 habitantes tinha 251.795 alumnos matriculados em suas escolas elementares. O Mississippi, com 1.797.000 habitantes, tinha em 1914 em suas escolas elementares 10.593 professores e 492.756 alumnos matriculados, e, nas escolas de segundo grau, 570 professores e 10.323 alumnos.

Quebec, no Canada, com 2.000.000 habitantes, tinha 379.123 alumnos matriculados nas escolas elementares.

O Rio Grande do Sul tinha matriculados em suas escolas elementares 79.833 alumnos, segundo os ultimos dados publicados pela estatistica federal.

Minas Geraes

O Estado de Minas Geraes tinha em 1917 uma população calculada em 5.000.000 de habitantes.

Na Colombia, paiz de 4.832.000 habitantes, havia escolas primarias com 325.736 alumnos e 5.733 professores.

A Australia, com 4.836.000 habitantes, tinha em suas escolas elementares 733.169 alumnos. No Ohio, na America do Norte, Estado de..... 4.767.000 habitantes, havia em 1916 11.618 escolas publicas elementares com 26.669 professores e 840.117 alumnos matriculados em suas escolas elementares num total de 191.803 alumnos.

Mato Grosso

Contava esse Estado em 1917 uma população orçada em 179.579 habitantes.

A Tasmania, na Australia, com... 197.000 habitantes, tinha 35.355 alumnos matriculados em suas 455 escolas elementares. No Hawaii, com uma população de 190.000 habitantes, havia 171 escolas publicas com 804 professores e 30.205 alumnos matriculados. No Delaware, na America do Norte, com uma população de..... 202.322 habitantes, em 1915 havia 412 escolas publicas com 722 professores e 25.022 alumnos.

No Estado de Matto Grosso havia um total de 5.631 alumnos nas escolas primarias, segundo as ultimas estatisticas publicadas.

Goyaz

A população de Estado de Goyaz era em 1917 orçada em 328.804 habitantes.

O New Brunswick, no Canada, com 352.000 habitantes, tinha em suas escolas elementares 68.951 alumnos matriculados.

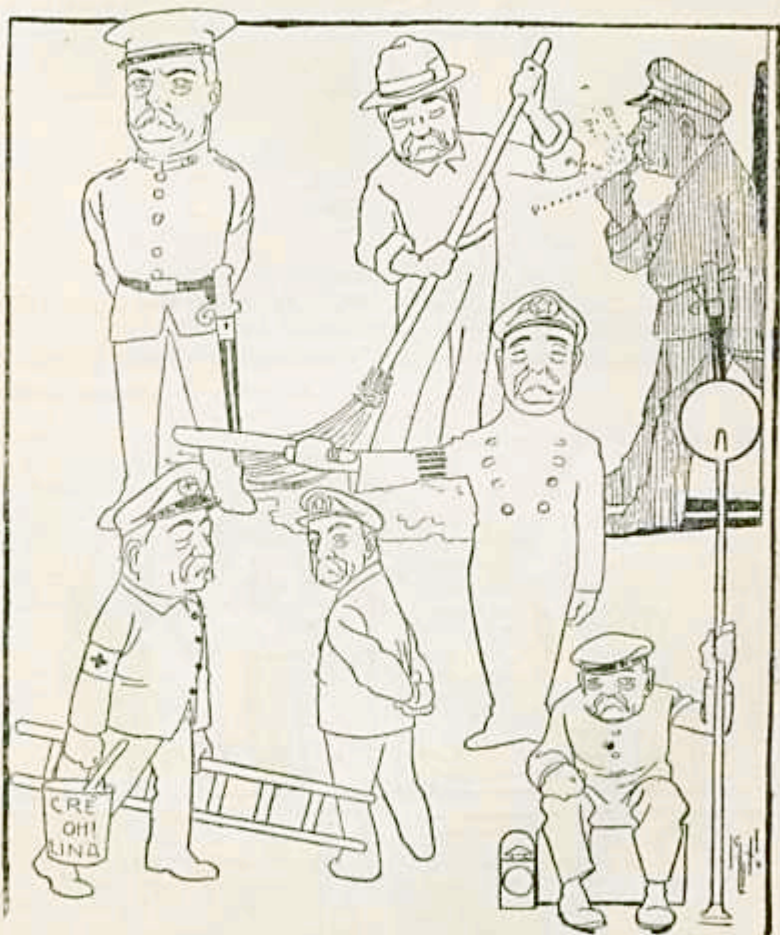
O Anhalt, na Allemanha, com.... 331.047 habitantes, tinha 40.871 alumnos nas suas escolas elementares. O Idaho, nos Estados Unidos, com 325.000 habitantes, tinha em 1914 nas suas escolas elementares 2.752 professores e 80.757 alumnos matriculados, sendo que nas escolas de segundo grau havia 6.105 alumnos e 392 professores.

Em Goyaz havia matriculados nas escolas elementares 6.454 menores.

esse fim. — MARIO PINTO SERVA (Do Estado de S. Paulo).

CARICATURAS DO MEZ

O Presidente Faz-Tudo



— O Presidente Epitácio, açambarcador geral dos cargos da administração, no exercício de alguns delles.

Kalixto - D. Quixote - (Rio).

Entre vapores de longo curso



- *Ruy* — Como foi de viagem o collega?
— *Epitácio* — Muito bem; no meu officio de *mensageiro* tenho achado sempre um mar bonançoso. E o illustre amigo?
— *Ruy* — Regularmente; o que me incommoda um pouco é o *calado*.

Kalixto - *D. Quixote* - (Rio)



Delamare - *D. Quixote* - (Rio)

Melindrosas



— Porque será que ellas enterram o chapéo até os olhos?

— Por pudícia; é para não verem o escandalo que provocam.

Romano - D. Quixote. - (Rio)

É' logico



— Você fique certo de que o deficit vae aumentar.

— Porque?

— Ora, pois não vê como os impostos estão subindo!

X. D. Quixote - (Rio)



Prefiram FALCHI, o melhor chocolate

O chocolate...

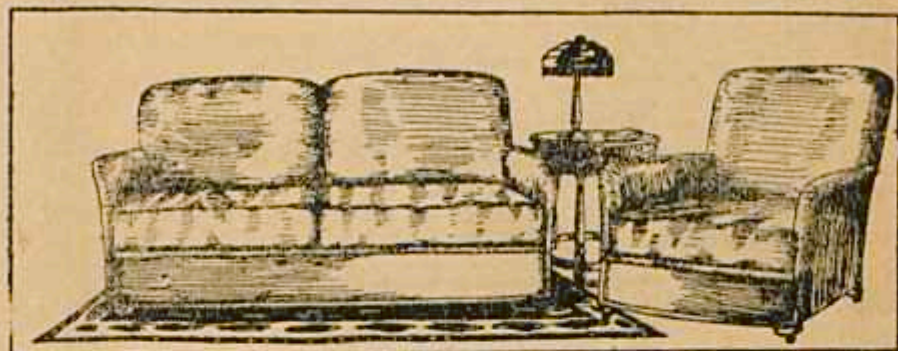


...é o melhor.

MAPPIN STORES
SOCIEDADE ANONIMA INGLEZA

MOVEIS DE COURO

□ □ □



Fabricamos estes moveis pelo mesmo systema usado para os sofàs e poltronas dos "Clubs" Londrinos. ::

São empregados couros dos melhores cortumes inglezes e todos os outros materiaes, de primeira qualidade. ::

Exposições na Secção de Moveis

MAPPIN STORES

R. S. BENTO, esq. R. DIREITA - S. PAULO

Aos Nossos Assignantes

A "Revista do Brasil" vai entrar no seu quinto anno de existencia, cada vez mais prospera, e tendo alcançado uma tiragem que era julgada impossivel entre nós. Apesar das difficuldades do momento, conseguiu este anno melhorar a parte material e vai começar o novo anno com novos aperfeiçoamentos que muito hão de agradar aos seus amigos. Approximando-se a época das reformas das assignaturas, lembramos de novo a offerta excepcional feita o anno passado. E um meio facil que os nossos assignantes têm de continuarem a sel-o sem nenhum dispendio. Bastará para isso angariar quatro novas assignaturas. Para maior facilidade, vai abaixo um boletim a encher:

BOLETIM

Illmo. Snr. Gerente da "Revista do Brasil"
Caixa, 2.B — S. Paulo

Peço-lhe incluir-me na lista dos assignantes para 1920, bem como aos quatro novos assignantes seguintes:

Nome

Residencia

Nome

Residencia

Nome

Residencia

Nome

Residencia

Envio-lhe a quantia de 60\$000 réis, importancia dessas quatro assignaturas, ficando com o direito á minha gratuita.

Nome

Residencia

INDICADOR

ADVOGADOS:

Drs. SPENCER VAMPRE',
LEVEN VAMPRE' e PEDRO
SOARES DE ARAUJO — Traves-
sa da Sé, 6, Telephone cent. 2150.

Drs. ROBERTO MOREIRA,
J. ALBERTO SALLES FILHO e
JULIO MESQUITA FILHO —
Escriptorio: Rua Boa Vista, 52
(Sala 3).

MEDICOS:

Dr. RENATO KEHL — Espe-
cialista em syphilis e vias urina-
rias (molestias dos rins, bexiga,
prostata e urethra). Cons. Rua
Liberio Badaró, 119. Tel. Cent.
5125. Res.: rua Domingos de Mo-
raes, 72. Tel. 2559.

Dr. SYNESIO RANGEL PES-
TANA — Medico do Asylo de Ex-
postos e do Seminario da Gloria.
Clinica medica especialmente
das crianças. Res. R. Bella
Cintra, 139. Consult.: R. José Ro-
nifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

Dr. SALVADOR PEPE — Es-
pecialista das molestias das vias
urinarias, com pratica em Paris.
— Consultas das 9 ás 11 e das
14 ás 16 horas. Rua Barão de
Itapetininga, 9, Telephone 3296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE
PROTETOS DE LETRAS E TI-
TULOS DE DIVIDA, NESTOR,

RANGEL PESTANA, tem o seu
cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Cor-
retor official — Escriptorio: Tra-
vessa do Commercio, 7 — Tele-
phone n. 393.

GABRIEL MALHANO — Cor-
retor official — Cambio e Titulos
— Escriptorio Travessa do Com-
mercio, 7. Telephone 393.

Dr. ELOY CERQUEIRA FI-
LHO — Corretor Official — Es-
criptorio: Travessa do Commercio
5 — Teleph. 323 — Res.: Rua Al-
buquerque Lins, 58, Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COM-
MERCIAL E BANCARIA LEONI-
DAS MOREIRA — Caixa Postal
174. End. Teleg. "Leonidas", São
Paulo. Telephone 626 (Central)
— Rua Alvares Pentendo — São
Paulo.

COLLEGIOS:

EXTERNATO Dr. LUIZ PE-
REIRA BARRETO — Admissão
aos cursos superiores da Repu-
blica para ambos os sexos —
Rua Carlos Gomes, 50 — Acacio
G. de Paula Ferreira.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO. —
Emilio Rocco. — Novidades em
casaca inglesa. — Importação
directa. Rua Amaral Gurgel, 20,
esquina da rua Santa Izabel. Tel.
3333 cidade — S. Paulo.

LIVRARIA DRUMMOND

Livros Escolares, de Ducto, Medicos, Engenharia,
Literatura - Revistas - Mapas - Material Escolar.

ED. DRUMMOND & COMP.

RUA DO OUVIDOR, 76 - TELEPH. NORTE, 5667 - End. Tel. "LIVROMOND"
CAIXA POSTAL, 785 - RIO DE JANEIRO

Peçam á "REVISTA DO BRASIL" os Annaes de Eu-
genia, grosso volume com todos os trabalhos, confe-
rencias e estudos da Sociedade Eugénica de S. Paulo.
— Preço: 8\$000, incluido o porte.

Phosphoros

Segurança

Marca

OS UNICOS QUE



Casa Nathan

S. Paulo

"Trevo"

SE EXPORTAM

A' Illuminadora



Artigos Electricos em geral

Motores electricos para
machina de costura e
para outros fins.

Lampadas Economica e 1/2
Watt

Candelabros e Abat-Jours
de seda para Electricidade

47, Rua da Boa Vista - S. PAULO

Foagerie - Horlogerie - Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galeria)

Pierres précieuses - Brillants - Perles - Orfévrerie - Argent - Bronzes et
Marbres d'Art - Services en Métal blanc inaltérable.

MAISON A' PARIS

30 - RUE DROUOT - 30

ALMEIDA SILVA & Cia.

Importadores de FERRAGENS, LOUÇAS, TINTAS e OLEOS

End.: Telegr. "AMSDIAS" - Codigo Ribeiro

Caixa Postal, 840 - Telephone N. 1002 Central

Rua General Carneiro, 13 SÃO PAULO

Obras de philosophia de Henrique Geenen

Compendio de Psychologia Experimental. 2. edição

Compendio de Logica. 5. edição

Obras elogiadas por Pedro Lessa, Franco da Rocha,
Osorio Duque Estrada, e outros homens de
responsabilidade.

Preço: 5\$000

A' venda em todas as Livrarias

CASA FREIRE - Louças, LIVROS e
Objectos de arte

José da Cunha Freire

Rua de São Bento, 34-b

Caixa do Correio 235 - S. PAULO - Telephone N. 867

TROCA-SE

por um lindo romance cada exemplar do N.
25 da Revista do Brasil que fôr enviado
para a Caixa N. 2-B, S. Paulo, Rua da Boa
Vista N. 52.

LOTERIA DE S. PAULO

Em 30 de Dezembro

100:000\$000

50:000\$000

50:000\$000

POR 7\$000

DECIMOS A 700 RÉIS

OS BILHETES ESTÃO A VENDA EM TODA A PARTE

João Dierberger

FLORICULTURA

S. PAULO

SEMENTES,

Caixa Postal, 458

PLANTAS,

TELEPHONES:

BOUQUETS.

Chacara, cid. 1006

DECORAÇÕES

Loja, central, 511

Estabelecimento de primeira ordem

FILIAL:

LOJA: Rua 15 de Novembro, 59-A

Campinas



CHACARA: Alam. Casa Branca

Guanabara

(Avenida Paulista)

:: Peça^m Catalogos ::

CASA DE SAUDE

Exclusivamente para doentes de
Molestias nervosas e mentaes

Dr. HOMEM de MELLO & C.

Médico consultor Dr. FRANCO DA ROCHA Director do Hospício de Juquery
Med. interno - Dr. TH. DE ALVARENGA Medico do Hospício de Juquery
Médico residente e Director Dr. C. HOMEM DE MELLO

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro
ALTOS DAS PERDIZES em um parque de 21.000 metros quadrados, constan-
do de diversos pavilhões modernos, independentes, arjardnados e laçados, com
reparação completa e figuras de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece
aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração
de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo.
Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem
de Mello, próximo á Casa de Saude (Alto das Perdizes).

Caixa do Correio, 12 S. PAULO Telephone, 560 :-:

ACIDO URICO - URICEMIA
CYSTITES - BEXIGA-RINS
RHEUMATISMO - CALCULOS
AREIAS - PYELITIS - UREMIA

ARTHRITISMO

BI-UROLO

SILVA ARAUJO

GRANULADO EFFERVESCENTE Á BASE DE
FOLHAS DE ABACATEIRO.

LACTIFERO

O ESPECIFICO IDEAL DAS MÃES

Preciosa descoberta da pharmaceutica JOANNA STAMATO BERGAMO



O LEITE MATERNO é o unico e verdadeiro alimento da criança. Qualquer outra alimentação traz perigos alarmantes ás vezes fataes. Se a senhora NÃO TEM LEITE ou tem LEITE FRACO ou de MA' QUALIDADE, use o LACTIFERO, porque além de estimular a secreção das grandulas mamarias produzindo um leite sadio e abundante, exerce tambem um effeio surprehendente quer na saude das mães, quer na dos filhos. Poderoso fortificante, restabelece a circulação e produz uma nova energia vital. Muito util ainda durante a gravidez, depois do parto e contra o rachitismo das crianças.

A' venda em todas as pharcncias e drogarias e no deposito geral:
PHARMACIA BERGAMO, rua Conselheiro Furtado, 111
— S. Paulo — Telephone, Central, 1108

PEÇAM PROSPECTOS GRATUITOS

Depositario no Rio de Janeiro:

RODOLPHO HESS — Rua 7 de Setembro n. 61

Importantes certificados que confirmam o grande valor do LACTIFERO:

Prezadissimos Srs. STAMATO e BERGAMO

Cidade — Rua Cons. Furtado n.º 111

Gratissimo fiquei pelos dois frascos de vosso optimo preparado "LACTIFERO", experimentado com resultado surprehendente e felicissimo por minha senhora, a qual, para os outros dois filhos teve que recorrer ao aleitamento mercenario e artificial, e agora pela primeira vez pode ella mesma amamentar o seu terceiro filho.

Rogo-vos enviar-me mais dois frascos para a continuação da cura.

Creio cumprir um acto humanitario recomendo aos meus clientes a vossa preciosa preparação e renovando os sentimentos de meu reconhecimento e com estima sou vosso devotissimo

Dr. FRANCISCO FINOCCHIARO.

S. Paulo, 4 de Agosto de 1918.

AGUA INGLEZA
TONICA
FEBRIFUGA E APPERITIVA
GRANADO

INDICADA NA ANEMIA, DEBILIDADE,
 IMPALUDISMO E CONVALESCENCAS

EXIJAM A
 NOSSA MARCA
 RECUSEM AS IMITAÇÕES



QUINIM. CARNE.
 LACTO PHOSPHATO DE CAL.
 PEPSINA E GLYCERINA.

VINHO
RECONSTITUINTE
GRANADO

TONICO-NUTRITIVO
 Na tuberculose,
 anemia fraqueza
 neurasthenia, etc.




EXIJAM A NOSSA
 MARCA

URIDINA O MELHOR DISSOLVENTE do acido urico.
 O MAIS ACTIVO dos antisepticos das vias urinaes.

Cura RHEUMATISMO, ARTHRI-
 TISMO, GOTTA, AREIAS, CYSTI-
 TES, PYELITIS, OBESIDADE, etc.

Granulado effervescente do Urotropino, Lyeol, Neo-Sódal e Lithina.

GRANADO & C. — Rua 1.ª de Março, 14, 16 e 18 ½ Blo de Janeiro

As machinas

Lidgerwood

*para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá.* :-:

São as mais recommendaveis para a
lavoura, segundo experiencias de ha
mais de 50 annos no Brasil. :-:

Grande stock de Caldeiras, Motores a
vapor, Rodas de agua, Turbinas e acces-
sorios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de zinco -
Ferro em barra - Canos de ferro gal-
vanizado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival pa-
ra conservação de correias.

Importação directa de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galvani-
sado para encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc. dirigir-se a
Rua São Bento, 29-c - 5. Paulo

